

Andreia Nascimento

A silhouette of a person with long hair, arms outstretched, standing on a beach at sunset. The person's reflection is visible in the water. The background is a vibrant orange and red sky over a dark sea.

Paixão em sonora

Da mesma autora de
Eu Prometo Tentar



PERIGOSAS NACIONAIS

Paixão
Em
Sonora

Andreia Nascimento

2017

PERIGOSAS ACHERON

Copyright© 2017.

Andreia Nascimento

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Leia outros títulos da autora na amazon:

Certezas do Amor

Para Ella, Com Amor.
Duologia Meia-Noite.
Meu Milagre é Você.
Eu prometo tentar.

*“Comecei a escrever histórias
Algo sobre a glória
Parece que sempre me entendia
Porque os únicos que eu realmente amo
Sempre irão me conhecer”
7 Years — Lukas Graham*



CAPÍTULO UM

Quando você chega ao ponto de colocar no *Google* a pesquisa sobre bloqueio criativo, a sensação que dá é que *você nunca foi criativo de verdade*. A Wikipédia me mostrou o óbvio.

“O que é *BLOQUEIO CRIATIVO*? – Writer's block (**bloqueio de escritor**, em inglês), também chamado de **bloqueio criativo**, é um fenômeno envolvendo a perda temporária da habilidade de continuar a gerar conteúdo, geralmente por falta de inspiração ou criatividade.”

Foca na última palavra. Sem CRIATIVIDADE.

Eu estou sem inspiração!

~~Sem inspiração!~~

E dói. É como meter uma faca dentro o meu peito e rodá-la até não haver um centímetro do cabo para fora, e ainda apreciar o sangue morno descer por minha roupa. Não há nada que eu faça para desfazer o bloqueio. Eu não o desejei, ele veio e se apossou de mim, mas eu não vou desistir – não posso, na verdade. Se eu desistir minha mãe vai – carinhosamente – me matar. Eu deixei tudo para trás para terminar meu primeiro romance, e foi a coisa mais corajosa que fiz – ou não.

Eu deixei um emprego que me pagava um salário mediano para voltar para a casa dos meus pais e escrever um livro. Minha mãe não ficou tão satisfeita com a parte de largar tudo, mas apoiou, acredito mesmo que ela queria que eu apenas voltasse para casa. É, minha mãe ama ter os filhos em casa.

Agora estou em meu quarto de infância, que também foi da adolescência, e algo que nunca esperei dizer é: é o mesmo da vida adulta.

Eu o transformei, está mais legal. Eu escrevo
PERIGOSAS ACHERON

em um blog, e faço vlogs esporádicos. Desde a faculdade de jornalismo eu executo essas atividades. No blog falo sobre o mundo literário. Como cresci nele, é algo bem natural, até. Mas eu gosto de escrever neles e só voltar várias semanas depois. Não é algo que consigo voltar e ver o que as pessoas estão achando sobre.

Mas, falando de coisas importantes deixa eu explicar a cena exata onde o bloqueio me pegou: a protagonista da minha história acabou de descobrir que está apaixonada pelo cara, até aí tudo bem, porém, eu não sei como ela se sentiu. Meus olhos nunca encararam alguém da forma que eu preciso descrever... eu nunca vive um amor ou até mesmo uma paixonite de verdade. Meu coração é mais duro, prefiro sempre algo mais físico e racional. Eu não posso escrever sobre amores épicos se nunca tive algo semelhante.

Você pode até discordar, mas essa é sua opinião pessoal. Se você já se apaixonou, ótimo, *great*, viva para você! Eu não consigo categorizar nenhuma quedinha por alguém como uma paixão avassaladora. Não que eu seja uma pessoa ruim,

mas eu nunca me senti assim em relação a ninguém, e você não pode me culpar. Eu não vivia ou vivo com caras nos livros, apenas. Eu saio de casa, não muito, mas saio. Mas se apaixonar requer algo mais do que um cara no bar ou no cinema. Requer compatibilidade, isso é fato. Tem que ter aquela chama, se fosse fácil de acontecer não haveriam pessoas sozinhas no mundo.

Eu estou em uma viela infinita e minha coluna dói.

Dói mais do que posso calcular, acredite em mim.

Um grito involuntário de desespero rompe minha garganta e em segundos toda a minha família está em meu quarto. Minha mãe segura um pano de prato, seus olhos parecem que irão pular da órbita – não duvidaria se isso acontecesse. Minha garganta está ardendo do bendito grito. Meu pai está me fitando como se tivesse esquecido de me dar aquela dose controlada de medicamento, e meu irmão, na verdade não sei o que ele está fazendo aqui.

— O que aconteceu, Giovanna? — meu pai e

PERIGOSAS ACHERON

sua voz grave me tiram do transe.

— Precisava gritar — respondo calmamente, minha mãe se afasta querendo mesmo é jogar aquele pano e mais algumas mobílias contra mim — Era somente isso.

Meus pais saem, menos meu irmão. Bufo para o teto, por que ele não pode ser um irmão normal e esquecer que eu existo? Eu realmente só queria gritar para tirar a frustração do meu peito. Não é um pedido de socorro. Não estou clamando por cura ou manicômio.

— O que foi, Gika? — Oh, apelido maldito. E ele sabe, vejo sua boca borbulhar de prazer só porque é o que menos gosto — Bloqueio criativo?

— Como você... — antes de terminar a frase me dou conta que a página da web ainda está aberta — Ben, eu preciso de um momento sozinha para lidar com essa catástrofe aqui.

Bato no peito como efeito dramático, mas não funciona muito bem.

— Não, você precisa sair — ele aponta para a janela. Pular do quarto andar não parece tentador

— Gika, desde que você voltou a morar aqui, sua vida se resume a este quarto. Não acredito que essa seja a vida que vai te inspirar. A não ser que você esteja escrevendo sobre as paredes brancas.

O reflexo dele está na tela do computador. Meu irmão está sem camisa, parece ter alergia a tecido. Ben e eu temos quase a mesma idade, minha mãe não esperou muito até estar grávida de mim. Mas sempre fui mais independente do que ele. Eu saí de casa no segundo em que pude pagar aluguel, Ben não sairá até meus pais o expulsarem, então é uma coisa meio que eterna, porque meus pais amam ter nós dois aqui.

— Cadê suas amigas? — ele insiste em manter o papo — Cadê as outras mosqueteiras?

— Você está perguntando pela Eli? É isso? — giro meu corpo junto com a cadeira e sorrio. Seu rosto está levemente corado — Qual é, Ben. A Eli tem namorado, e você sabe disso.

— A Eli tem namorado hoje — não, a Eli tem namorado desde o dia que a conheci, mas ele não entende — Vá encontrar suas amigas. Seja feliz, saia deste bloqueio, só quem pode tirar você disso, PERIGOSAS ACHERON

é você mesmo.

— Já pensou em escrever biscoito da sorte? — ironizo, não achando tanta graça assim — Obrigada, meu irmão. Mas se você topar um filme agora, posso me arrumar em dez minutos.

— Preciso estudar — ele passa a mão nos cabelos — É uma quinta-feira, amanhã tenho prova.

Estendo as mãos no ar demonstrando minha indignação, então retorno ao meu posto de lamentações que se resume em encarar o cursor pulsante sobre a página branca. O desespero dentro do peito é real, mais do que real, sinto minhas pernas tremerem só com a ideia de não terminar esse livro. Só esse pensamento faz correr calafrios reais por toda minha pele.

— Você está chorando? — nego sem virar para trás. Eu odeio isso sobre o Ben. Ele sempre sabe quando deixo o fracasso dominar qualquer coisa — Você tem dez minutos, Gika. Nem mais nem menos.

Mas quando Ben enfim virou as costas cedendo à nossa ida ao cinema, dá de cara com Eli e Bella.

PERIGOSAS ACHERON

As meninas o cumprimentam quase ignorando sua existência ali e passam direto, parando em frente minha cadeira. Ben fica ali sem saber exatamente o que fazer. Mas até eu estou assustada com a presença das duas ali. Não marcamos nada, então não estava as esperando.

— Giovanna! — Eli grita meu nome, em alguns segundos meus pais voltarão — Duas palavras para você.

— Não sendo Vodca e limão — respondo, as fazendo rir — Tudo bem, eu não aguento beber mais aquele negócio. Aquilo ficou para trás, hoje somos um espectro de adultos. Temos que fingir...

— Certo — ela revira os olhos impaciente — Perfeita Simetria terá o primeiro show em nosso estado depois que eles voltaram a fazer show, precisamos ir!

— Você está de sacanagem, não é? — meu coração pula forte. Essa banda me inspira, faz meu coração acelerar só em ouvir a primeira nota, meu livro é basicamente embalado por suas músicas — Quando?

— O show será no festival de Sonora — Eli
PERIGOSAS ACHERON

merece um tapa. Eu acreditei que o show seria em nossa cidade, não na última cidade do estado.

Levanto-me ficando ao lado das duas, meu sorriso é sarcástico, mas meu coração murchou como um balão furado. Quero beliscar elas, fazer sentir a dor que meu coração irradia nesse momento, mas ao invés disso apoio as mãos nos quadris, respiro fundo e deixo o que vir à mente ser a resposta.

— Está bem — as palavras soam surpreendente até aos meus ouvidos — Vamos à Sonora — elas se olham assustadas — Quando partimos?

— O quê? — o coral é tão ajustado e melódico que poderia acompanhar uma sinfonia e faria sucesso, com certeza. Ben cruza os braços em frente ao corpo, esperando uma explicação. Ou apenas querendo diminuir sua exposição diante delas.

Limpo a garganta, passo a mão sobre meus cachos domados e faço a melhor expressão esnobe que eu sei fazer.

— Vocês querem ir ao festival de Sonora — aponto para minha mala encostada na parede —
PERIGOSAS ACHERON

Nós vamos à Sonora. Eu ia ao cinema, mas óbvio que doze horas de viagem vai ser mais divertido.

Eli dá um passo para trás, Bella, um para frente, e segura meus braços como se eu estivesse tendo uma grande pane em todo meu sistema. O que é verdade.

— Sem brigas? — Bella tem a voz tão delicada que sempre me acalma — Você não vai reclamar? — Meneio a cabeça em sinal negativo — Apenas assim? — Assinto — O que há de errado?

— Nada — minto descaradamente, claro que é por causa do bloqueio. Se eu ficar em casa o final de semana todo, provavelmente irei morrer aos poucos — Eu só quero sair um pouco. Como iremos?

Dou de ombros. Eu não posso mudar de opinião? Claro que posso. Todo mundo muda o tempo todo. Por que eu não posso mudar de ideia sobre fazer uma viagem com meus amigos para salvar meu livro? Precisam ter mais fé em mim.

— Heitor vai dirigir — Eli dá um passo à frente, voltando para onde estava. Heitor é o irmão mais velho de Bella, mais velho quero dizer que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Heitor é mais velho que todo mundo nesse quarto, até Ben, e ele já me ajudou muito na minha breve carreira jornalística. — Na verdade, ele nos convidou. Como temos cinco espaços e somos quatro, acredito que será tudo perfeito. Podemos pegar sol, beber alguns drinks.

— Lucas não vai? — pergunto, cortando o pensamento da Eli.

— Não, Lucas não está muito bem — as palavras são acompanhadas com um dar de ombros desdenhoso — Somos apenas nós quatro.

Olho para Ben, que ainda está ali, estatelado, provavelmente esperando que eu desista da tal viagem, ou apenas admirando o topo da cabeça da Eli. Eu não sei o que passa na cabeça dos românticos incorrigíveis.

Tenho uma missão para esse festival: irei olhar todos os caras nos olhos, irei tentar ver suas almas embriagadas e ver se eu consigo cair de amores por uma. Eu preciso me apaixonar.

Eu preciso mesmo!

— Ben, você vem conosco — imponho, as

PERIGOSAS ACHERON

meninas rodam nos calcanhares, exalando alegria — Sua prova é no primeiro período, não é isso? — ele assente sem vontade — Eu vou, se você for.

Seus olhos passeiam entre Eli e Bella ali, encarando sua figura. Elas estão com as respirações agitadas como se estivessem em uma maratona.

— Vamos, Ben — Eli toca seu braço como fez comigo, mas diferente de mim, ele dá um sorriso considerado meio bobo — Vai ser divertido.

— Está bem — ele concorda facilmente. É isso, eu não sei o que é ser induzida por uma pessoa, só pelo sentimento vivo dentro de mim.

— Preciso avisar ao Heitor — Bella tira o celular do bolso e sai, nos deixando ali sozinhos.

Limpo a garganta, porque o momento Eli mais Ben está se estendendo. Eles estão se encarando e aquilo está me incomodando — muito por sinal.

— Ben? Não seria melhor colocar uma camisa? — brinco, então ele desce os braços, nos deixando ali.

Eli vira, sorrindo, mas eu estou séria. Por algum motivo eu não gosto do olhar dela sobre

Ben, ele gostar dela enquanto pega outras, para mim, está ótimo, mas Eli tem o Lucas, e eu não apoio nada que ela faça pelas costas dele. Eu adoro o Lucas de verdade. Somos amigos há bastante tempo.

— Estou feliz que você topou — ela desvia o foco, levando meus pensamentos juntos — Heitor está uma confusão. Parece que terminou o noivado, está uma bagunça. Os pais deles estão devastados.

— Heitor terminou o noivado? — isso não parece algo que ele faria. Ele beijava o chão que a noiva pisava.

— Não, a Francine desalmada fez isso com ele, ao menos eu acho que foi — agora está explicado — Você sabe que quando ela quer, sabe ser a pior pessoa do mundo. Não basta tratá-lo como capacho, precisava terminar tudo...

Ela se cala quando Bella volta ao quarto.

Meu coração se contrai ao pensamento de Heitor sofrendo. Ele é uma ótima pessoa e também um grande jornalista. Me ajudou com meu primeiro estágio que virou emprego e eu abandonei como amiga ingrata. Não consigo imaginar o que é

PERIGOSAS ACHERON

terminar um noivado, apenas tenho empatia por ele. Lembro que uma vez ele disse que a vantagem de se namorar alguém mais velho é que a pessoa não estar ali para brincadeira. Bem, esse não foi o caso da Francine e eu lamento por isso.

— Heitor amou a ideia do Ben ir — estreitei os olhos, não acredito que ele amou — Certo, ele disse que vai ser outra viagem se tiver com quem dividir o volante. É uma viagem longa e desconfortável, melhor dois motoristas do que apenas um.

— Eu sei dirigir — me defendo — Eu poderia dividir com ele.

— Certo, meu amor, ele nunca iria entregar o volante para você — volto a minha posição padrão, mãos nos quadris, exalando fúria pelos poros, e por aí vai — Eu já tentei dirigir para ele, mas ele não deixa.

Eli nega com a cabeça. Ninguém deixa a Bella dirigir, porque ela é uma péssima motorista e isso é fato. Não é problema com Heitor e sim com ela.

— Está bem — dou uma risada desdenhosa para Eli que entende exatamente do que estou falando — Vou arrumar a mala, assim que Ben

PERIGOSAS ACHERON

chegar da prova nós partimos. Está bem?

Elas se despedem de mim com um beijo e me joga um exemplar da revista que eu costumava trabalhar. Naquele momento sinto que foi um erro deixar tudo para trás. Estou me sentindo presa a um romance que não está progredindo. Estou presa a um sonho quase irreal. Eu ainda estou no processo de escrita, mas quando chegar a parte de crítica, será onde eu irei implorar por meu emprego de volta e vão me colocar para fazer testes sobre amor, carreira e dinheiro. Ou seja, nenhuma das coisas que tenho em minha vida nesse momento.

Eu preciso de uma paixão e eu vou encontrá-la em Sonora.

*“Estou bem acordada
E agora está claro para mim
Que tudo que se vê
Nem sempre é o que parece
Estou bem acordada
Sim, estive sonhando por muito tempo”
Wide Awake — Katy Perry*



CAPÍTULO DOIS

Assumir ter dificuldades não é fracassar. Um romance não nasce do dia para a noite, eu preciso sentir os personagens pulsando dentro de mim, eu preciso ser o fio condutor de ideias e sentimentos. É um trabalho difícil, muito difícil, por sinal, tão difícil que é uma guerra interna em apenas jogar tudo para cima e querer voltar rastejando para meu emprego antigo e salário horroroso.

Balanço a cabeça tão rápido para me livrar do pensamento que sinto meu pescoço estalar com o movimento brusco. Depois que eu decidi escrever,
PERIGOSAS ACHERON

também fiquei sedentária. Eu passo muito tempo analisando, revisando, apagando, me odiando, mais do que me movimentando. É um ciclo vicioso e inquebrável.

Jogo meu corpo sobre a cama bagunçada, soltando todo o ar preso no pulmão. Já estou achando que tudo isso é um desperdício de tempo, poderia realmente estar produzindo, mas não, na minha cabeça é mais bonito encontrar alguém para me apaixonar. Isso me deixa temerosa, apaixonar é uma palavra forte, no meu conceito. Apesar de que eu vi uma matéria sobre se apaixonar... psicólogos alegam que levamos dois segundos para nos apaixonar. *Dois segundos não são nada.*

Dois segundos é tudo que preciso para saber se é verdade.

— Gio? — a voz de minha mãe faz eu me sentar, ficando tonta com a rapidez do movimento — Calma, filha é só para lhe dar esse dinheiro.

— Eu não preciso, mãe — digo, recusando, mas com muita vontade de pegar — Eu tenho um pouco.

— Um pouco nunca é o suficiente — ela coloca

PERIGOSAS ACHERON

o dinheiro enrolado embaixo do meu nariz — Pegue, seu pai não se importa. Você sabe que não nos importamos em dar dinheiro ou ter vocês aqui.

Eu a abraço. Faz muito tempo que não faço isso, mas agora eu senti vontade. Eu deveria fazer isso mais vezes, mostrar que sou grata pelo apoio, mas eu sou fechada em mim, às vezes, e isso me incomoda de verdade.

— Eu sei — dou um passo para trás, mas não pego o dinheiro, então ela coloca sobre minha bolsa —, mas eu não quero incomodar.

— Meu amor — ela se aproxima e passa a mão em um gesto terno sobre meus cabelos. — Vocês são nossos filhos e isso nunca irá mudar. Quando eu tiver oitenta e você sessenta, ainda serei sua mãe. Não importa, Gio. Do segundo que vocês passaram a existir, vocês se tornaram nossas responsabilidades e será assim para sempre. Não é um sacrifício acolher um filho, nós sempre seremos responsáveis por vocês mesmo vocês achando que podem andar sozinhos.

— É por isso que o Ben não vai embora — brinco. Mas meu irmão não se importa em ser filho

PERIGOSAS NACIONAIS

da minha mãe e eu não deveria me importa também.

— É o mesmo que estou tentando fazer por você — ela sorri como se fosse um plano infalível — Agora, vá se arrumar, já, já suas amigas passam aí. Só não façam tanto barulho, está bem?

— Nós não... — não termino a frase, claro que fazemos barulhos. O prédio todo nos ouve quando estamos juntas. Parece que temos megafones acoplados nas cordas vocais — Não posso prometer — me rendo — e prometo manter Ben intacto com todo seu charme e integridade.

— Eu agradeço isso — ela dá as costas, saindo do quarto.

Um banho e eu estarei pronta para ir.

Hey, Sonora, aí vou eu.

*

— Você poderia ter terminado essa prova antes — digo para Ben assim que ele aparece na garagem da casa de Bella. Apesar de que só está Élide e eu aqui nesse momento.

Ele parece mais cansado do que deveria.

PERIGOSAS ACHERON

— Poderia — ele ironiza, dispensando cumprimentos — Na verdade, você não preferia que eu não tivesse feito? Qualquer coisa posso ligar para a professora e pedir que ela jogue a prova fora.

Uau! Que humor contagiante.

— Ben — respiro fundo, quase usando Eli como escudo humano — Desculpa, só achei que iria terminar mais cedo.

— A prova estava pior do que planejei — ele recosta contra o carro, cruzando os braços. A prova deve ter sido horrível, ele nem suspirou ao ver Élide, o que eu considero um costume *não-normal* da normalidade de Benjamin — E é a única matéria que me mantém naquela universidade. Não posso ferrar tudo outra vez.

Élide caminha bravamente até a frente dele e, em um gesto recorrente, toca o braço dele. O rosto dele suaviza como se fosse um toque de cura. Reviro os olhos. Isso me incomoda.

Será que irei perceber quando estiver apaixonada?

— Tudo vai ficar bem — ela atesta, como se

PERIGOSAS NACIONAIS

pudesse prever o futuro — Tudo que você precisa agora é relaxar. Viajar com as amigas de sua irmã e Heitor, claro.

Ele sorri e isso me faz querer socar o braço dele. Quer dizer que eu ganho todo estresse, mas um toque no braço faz ele se derreter? Espero que o cérebro dele também derreta.

— Falando nisso — ele se vira, procurando algo logo atrás dele — Cadê ele? A última vez o que o vi ele estava bem noivo.

— Ah, bem lembrado! — Eli intercala o olhar entre nós dois — Nada, nem na possibilidade mais remota, toque no assunto da desalmada. Não mencione o nome da Francine. Ele está bem agora, mas quer vê-lo brigar, mencione o nome dela.

— Isso não me parece algo que Heitor faria — analiso o pedido e a justificativa — Não parece mesmo.

— Na verdade, foi a Bella quem pediu — claramente. Bella sempre acha que pode proteger todo mundo —, mas você sabe. Não custa ter empatia e deixar esse assunto para lá.

PERIGOSAS ACHERON

— Concordo — assim que fecho minha boca ouço a voz dos dois nos encontrando.

Sorrio para eles. Bella está segurando uma mala gigante, mesmo quando a regra imposta por ela foi não trazer uma mala grande. Quando cheguei aqui fiquei sabendo que iríamos pegar o carro da madrastra dos dois. O que podemos chamar de um carro grande. Alguns anos atrás ela teve trigêmeos e precisava de um carro de sete lugares, ou não iria conseguir ir a lugar nenhum. O que veio a calhar agora. Ela está na casa da mãe ou algo assim, e por isso é possível que usemos o seu carro. Melhor parte, não iremos nos imprensar em cinco lugares.

— Eli, ainda dá tempo chamar o Lucas — Heitor diz, abrindo o porta-malas e arrumando como em um *Tetris* de bagagens desajustadas.

— Ele não pode vir — ela muda de assunto rápido — Vamos? Acredito que teremos que dormir em um hotel. Não gosto de pegar a estrada tarde da noite.

— Parece um plano — Ben concorda verbalmente, enquanto o resto só assente — Se vocês não se importarem, posso ir dormindo por

PERIGOSAS ACHERON

uma parte e depois troco a direção com Heitor. Acordei de madrugada e estou morto.

— Sem problemas — Heitor concorda — Quem será meu copiloto da vez? Gio, vamos nessa?

Assinto para a sugestão. Claramente sou a mais equilibrada naquele momento. Todos tomam seus lugares e como uma mãe chata, eu olho para trás para ver se todos estão com os cintos de segurança. Bella tira um livro da bolsa e me lembro que o meu ficou na mala. Só poderei pegá-lo quando pararmos.

Quando Heitor liga o rádio alguma música da Galinha Pintadinha surge fazendo todos levarem um susto, o volume do som estava ensurdecedor. Alguém está tentando o prêmio de mãe do ano.

O início de tudo é silencioso. Eu não quero falar besteira, inclusive quando eu fui instruída a não fazer, mas quem sou eu mesmo? A pessoa que não se importa muito em falar besteira.

— Sinto muito — digo, mesmo quando eu tentei não dizer — Sobre você e a Francine.

Ele não responde ou me olha. Heitor, por

muitas vezes, foi um bom amigo para mim, sábio, consciente e eu sinto que precisava dizer isso a ele.

— Prometo não falar sobre isso — continuo. Tento sorrir, mas sinto o desespero se formar dentro do meu peito quando ele não retribui o gesto — Heitor, desculpa...

— Apenas vamos focar em outra coisa — sua voz é tranquila. Assinto aliviada — Como está o seu romance?

Só um tiro atrás do outro. Eu tento juntar as palavras, uni-las em uma frase, mas não sai nada. Sinto um nó se formando em minha garganta e mantenho meus olhos fixos na estrada.

— Espero o dia que você deixará eu ler os primeiros capítulos — ele continua diante do meu silêncio. Eu estou morrendo só em todos saberem que estou escrevendo, ler é outra história. Outro universo — Você confia em mim, não?

Tento segurar o sorriso, aquilo soou engraçado aos meus ouvidos.

— Você sempre pediu opinião sobre seus textos quando trabalhávamos juntos na revista —

ele continua o monólogo ali, me sinto mal por não responder e aos poucos o conforto volta para que eu não o deixe sozinho naquele momento — Eu estou brincando, Giovanna.

— Eu confio em você, Heitor — respondo, usando o mesmo tom de brincadeira — Só que ainda não tenho material suficiente para expor, mas logo prometo presenteá-lo com os primeiros capítulos malfeitos. Se odiá-los, jogue no rio e esqueça meu número.

— Eu sei onde você mora — ele responde, tirando os olhos da estrada e me fitando — Não se preocupe, você sabe que sou gentil. Se seu romance for como seus artigos, eu posso esperar algo de alta qualidade.

— Você sabe fazer uma garota se sentir especial — ironizo — Eu me mudei. Só para você não perder a viagem.

— Eu te encontrei — ele pisca, me fazendo balançar a cabeça — Apenas me envie os capítulos. Provavelmente você está sendo mais dramática do que o próprio livro. Eu supervisionei seu estágio, sei do que é capaz quando senta em frente a um

PERIGOSAS ACHERON

papel em branco. A paixão que coloca nas palavras.

Exatamente, amigo. Eu não tenho essa paixão aqui. A necessária para meu livro, o tipo de paixão que não é por uma causa e sim por alguém. Eu não a tenho dentro de mim.

— Estou quase convencida — dou de ombros ainda sorrindo.

— Até voltarmos de Sonora eu terei convencido você de que tudo é capaz — estreito meus olhos esperando ele terminar aquela frase — Eu serei a pessoa ideal para ler seu manuscrito. Mesmo que seja a história de amor mais piegas do universo literário. E levando em conta que meu coração está neutro, eu serei imparcial no quesito amor.

Não respondo, apenas sorrio para ele. A única pessoa até hoje que pediu para ler o que estou escrevendo. E em um ponto isso me deixa muito feliz, é como se, pela primeira vez, alguém se importou que eu larguei tudo por um sonho improvável de suceder. Como se importasse realmente as palavras que eu passo o dia todo planejando colocar no papel.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem — digo inalando todo ar possível, como se houvesse uma onda de coragem pairando sobre o ambiente — Me convença, Heitor. E eu aceitarei sua crítica cruel e implacável.

— Me senti um ditador — ao invés de responder, eu aumento o som e John Lennon inunda o carro cantando Imagine.

Só tem meia hora de viagem e já em sinto melhorada. Ansiosa para chegar a esse festival e começar a olhar nos olhos de todos que estiverem lá. Dois segundo é tudo que preciso de cara com o meu suposto amor.

PERIGOSAS ACHERON

*“Espero que se apaixone
E que doa muito
A única maneira de saber
É se doando por inteiro
E eu espero que você não sofra
Mas aceite a dor
Espero que quando o momento chegar
Você dia [...]
Eu fiz de tudo”
I Lived — OneRepublic*



CAPÍTULO TRÊS

Heitor exibiu a todos a sua sabedoria sobre rock. Confesso que algumas coisas eu realmente não sabia. Foi bastante produtivo ver o que ele sabia sobre música, sua banda preferida da vida é The Beatles. Tentou fazer um *quiz*, mas fracassei facilmente. Ele é diferente dos caras que você conhece por aí. Poderia até afirmar que sua alma é

velha. Quando eu digo velha, quero dizer que ele tem uma densidade diferente, a forma como se comporta, como trata todas nós e por aí vai.

— O que você espera desse festival? — a voz dele me pega desprevenida no meio do devaneio — Eu estou indo porquê farei uma matéria sobre, mas você veio...

Ele deixa a suposta pergunta pairar no ar e posso vê-la como legendas sobre meus olhos. É engraçado como eu sinto vergonha dos meus objetivos. Não que seja vergonho, mas...

— Vim... — hoje parece o dia que perdi a capacidade total de me comunicar — Vim.... — ele intercala a atenção entre mim e a estrada e aquilo me deixa imensamente nervosa — Não sei. Eu estou com bloqueio — ele arqueia as sobrancelhas esperando mais explicações — Você sabe, quando não conseguimos escrever, eu precisava sair de casa. Respirar novos ares.

Ele assente levemente com a cabeça, me deixando mais nervosa.

— Viajar por doze horas com a trupe ali atrás vai tirar você desse bloqueio? — ele insiste. Eu

PERIGOSAS ACHERON

procuro os rostos sonolentos no banco de trás. Eli está dormindo com a cabeça apoiada no ombro de Bem, que faz de sua cabeça e cabelos volumosos um travesseiro ligeiramente confortável. Bella mantém o foco lendo, provavelmente deve precisar falar sobre esse livro para a revista — No que exatamente você travou?

Brinco com os anéis em meus dedos, tenho anel no indicador e no anelar. A do anelar eu, Bella e Eli compramos com nosso primeiro salário. É de prata e por dentro tem iniciais gravadas.

— Não acho que eu deveria discutir isso com você — tento me sair daquele papo.

— Por favor, Gika — o encaro de soslaio. Heitor sabe o quanto eu odeio aquele apelido. Uma vez ele me viu discutir com Ben sobre isso — Me entretenha. É uma viagem chata e eu tenho seu ingresso para o festival.

Seus olhos estão brilhando como se fosse um gato pedinte. Odeio me importar com ele.

— Eu achei que iríamos comprar os ingressos lá — volto para seu rosto e lá tem um meio sorriso que a beira o cinismo.

— Eu tenho um ingresso sobrando — ele dá de ombros, mudando as posições das mãos no volante — Me entretenha e ele será seu — outra vez meus olhos estão cerrados em sua direção — Com direito a *backstage*.

Só a menção daquela palavra fez meu corpo entorpecer. Meu Deus! Como assim eu tenho a possibilidade de conhecer a banda? Eu não estou acreditando nessa proposta. Passo uma mão na outra e no meio do caminho belisco meu braço. Aquilo precisa ser real, precisa ser real em todos os sentidos.

— Heitor, isso é golpe... — ele meneia a cabeça em um gesto como se saboreasse a vitória entre os dentes — Cadê? Eu preciso vê-los, aí nós conversamos sobre qualquer coisa.

— Te dou minha palavra, srta. Sanches — o velho apelido manipulador. Ele costumava me chamar assim durante meu estágio — É tudo que um homem pode ter. Eu jamais faria algo para descumpri-la.

— Nossa — coloco a mão no peito num ato para lá de dramático. Ainda bem que não quis ser PERIGOSAS ACHERON

atriz ou estaria morrendo de fome — Concordo, tudo que um homem de honra tem é sua palavra. Pode mandar isso por mensagem? Eu sou o tipo de mulher que gosta de evidências, prints tirados na hora, fazer cópias na nuvem.

Ele gargalha sem restrições, me fazendo o acompanhar.

— Desculpa, mas só tenho minha palavra nesse momento — ele tira uma mão do volante, descansando o braço sobre a perna. — Estamos sem rede, mas prometo fazer isso por escrito na nossa parada. Agora me diga: O que travou você?

Outra vez meus dedos frenéticos apertam os anéis contra minha pele. Sinto a tentação instantânea de destruir meu esmalte preto, tão bem pintado. Minha mãe quem pintou. Nós temos esses momentos, agora que ela não trabalha por causa de uma dor na coluna. Limpo a garganta e mesmo assim sinto as palavras presas ali. Eu quero confessar, ele está segurando meu sonho de conhecer músicos e eu só preciso falar, mas só a ideia de ele achar isso bobo me incomoda.

São medos irracionais, eu já conversei com
PERIGOSAS ACHERON

meus personagens sobre eles, mas nunca com alguém real que vá responder a minha loucura em voz alta. Porque em voz alta tudo parece pior e pintado de vermelho.

— Eu cheguei a uma parte... — começo, então ele abaixa um pouco o volume do som. Sinto meu coração acelerar, aquilo é íntimo, vive em meus pensamentos e eu estou expondo por causa de *backstage*? Mas, meu Deus, é o festival dos meus sonhos e Heitor é um amigo, ele não irá zombar de mim, ao menos não na minha frente. — Que preciso falar sobre amor — ele está sério. Como se estivesse ouvindo alguém que estava em um terremoto e ele precisa fazer a matéria para a revista. Eu gosto disso, ele está me levando a sério —, mas eu sinto que nunca... — mantenho meus olhos fixos nas árvores e matos ao lado da estrada — me apaixonei de verdade.

O silêncio dura por mais tempo que eu posso suportar. Balanço a cabeça em demonstração que aquilo não me afeta, mas a sensação é que acabei de comer uma bola flamejante.

— Eu entendo — suas palavras vêm suaves —

PERIGOSAS NACIONAIS

Deve ser uma sensação ruim.

Sinto-me uma péssima pessoa, na verdade. Seu semblante é neutro e me pergunto se a Francine surgiu em seus pensamentos, o momento que ele sentiu as tais borboletas no estômago, se é que homens sentem isso.

— Desculpa, Heitor — toco seu braço para chamar sua atenção, então seus olhos se prendem ao gesto — Foi insensível falar sobre isso, assim — tento continuar, mas eu só vou conseguir pedir desculpas.

— Então você veio a Sonora se apaixonar? — ele ignora meu pedido de desculpas e me sinto aliviada — Quando pretende começar?

Nossos olhos se encontram no meio do caminho e eu sorrio. Até que ele falando alto não parecia tão insano.

— Eu não sei — confesso sorrindo.

— Festivais são os melhores lugares para se apaixonar — sua observação me pega de surpresa — Provavelmente terá filas de caras para cortejá-la.

— Será que você pode usar termos

PERIGOSAS ACHERON

contemporâneos? — brinco, atrapalhando seu raciocínio.

— Se apaixone, Giovanna — ele pausa a mão no volume do som — Eu sugiro que tente se apaixonar desde o caminho, até lá terá várias paixões e sensações para colocar em seu romance. A veracidade dos sentimentos vende como água quando o autor sabe expor. Então, se apaixone como se não houvesse consequências, suas amigas estão aí para juntar os pedaços.

— Todo amor vem acompanhado de dor? — pergunto, enquanto ele aumenta um pouco o volume.

— Não, não em teoria — suas palavras são duras e seu olhar é distante —, mas é bom estar preparado para tudo.

— Você estava preparado para ser partido? — as palavras rompem minha boca mesmo antes de passar por meu cérebro.

— Não — a nostalgia em sua voz é palpável —, mas esse é o outro lado do romance. E você deve estar preparada para tudo que vier. Se não assumir os riscos, nunca sentirá seu coração bater

PERIGOSAS ACHERON

forte por alguém — ele me olha e sorri até os olhos — É isso que você quer, Giovanna? Nunca saber como é estar apaixonada?

Nego com a cabeça. Ele faz parecer ser algo único, porém com consequências, tipo comer aquela fatia extra de pizza. Talvez um dia você venha a se arrepender.

Não me sinto boba, me sinto compreendida e isso faz eu me sentir muito bem, por sinal. Parece que minha viagem tem realmente um objetivo real.

— Eu vou te ajudar — outra vez faço um movimento brusco demais para meu corpo, que reage irradiando dor por meu pescoço. Sua proposta me pega de surpresa e uma agitação começa a ferver dentro de mim — Durante essa viagem serei seu guia, vamos fazer você se apaixonar.

— O q...quê? — aquilo era minha missão e agora é nossa missão?

— Eu sei que não contou a trupe aqui atrás — ele faz um gesto com a cabeça e me presenteia com um meio sorriso — Senão elas estariam gritando aos quatro ventos nesse momento.

Assinto, concordando. Se elas soubessem, eu já estaria casada e no quarto filho.

Ele toca a barba por fazer como se precisasse dar credibilidade aquilo. Respiro fundo antes de aceitar.

— Está bem, Heitor — a palavra *backstage* grita dentro da minha mente. Sou uma vendida — Agora — pauso, sussurrando — Eu deixo você me ajudar, mas prometa que não irá falar nada para as meninas — ele sorri se divertindo — e muito menos a Ben. Você sabe que ele é meio possessivo e isso pode ser uma zorra.

— Ben não é tão possessivo assim — ele defende a classe — é que vocês, meninas, dão trabalho aos irmãos. Sabemos o que passa na mente de um homem quando vê mulheres bonitas em sua frente.

— E mesmo assim você quer me jogar aos leões — rebato.

— *Touché* — sorrio de sua resposta —, mas você não é minha irmã, Gio — tenho medo que meus olhos pulem da órbita com aquele fato dito daquela forma quase ofensiva — e eu irei ajudar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você, isso é uma forma de proteger você. Não me peça para vê-la como irmã. Isso é exagero.

Uma onda quente percorre meu corpo e se instala em meus pés ligeiramente inchados. Não sei se aquela proposta é boa ou ruim. Deixo o ar pesado se dissipar, mas está relutando em nos abandonar.

— Estou com fome! — Bella grita aos nossos ouvidos, me assustando com a altura da sua voz — Eu preciso comer!

— Já ouvimos, Isabella — Heitor repreende em um tom que ele usa somente para ela — Quando eu encontrar um lugar que possamos parar, irei fazer.

— Parece tão vago — responde, Heitor me olha como se não tivesse paciência —, mas irei dar o benefício da dúvida nessa. Do que vocês tanto conversam?

Meus olhos suplicam à Heitor sobre o tópico oculto. Ele dá de ombros para a irmã e sorri para mim.

— Sobre os cactos na beira da estrada — me viro o suficiente para ver seus olhos, ela realmente

PERIGOSAS ACHERON

parece acreditar naquilo — A vida. Qualquer coisa. Infinita Highway, conhece essa música? — ele me faz sorrir com a menção da música e ela retorce os lábios em puro desentendimento. — Você sabe que a Gika — trinco os dentes diante do apelido — é uma pessoa fácil de conversar.

— É, sim — ela concorda, colocando os fones de ouvidos de volta, sem dar muita importância para nós dois.

A encaro por alguns segundos, só para ter certeza que ela não vai voltar a nos atrapalhar.

— Você sabia que tem muitas pessoas na estrada indo para o festival? — a pergunta dele vem antes da minha confirmação com Bella.

— Não sabia, não — respondo em um suspiro.

— Olha — ele aponta com o indicador — Esses três carros a nossa frente, todos têm o adesivo que vem junto com os ingressos. E tenho quase certeza que o carro do meio é de um amigo.

O adesivo do segundo carro eu consigo ver, mas do primeiro não — que é o terceiro contando a partir de onde estamos. Quer dizer que não somos

os únicos a atravessar o estado para ir atrás de bandas. Isso faz eu me sentir bem.

— Na nossa primeira parada — Heitor chama minha atenção — acho que você deveria começar a testar. Se eles vão ao festival, deveria dar uma chance aqui mesmo. Provavelmente irão parar no próximo restaurante disponível na estrada.

— Você quer dizer que eu deveria me apaixonar em um restaurante de beira de estrada — ele assente a minha suposição — Heitor, para um cavalheiro que zela pela palavra sua sugestão é muito...

— Você quer uma paixão, Giovanna — sua voz ecoa dentro do meu cérebro — Não importa onde irá encontrar, o que importa é o que vai fazer aí dentro. Você precisa se dar uma chance. Eu irei ver o cara e, se eu aprovar, deixo ir em frente.

Um absurdo!

— Está bem — concordo, e a minha frente vejo um pisca-alerta ser ligado indicando que irão sair da pista.

— Bem — Heitor faz o mesmo caminho —

Acho que já iremos começar.

Que Deus me ajude.

*“Um dia desses
Num desses encontros casuais
Talvez a gente
Se encontre
Talvez a gente
Encontre explicação”
Pra ser sincero — Humberto Gessinger*



CAPÍTULO QUATRO

Heitor realmente conhecia o pessoal do outro carro. Eram rapazes, em sua maioria, pareciam viajar juntos. Uma impaciência reina dentro de mim. Eu não quero descer do carro, eu não quero procurar a paixão nos amigos de Heitor. Eu quero alguém sem precedentes. Não que eu possa topar no casamento dele.

— Eu já tentei acordar aqueles dois — Bella diz, abrindo a porta ao seu lado — mas minha fome está me corroendo, não posso esperar.

Assinto antes de ela sumir da minha frente. Abro a porta, indo até o banco antes do banco que Ben e Élida dividem. Toco o ombro dele, mas sem resposta. Eles dormem pacíficos, como se seus corpos se encaixassem e fosse confortável a troca de calor ali. Não deixo de repreender a cena em meus pensamentos.

— Ben — chamo com cuidado. Não quero assustá-lo — Ben, vamos comer.

Ele abre os olhos, reconhecendo o ambiente. Sorrio para sua cara assustada. Ele realmente tem os olhos lindos — que eu não herdei. Na verdade, Ben e eu não parecemos irmãos quando você nos olha pela primeira vez, mas isso é um fato que já aprendemos a conviver. As perguntas inconvenientes por meu irmão ser caucasiano e eu negra. Mas já temos a resposta que passamos a vida inteira dando: não somos adotados e foi Deus quem quis assim. Até lembro o dia que minha mãe disse isso. Erámos pequenos quando começamos a nos

justificar. Não, isso não é normal. Nem de longe, mas o mundo faz questão de ter padrão e, bem, ele e eu não somos um padrão genético, e mesmo assim somos irmãos biológicos. É um “foda-se” bem discreto ao mundo.

— Não quero acordar a Eli — ele responde, passando as mãos carinhosamente sobre os cabelos de Eli. Sinto vontade de bater sobre sua mão.

— Ben, não é opcional — uso meu tom de voz normal contra o dele sussurrado — Élida tem namorado. Quero que você foque nessa parte importante.

— Não estou ignorando esse fato — ele se defende, ainda mexendo nos cabelos dela — Ela quis um ombro para se apoiar, eu cedi o meu. Que espécie de amigo eu seria se não deixasse ela usar meu corpo como travesseiro?

— O tipo de amigo que... — limpo a garganta, esses sussurros estão acabando com minhas cordas vocais — Vocês não são amigos.

Ele sorri pretensioso. Que merda. Ben é um jogador, ele sabe o que fazer e quando deve fazer. Ele toca a pele de Élida, a acordando com carinho,
PERIGOSAS ACHERON

como ele nunca faria comigo – quer dizer, depende do nível de irritação que ele foi dormir, mas geralmente se resume com ele jogando uma almofada na minha cabeça.

— Não somos amigos — seu meio sorriso preguiço me faz querer socar sua boca — E isso é o que deixa tudo especial.

Seguro Eli pelo ombro e sacudo com toda força que possuo. Ela abre os olhos assustada. Eu não me importo, só quero que aquele papo acabe logo. Eli não merece isso.

— O que aconteceu? — ela se afasta do ombro dele como se seu corpo pegasse fogo. Ben sorri carinhoso e amigável — Nossa, Gio. Só precisava me chamar. Bati minha cabeça.

— Mas eu chamei — digo, inocente, então Ben passa a mão onde ela apontou a dor — Só não quero deixar minha melhor amiga e seu querido irmão com fome, afinal, já são duas horas de viagens.

Eli parece alheia ao meu sarcasmo, já Ben entendeu tudo direitinho. Ela pega a bolsa preta pequena que está ao seu lado e sorri, saindo do

PERIGOSAS ACHERON

carro. Ben me fita, me desafiando a atrapalhar aquilo para ele. De longe vejo Heitor me chamando com um aceno de mão.

— Deixe a Eli ir comigo na frente — Ben pede assim que colocamos nossos pés em terra firme — Você teve seu momento com o irmão de sua amiga. Agora deixe seu irmão ter um momento com sua amiga.

— Ben... — repreendo, mas sei que ele está fazendo isso para me irritar — Por que a Eli? — eu sei *porque a Eli*. Ela é simplesmente linda, seus cabelos parecem ter sido feitos por encomenda para seu rosto, e sua personalidade meio arrogante a deixa com um charme a mais quando se conhece o grande coração que ela leva dentro de si. — A Bella é solteira e linda.

— A Bella não é a Élide — sua voz tem um tom diferente, sem brincadeira ou falsidade. Ele foi verdadeiro ao responder aquilo. — Você não entende, Gika. Nunca entendeu e talvez nunca vá entender.

Fico ali parada, no meio do sol ardente. Heitor está em uma conversa agitada com seus
PERIGOSAS ACHERON

conhecidos. Bella e Eli estão vendo seus reflexos nas portas de vidro. Bella não é Eli, e isso é um fato, elas são distintas. Bella tem os cabelos loiros tingidos que parecem ser sua coloração natural, ela compartilha a mesma tonalidade de olhos que o irmão, aquele castanho claro que passa por várias variações e termina em um verde tímido. Além de tudo ela é delicada, paciente e positiva. Já a Élide tem aquela pele de dar inveja, nunca vi alguém se cuidar tanto. A vaidade reina nela sem a deixar fútil, sua pele negra tem um brilho invejável e os olhos de todos se voltam quando ela entra em qualquer recinto. Mas além de tudo Élide é notável por sua personalidade singular. Você nunca irá querer entrar numa briga com ela, seria uma grande pacificadora se esse fosse seu trabalho. Então Ben tem um motivo para gostar de Eli, eu tenho os meus para não querer ele perto dela, mas acho que esse julgamento não é meu.

Ben para quando percebe que não estou ao seu lado, seu cabelo reflete no sol da tarde, e em um movimento impaciente ele passa a mão na barba que está começando a aparecer. Caminho em sua

direção, então ele passa o braço sobre meu ombro, me abraçando.

— Olhe aquele sorriso — Bella e Eli estão gargalhando — Eu nunca vi alguém gargalhar com tanta vontade, e isso é admirável.

— Ben — digo, me afastando de seu corpo — Você está sobre o efeito de alguma droga que você tomou em algum laboratório na faculdade?

— Ben! — Élide grita antes mesmo de estarmos perto. Ali está a droga dele.

Antes de eu me aproximar do grupo sou roubada por Heitor, que me encaminha até uma bomba de combustível que está desocupada. O restaurante fica ao lado de um posto de gasolina.

— Você precisa de dinheiro? — pego a bolsa, então ele abaixa o objeto com a mão e nega com a cabeça.

— Quero saber se você está pronta — sua resposta vem diferente de tudo que planejei. Ele iria levar adiante aquilo mesmo? — Tem três amigos, todos vão ao festival.

— Você deve estar me zoando — procuro por

todos, mas já sumiram — Heitor, eu não vou cair de amores por um amigo seu.

Ele cruza os braços em frente ao corpo em uma posição autoritária. A vida dele deve estar um tédio sem tamanho desde que Francine o deixou, por que não é possível que um cara que tem um propósito de vida queira mesmo me ajudar com isso.

— Antes um amigo do que um inimigo — reviro os olhos para aquela resposta — Você poderia tentar, Gika — bufo para o teto de metal. — Por favor, abra seu coração.

Ele toca o próprio peito fazendo eu encarar seu corpo inerte em um gesto ridículo. E como tudo pode piorar, ele pega minha mão e leva até seu suposto coração.

— Você precisa sentir o seu acelerar. — Tento puxar a mão, mas ele segura entre as suas — Está bem. Se você prefere um estranho, que seja, mas eu preferiria um amigo.

— Heitor — chamo sua atenção, puxando enfim minha mão para mim — Eu não acredito que funcione assim. Você me colocar na frente de um deles e meu coração vai enlouquecer de amores...

— Você não está facilitando. — Dou de ombros, aquele ponto ainda posso escolher, é só o início da longa jornada. — Mantenha a mente aberta. Vamos — ele segura minha mão, me tirando dali. — Estou com fome, no caminho de volta nós conversaremos sobre isso.

— Não há o que conversar! — Seus passos são largos e eu tento acompanhar, já que nossas mãos estão unidas.

— Sempre há. — Ele atesta assim que passamos pela porta de vidro. — Seu plano é me entreter, lembra? Isso significa a viagem de ida e volta. É um ingresso caro.

— Heitor... — Tento repreender, mas estamos na mesa onde todos, inclusive os amigos de estrada, estão sentados. É uma longa mesa compartilhada.

Ele me coloca ao seu lado, e fico entre ele e um amigo. Ele sorri em um gesto simpático e eu devolvo. Ele é bonito, olhando de perto. Ben está conversando com Eli na outra ponta da mesa, e Bella continua com os fones e o livro enquanto come um hambúrguer.

— Não vai apresentar sua amiga? — Uma voz

PERIGOSAS ACHERON

grossa e desconhecida me tira do transe, mas a pergunta que estava me rondando era: Por que só a Bella tem comida? — Oi, sou o Marco.

O rapaz ao meu lado estende a mão em minha direção, mas meus pensamentos ainda estão nas batatas que Bella coloca na boca.

— Giovanna? — Heitor chama minha atenção e sinto minha barriga protestar — Está bem?

Enfim pego a mão do Marco. Eu ouvi o nome dele, só não consegui reagir diante do cheiro da gordura do hambúrguer. Eu estou faminta. Bella deveria ter pedido dois.

— Desculpa, Marco — aperto sua mão em cumprimento. — Meu nome é Giovanna.

— Posso pegar algo para você? — Eu estou encarando seus lábios bem feitos — Giovanna?

— Ainda não sei o que irei querer — respondo, enquanto Ben e Eli recebem seus pedidos. Me viro para Heitor, furiosa. Ele parou para comer, não fazer de mim sua atração de circo particular. — O que você vai comer? — Antes de Heitor responder, fico em pé — Eu quero o mesmo. Estou indo ao

banheiro. Licença.

Preciso lavar o rosto. Toda essa revelação me deixou exausta. Quero saber porque Heitor está colocando tanta energia nisso. É como dar aquele empurrãozinho, mas parece ser para o precipício.

Me olho no espelho, meus cabelos ainda estão no lugar. Depois da água no rosto me sinto melhor, então decido voltar logo, antes que eu desmaie de fome.

Gostaria muito de poder sentar ao lado do meu irmão. Nesse momento queria sentar ao lado dele, mas provavelmente não seria notada. Ele e Eli estão conversando tão animadamente que faz minha barriga protestar. Quando meus olhos alcançam Heitor ele aponta para o prato onde eu estava sentada. Caminho envergonhada e me sento ao lado do tal Marco, que mesmo depois da minha estranheza, sorri gentil em minha direção.

— Heitor me disse que você é jornalista. — Marco volta a puxar papo — Bacana. Isso diz muito sobre como vocês se conheceram.

— Na verdade, — puxo na memória como eu conheci Heitor — Eu o conheci porque ele é irmão

PERIGOSAS ACHERON

da minha amiga. Apenas isso.

— Amiga? — ele pergunta, assustado — Sua irmã está aqui?

Lógico que ele sabe quem é Isabella. Heitor aponta com cuidado para a irmã e eu me pergunto por que ele demorou tanto para notar.

— Aquela é a pequena Bella? — seus olhos brilham enquanto ele intercala o olhar entre Heitor e a *pequena* Bella — Tem anos que não a vejo.

— E eu prefiro assim — Heitor diz e pega uma batata do meu prato, fazendo com que eu bata em sua mão. — Sua batata está melhor que a minha.

Nego com a cabeça e em um gesto inocente ele coloca uma batata de seu próprio prato em minha boca e, sem sombra de dúvidas, as minhas batatas estavam melhores.

— A sua está murcha — faço cara de nojo — e frias.

— Pois é — ele olha em direção ao balcão. — Acho que o mestre cuca ali está paquerando você. — O cara piscou para mim em um movimento descarado que até Ben notou, e lançou um olhar

feito para ele. Quis sorrir. Ben defendendo minha honra é bonitinho. — Ganhou batatas quentinhas, enquanto eu fiquei com as que estavam frias no canto da cozinha. Ser bonita tem suas vantagens.

Ele continua comendo minhas batatas e só agora percebi que não estou mais dando atenção ao pobre Marco, mas quando me viro, o encontro em uma conversa acalorada com Bella.

— Não é assim — me defendo. Será fácil me apaixonar por alguém quando só penso em comida? — Como ele sabia que era para mim?

— Porque quando eu fui até o balcão eu disse: Para mim, um x-bacon — ele conta a história em um tom de narração. — Antes que eu terminasse a frase ele perguntou: E a moça? Então respondi: O mesmo.

Coloco a mão na boca, me segurando para não gargalhar daquilo. Talvez foi o modo como Heitor falou que irritou o mestre cuca, como diz ele.

— Se você tivesse pedido dois x-bacons não teria acontecido isso. — Ele pega a última batata e coloca em minha boca novamente. — Você tentou ser engraçadinho com quem faz sua comida, isso PERIGOSAS ACHERON

não é legal.

Ele assente, concordando. Bella solta uma risada sonora que invade todo o ambiente levando todos os olhares em sua direção. Ela toca o ombro de Marco e Ben sorri para os dois. Por que sempre parece que eles estão em outro universo, e eu nunca estou inclusa na piada?

— Marco? — Heitor chama a atenção dele. — Acho que você tem uma estrada para pegar.

O aviso foi o suficiente para Marco entender exatamente o que ele queria dizer. Ele está tentando proteger a irmã e eu estou tentando proteger minha amiga do meu irmão. Papéis inversos.

Marco se despede e seus amigos o acompanha. Ben também nos chama para voltarmos à estrada. Eles vão saindo e no final resta somente nós dois ali.

— Marco era o suficiente para mim, mas não para Bella? — digo, aquelas palavras se prenderam a mim assim que ele pediu que Marcos se retirasse dali.

— Não foi isso que eu disse. — Ele bebe o

último gole de seu refrigerante e fica em pé. — Eu concordo com você em a pessoa ser desconhecida. Só estava testando seu limite. Até onde você está disposta a ir. Agora entendo sua preocupação, seria estranho você tentar me entreter contando como foi com ele.

— Você acha mesmo que eu irei contar a você?
— falo mais leve. O resto do grupo já está chegando ao carro, enquanto nós dois estamos bem atrás.

— Promessa é dívida. — Ele dá de ombros, esbarrando propositalmente em mim.

— Já não me parece tão tentadora sua proposta de *backstage*. — Ele joga as chaves para Ben. — Eli, você pode acompanhar o Ben? Heitor e eu temos assuntos inacabados.

— Temos? — Dou uma cotovelada de leve em sua costela, mas sou surpreendida por um corpo firme. — Ah, temos sim. Gika está me devendo.

— Você sabe que ela odeia esse apelido? — Ben pergunta baixo e diretamente para Heitor.

— Sei, e é o único motivo de eu usar. — Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

responde, como se aquilo fosse realmente uma vitória.

— Tão maduro... — desdenho, entrando no carro.

Sentamos lado a lado. Ele vira seu rosto apoiado no encosto do carro. Suspiro, deixando minha mente girar com as últimas duas horas.

— Você está com medo — sua voz é um breve sussurro — Você não pode ter medo, Giovanna.

— Não estou com medo — digo sem forças — é só... — enfim fito seus olhos brilhantes. — Não parece algo real. Algo que eu possa controlar.

— Essa é a graça do amor. — As palavras vindas dele deixam aquilo cômico. O cara acabou de ter o coração partido e o futuro jogado fora, mesmo assim consegue ser otimista sobre tudo. — Ele pode te machucar, e eu acredito que em algum momento ele vá, mas fisicamente é uma das melhores coisas que pode te acontecer.

— Parece que você quer que eu me ferre — respondo. Ele sustenta um sorriso preguiçoso.

— É exatamente isso que quero — ele fecha os

PERIGOSAS ACHERON

olhos e deixa o ar sair. — Acabou de descobrir o meu plano maligno.

— Vai dormir, Heitor — ele assente já com os olhos fechados, e eu faço o mesmo.

Medo é o sentimento que me domina, no geral. Eu estou com medo de me entregar a alguém, mas acredito que esse é um medo que todos temos. Abro meus olhos novamente e encaro sua expressão tranquila, como se sua dor não fosse real. Mas, e se uma decepção não doesse tanto assim?

*“Fomos vítimas da noite
A química, física, kryptonita
Desamparado e a luz se apagou
Oh, nós nascemos para ficar juntos
Nascemos para ficar juntos
Shut up and Dance — Walk the moon*



CAPÍTULO CINCO

A escrita é um exercício diário. É algo que você pratica e leva à perfeição, talvez não a sua perfeição – acredito que nunca nos sentimos bons o suficiente para aquilo – mas, bem, é algo que é aperfeiçoado com o tempo. Eu sempre escrevi, não algo completo, mas sempre apareceram diálogos aleatórios em minha mente. Poxa, eles eram divertidos. Muitos até melhor que a realidade.

Quando criança, eu sempre flutuava para outro mundo com facilidade. A necessidade de escrever um romance não nasceu da noite para o dia, nasceu PERIGOSAS ACHERON

da constância de planejar diálogos que nunca seriam usados, desperdiçados pela mente viajante. Piadas que não voltam, mas quero pensar nisso como um exercício, algo que eu articulava para ficar melhor.

O dia em que eu decidi deixar meu emprego, foi um dia fácil, até. A ideia do romance veio à mente e eu olhei para Bella, que fazia uma resenha sobre um livro que tinha lido – ela sempre lê os livros que alcança, os mais vendidos, e faz resenhas sobre eles, na sua maioria ela realmente defende o mérito de mais vendido, mas nem sempre. Eu fiquei imaginando se fosse meu livro, minha amiga que lê em média dois livros por semana para o trabalho, será que ela teria um senso crítico separado da amizade? Talvez seja o motivo de ela nunca ter pedido para ler, o medo de não ser bom e me partir ao meio. Isso é boa amizade ou má amizade?

Sinto o carro parar e, quando olho pela janela, está escurecendo. Eu não dormi, apaguei. Devia ter visto o dia se transformar em noite.

Heitor tem fones de ouvidos e parece alheio ao

PERIGOSAS ACHERON

ambiente. Não falo nada, me mantenho observando sua calma.

— Não pode se apaixonar por mim, Giovanna — as palavras dele me pegam de surpresa —, mas fora isso, acho que chegamos a nossa parada.

Não respondo. Ao invés disso, abro a porta do carro, saindo. Eu acabei de acordar e não estou pronta para brincadeiras ou insinuações. Eu estava olhando para ele, como eu estou olhando para esse poste de iluminação pública à minha frente. Não admirando romanticamente.

— Eu estou brincando, Gika — sua voz chama minha atenção, então apenas assinto. — Era somente brincadeira — ele se aproxima, tocando em meu braço.

— Muito engraçada, por sinal — desdenho, realmente querendo sorrir daquilo. — Não me toque, você pode se tornar irresistível para mim.

— Seria interessante — ele diz, observando a fachada do hotel de quinta categoria. Cerro os olhos para suas palavras. Será que ele está se ouvindo? *Interessante?* — Como será, meninas?

Ele pergunta em direção a Eli e Bella, que estão à frente de Benjamin, como se protegessem seu corpo dos danos externos.

— Acho que podemos dividir um quarto de casal e dormir juntas. — Eli sugere, e Bella já está concordando. — Será como na faculdade.

— Essa cena teria outra tonalidade — Ben se manifesta, passando as mãos nos cabelos e usando seu tom mais divertido possível — se minha irmã não estivesse no meio.

— Para! — Eli bate em seu peito, praticamente encostando a cabeça sobre ele. — E vocês podem dividir um quarto duplo.

— Seria uma cena que teria outra tonalidade — digo, olhando para Ben — se meu querido irmão não tivesse no quarto.

Pisco para Heitor, adentrando a recepção do hotel. Homens adoram esses jogos psicológicos, eu também gosto, às vezes.

O recepcionista me atende com gentileza e digo o que decidimos lá fora. Pego as chaves e entrego a do quarto dos meninos a Ben. Heitor está virando

para a porta de vidro e eu paro ao seu lado.

— Os meus colegas estão hospedados aqui. — Ele aponta para o carro que vimos mais cedo.

— Aí, meu Deus! — finjo animação. — Eu preciso me apaixonar pelo Marco! Cadê ele?

— Achei que tínhamos concordado que não seria conhecido... — Seu tom é sóbrio, inverso ao meu.

— Claro, mas eu estou voltando atrás — digo, girando em meu próprio eixo para ir atrás das meninas. — Acho que Marco será um bom partido. Pior será não me apaixonar de jeito nenhum.

Quando passo pela recepção, o rapaz responsável pede para eu parar, respondo ao seu sinal me prontificando a sua frente. Ele sorri gentil depois de um longo suspiro. Talvez esse hotel nunca esteve tão cheio.

— Hoje terá uma festa na área externa. — Ele aponta para o corredor. — Será na piscina. Leve seus amigos e seu namorado também.

— Obrigada, mas ele não é meu namorado — digo, assim que Heitor passa em direção as escadas

e sorri para mim — Somos todos amigos.

— Ah, eu acredito. — Seu desdém me ofende e eu o deixo ali, acreditando em sua própria suposição.

Encontro Heitor no segundo lance de escadas, encarando a tela do celular como se ali estivesse estampado a pior imagem do mundo, mas antes de eu chegar ao seu lado ele se livra do aparelho, colocando-o no bolso.

Passo por ele em silêncio. Não parece a melhor pessoa para conversar nesse momento. Ele acelera os passos, me acompanhando na subida, quando menos espero estamos em uma disputa silenciosa de quem chega ao segundo andar primeiro. Sinto meus pulmões arderem em suplício por ar, mas nossa gargalhada ecoa por todo hall quando enfim acabamos com a corrida maluca.

— Eu ganhei! — Ele levanta os braços em vitória me fazendo revirar os olhos mesmo quando minha pressão está baixa por subir tudo isso correndo. — Você me deve...

— Não te devo nada — me recomponho. — Você quem me seguiu, eu só estava fugindo de
PERIGOSAS ACHERON

você.

— Três doses de tequila e uma verdade — ele dá dois toques seguidos na porta de madeira. — Eu ouvi que terá festa na piscina. Espero que tenha trazido seu biquíni.

Respiro para falar, mas ele não está mais ali.

Como isso aconteceu mesmo?

Bella segura o livro muito próximo aos olhos, fazendo valer a expressão *cara nos livros*. Na verdade, eu não sei como ela está conseguindo ler com tanta proximidade. Eli sai do banheiro enrolada em uma toalha e com todo seu cabelo em um coque bem feito. Ela sorri quando passa por mim e vai em direção a mala.

— Vamos à festa na piscina? — Eli sugere, esperando resposta. Engulo em seco esperando Bella dizer que não e eu a acompanhar em sua decisão.

— Claro, eu vi que o Marco está aí — ela marca a página do livro com alguma coisa. — Vocês sabem... aquela quedinha clássica pelo amigo de seu irmão. Eu sempre tive uma quedinha

por Marco, mas nossas idades pareciam distantes. Agora, nem tanto.

Respiro para falar quando Eli senta ao lado dela, confirmando.

— Eu entendo isso — ela confessa como se fosse o maior pecado do mundo. E talvez seja.

— Você gosta do Heitor? — Bella parece pasma com a ideia de Eli gostar de Heitor, como se fosse algo beirando o surreal.

— Claro que não! — Seu tom de desprezo me fez colocar as mãos na cintura, porque foi ofensivo por Heitor, e sei que ela irá mencionar Bem. — Estou falando de Benjamin.

— Ben? — Bella fala com desdém como se Ben não fosse o suficiente para Eli. — Achei que você estava falando de Heitor. Qual é? Meu irmão é maravilhoso!

— Qual o problema do Ben? — Minha voz sai mais alta do que planejei. — Meu irmão também é maravilhoso. Não há nada de errado com ele.

— Eu não falei que tinha! — Bella abaixa o tom de voz. Sempre temos discursões juvenis

quando estamos juntas. Esquecemos que já somos adultas. — Só achei que era pelo Heitor.

— Ela passou o caminho todo se esfregando em Ben — digo, e Eli cruza os braços, esperando eu terminar. — Por que seria com Heitor?

— Eu não sei! — Bella responde como se não soubesse de verdade. Ela estava tão concentrada no livro que não reparou nada ao seu redor. — Foi uma suposição. Eu acho Ben um cara descente e muito lindo, por sinal. Mas eu falo uma quedinha por um cara seis anos mais velho que você. Ben tem quase nossa idade, não é um fruto tão proibido assim.

Começo a gargalhar. Bella como sempre gentil em suas palavras. Suas bochechas estão vermelhas da confissão. Sento-me ao seu lado e ela se livra do livro, colocando no criado-mudo ao lado da cama.

— Eu só quero o Marco para uns beijos, e tal. — Ela joga seus cabelos longos e loiros. — É meio que uma fantasia, sabe?

— Bella... — Eli segura o sorriso. — Fantasia?

Bella não é a mulher que mais ama o termo

ficar, ela odeia coisas aleatórias, confia que um bom romance vale muito mais que muitas noites com estranhos. Mesmo que no final ela saia partida, como em seu último relacionamento.

— É, Marco sempre teve aquele jeito “eu não me importo” — ela usa aspas para definir o Marco, e concordo. Ele é totalmente “não me importo” — Seria bom, tentar algo mais agressivo, sei lá. Eu sei que não vai sair romance.

— Deixa eu ver se entendo — digo, chamando toda atenção para mim — Você quer *pegar* o Marco? É isso? Tipo, na festa da piscina?

— Isso. — Ela responde confiante, enquanto Eli bate palmas como se visse um espetáculo.

— Perfeito! — Élida confirma. — Eu apoio. E quanto ao Ben...

Élida para, me fitando por segundos. Eu não quero ser essa pessoa, a que vai interferir na vida do irmão ou da amiga. Mas nessa equação ainda tem o Lucas, e eu quero uma explicação. Não irei compactuar com traição, nunca fiz e nem farei. Não adianta. Se eles querem ficar juntos, se pegarem, ter amizade colorida, isso é um problema deles, mas

PERIGOSAS ACHERON

não enquanto engana outra pessoa.

— E quanto ao Lucas? — Uso um tom de compaixão. Ela fica séria imediatamente. — Élide, eu sei que você conhece o Ben. Sabe que ele é “Eu não me importo” como o tal Marco. Mas, e o Lucas? Por que isso agora? Ainda não entendi nada.

Ela respira pesadamente, deixando os ombros caírem. Bella me olha como se eu tivesse pedido a cabeça do Lucas ali, mas ela não pode agir como solteira, não sendo. Ao menos não na minha frente.

— Lucas e eu terminamos há uma semana. — Suas palavras saem sem uma gota de emoção.

— Eli... — Bella tenta pegar a mão dela.

— Eu estou bem. — Ela afirma, voltando a postura. — Juro, só que Lucas está em um ponto bom da vida dele. Foi promovido a gerente de uma agência. Lógico que com influência da sua mãe. Mas nós dois esfriamos, não era mais a mesma coisa. E quando ele me pediu em casamento eu tive que recusar.

Bella e eu colocamos a mão na boca no mesmo

momento. Como a Élide foi capaz de esconder algo assim de nós duas? Certo que eu ando muito sumida, mas garanto que se eu fosse pedida em casamento eu iria correndo contar as amigas mesmo que eu fosse dizer não!

— Eli... — Tento articular as palavras.

— Está tudo bem. — Ela nos interrompe com um gesto de mão. — Não estava aberto a discussões. Lucas foi uma pessoa que amei, mas casar com ele significaria não me relacionar com mais ninguém, e acredito que só em esse pensamento cruzar minha mente já não era válido o seu pedido. Eu quero viver, aproveitar, curtir. Ser livre. Não casar e comprar almofadas. Eu gosto da casa dos meus pais.

Mulheres que ainda moram com os pais. Uma boa imagem para se ter na cabeça, mas o salário pago a quem saiu da faculdade agora mal dá para pagar o lanche que iremos comer no meio do dia, então é melhor segurarmos as saias e gravatas dos nossos pais. Eu não tenho vergonha disso.

— Por que não falou antes? — pergunto. Ela suspira levemente.

— Estou contando agora. — Ela fica em pé, segurando a toalha firme em seu corpo. — Eu não quero nostalgia. Eu estou bem, foi uma decisão consciente. Só não irei perder tempo.

— E por isso você precisa atacar Ben? — brinco. Ela meneia a cabeça para o lado, sorrindo.

— O quê? — Ela finge jogar os cabelos. — Eu irei deixar essa oportunidade passar? Como diz Bella, minha quedinha por Ben se arrasta há uns sete anos. Agora posso concretizar. E, aliás, ficou melhor com o tempo.

Fecho os olhos tentando não ver Ben como um homem, mas como meu irmão. Aquele menino chato que pega no meu pé.

Ela entra no banheiro deixando Bella e eu perdidas em pensamentos. Decido procurar minha roupa. O mais adequado para uma festa na piscina é um dos meus shorts de tecido. Adoro um short leve e florido.

— Gio! — Bella chama minha atenção com um meio sorriso. — Percebi que você e Heitor estão cochichando o tempo todo. O que está acontecendo?

— Nada — tento soar o mais natural possível, mas sinto uma gota de suor se formar em minha testa. — Só estava falando sobre o festival.

— Vocês estavam se esquivando — ela é incisiva. Tento sorrir, mais não sai.

— Não é nada, Bella. — Volto a afirmar, separando a camiseta que irei vestir. — Conversando. Você sabe que gosto de conversar com ele.

— Se você se sentir atraída por ele — ela fala assim que Eli sai do banheiro. E o “o quê?” esganiçado é proferido por ela. — Vá em frente.

— Bella, você está pedindo para Giovanna ser o estepe de Heitor? — Élide parece indignada com aquilo em todos os níveis.

— Então você quer que o Ben seja seu estepe? — Bella rebate irredutível. — Não diga que é diferente. Heitor terminou com a Francine por que ela o traiu. Vocês estão procurando novas pessoas. Menos complicadas. E a Gio com certeza é essa pessoa.

Eu estou estatelada com tantas afirmações e

revelações. A Francine traiu Heitor? Como assim? Eu quero gritar e perguntar, mas não consigo. Estou paralisada diante das duas se encarando com raiva.

— Calma — consigo dizer. — Francine fez o quê?

— Traiu o Heitor! — Elida grita como se precisasse colocar para fora. — Eu deixei o Lucas. É isso. Pronto. Eu estou errada. — Ela se recompõe e deixa a toalha cair no chão, revelando sua combinação perfeita de lingerie preta. — Agora eu vou me vestir. Se Gio quiser pegar o Heitor...

— Não trate ele como uma fruta na feira — repreendo, e ela revira os olhos, colocando um vestido justo que marca sua silhueta magra e seus quadris avantajados.

— Se Gio quiser se envolver romanticamente com Heitor... — ela fala cada palavra soprada — só cabe a ela. Desculpa, Gio. E Bella, não quis dizer que Heitor não é merecedor dela, somente não sabemos se ele está nesse ponto.

— Quero que as duas parem — interrompo. — O que irei falar aqui não pode sair esse quarto. — elas assentem, sérias. — Eu estou com um bloqueio

PERIGOSAS ACHERON

criativo e isso se dá por ter chegado na parte que o casal vai se apaixonar, mas eu nunca vivi isso. Então eu decidi me apaixonar, e é isso que Heitor tanto cochicha comigo. Isso está tirando a mente dele de toda a tragédia com Francine. Ele está se divertindo com isso.

— E por que não nós duas? — Bella parece ofendida.

— Por que você quer “pegar” o Marco — aponto para Bella — e Eli quer corromper meu irmão. Alguém precisa fazer companhia a Heitor. — Oculto a parte do *backstage*. Não preciso lidar com isso agora. — Vão fazer o que vocês tiverem que fazer. Heitor estará seguro comigo.

— Eu gosto disso. — Bella sorri satisfeita sem mais menções sexuais sobre seu irmão. — Eu preciso que você o entretenha enquanto eu tento “pegar” o Marco.

— Me deixe livre com o Ben. — Eli emenda antes de eu responder ao primeiro pedido.

Corro para o banheiro. Nessa festa tem três doses de tequila com meu nome e agora eu as quero só para apagar todo esse papo da minha mente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*“Se o tempo hoje vai depressa
Não está em minhas mãos
Cada minuto me interessa
Me resolvendo ou não”
Temporal — Pitty*



CAPÍTULO SEIS

Descemos até a área externa onde será a tal festa. O hotel realmente está lotado, acredito que estão indo para o festival. Eli passa a mão no comprimento do corpo, arrumando o vestido, e Bella segura a saia do vestido que teima em não ficar no lugar com a brisa que circula pela área.

— Como combinamos — Élida relembra — Bella vai atrás de Marco. Eu vou falar com Ben e você toma conta de Heitor.

— Eli, você está bem com isso? — relembro a ela o fato de ter terminado com Lucas dias atrás.

Seu olhar lascivo explica muito sobre como aquilo não é meu lugar de julgar. Eu só quero ter certeza que está tudo certo. Não quero que ela ou Ben tenham problemas como coração partido.

Bella me socorre, ignorando o olhar assassino que estava perdurando por mais tempo que o necessário.

— Gio, não deixe o Heitor pensar em mim. — Bella suplica com as duas mãos unidas. — Por favor. Será uma grande merda se ele ao menos pensar nisso.

Elas não esperam resposta, me deixam ali procurando por Heitor. Encontro Marco em um grupo de homens e mulheres bem definidos, seus corpos chamam a atenção de uma forma que estou olhando até para a panturrilha definida das mulheres que estão com eles. Quanto aos caras, bem, eu não tenho palavras para descrever tanto músculo construído. Como eu não notei isso mais cedo? Mas, uau, eles são bonitos quando não estão ao meu lado sendo predadores. Coitada da Bella.

Logo depois encontro a Eli e o Ben gargalhando. Só queria saber o que diabos eles

PERIGOSAS ACHERON

tanto gargalham. Bem, Ben é bastante engraçado quando quer ser, e a Eli quer fazer ele se interessar por ela, mas o que a Eli não sabe é que não precisa nem se esforçar tanto.

Realmente, Heitor não está por aqui. Tem várias pessoas ali, mas como a área é bem iluminada, dá para ver os rostos com clareza, mas o espaço não é tão grande ao ponto de ele desaparecer na multidão. Vou fazer um ótimo trabalho se ele não descer do quarto. O que parece super tentador se não fosse o fato de ficar aqui sozinha.

Encosto no bar que fica na saída da parte interna do hotel. É o acesso principal. Ele terá que passar por aqui quando aparecer.

— Boa noite. — O atendente sorri, exibindo um sorriso alinhado, mas não sorrio de volta. — O que posso te servir?

— Uma água — respondo ainda focada na área externa. Onde será que está Heitor?

— Água? — Sua voz grossa me puxa de volta para ali. Ele estava questionando meu pedido? — Não prefere algo alcoólico?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele mantém o sorriso exposto, parece seguro na ideia de saber o que eu preciso nesse momento. Sorrio negando a sugestão. Não quero beber para acordar cedo, quero aproveitar o festival, não me acabar durante a viagem.

— Uma dose por conta da casa. — Ele coloca o mini copo ao lado da garrafa de água mineral e logo depois um pequeno prato com fatias de limão e sal. — Você parece decepcionada.

Cruzo os braços, segurando o sorriso. Aquilo era bastante engraçado. Um desconhecido achando que me conhece apenas por ver meu olhar. Isso é bom, é o que posso chamar de oficina de escrita. Analisar o comportamento dele diante de uma estranha, sugerir coisas que ele acha que ela precisa, mesmo sem saber ao menos seu nome. Mas o pior de tudo é que eu sinto precisar dessa bebida, aceitar significa que eu deixei um estranho sentir como eu me sinto, e é algo novo. É um sentimento novo, não paixão, mas definitivamente ativa outras coisas dentro de mim. Talvez seja interessante saber o que ele acha de mim. Adoro isso, a suposição sem histórico.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que você acha isso? — instigo a conversa. Ele sorri como se não esperasse aquela resposta. Ele definitivamente é bonito, com sua barba rente, como se precisasse parecer bonito para hoje. Quanto aos seus olhos, bem, eu amo os olhos das pessoas e os dele não posso ver com clareza nesse momento. — Está tão na cara?

— Eu não diria uma decepção amorosa. — Ele chuta, pausa por um segundo, deixando a sugestão no ar. — Mas parece que não encontrou o que veio buscar aqui.

— Grande vidência — desdenho e viro a dose do que quer que seja. Que Deus me proteja e não esteja batizada. — Mas estou esperando um amigo e eu achei que ele já estaria aqui a esse momento.

— Amigo? — Ele entrega uma cerveja a uma pessoa parada ao meu lado.

— É — confirmo. Sinto o álcool chegar à corrente sanguínea, um calor sobe por dentro, me fazendo sorrir leve. — Ele precisa de ajuda. Vamos dizer assim...

— Eu não preciso de ajuda — a voz de Heitor faz meu corpo vibrar por inteiro. Quero pular na
PERIGOSAS ACHERON

piscina e ficar lá até que meus pulmões estejam inundados por água. Tudo que eu não precisava era tê-lo me ouvindo falar sobre ele ao ar livre. Pior, a um estranho. — Só estava preparando o material para amanhã. Preciso de minha câmera funcionando.

Não tive coragem de me virar, então ele passa para minha frente. Após sentar no banco ele vira a garrafa na boca, depois passa a língua nos lábios e finaliza com um sorriso. Percebo que o atendente já sumiu dali. E isso me deixa decepcionada. Eu estava gostando do papo, da análise não solicitada.

— Não de ajuda. — Me defendo enquanto algumas gotas de água respigam em nós dois. Algumas pessoas pularam na piscina, afinal, é uma festa na piscina. — O que eu iria dizer? Que *eu* preciso de ajuda?

— Que eu ganhei a corrida e você me deve três doses de tequila. — E ele bebe novamente, me fazendo salivar pela bebida gelada a sua mão.

— Por um momento eu achei que eu iria beber a tequila. — Engulo em seco.

Eu sinceramente preciso das doses agora. Sinto
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que preciso até do dobro.

— Não, você deve no sentido que você irá beber. — Ele chama o estranho que segura um meio sorriso, como se estivesse insinuando alguma coisa ali. A vontade que tenho é de gritar com ele. Odeio esse tipo de olhar. — Três doses de tequila, por favor.

A última dose que tomei ainda está agindo em meu estômago. Ardente e corroendo tudo por dentro. Não protesto, aquilo não era uma disputa real, mas se eu quero pensar fora da caixa, quero me libertar desse bloqueio, dessas amarras, eu preciso testar tudo. Brincar, beber, dançar e olhar por dois segundos para um estranho.

— Já preparou a verdade? — Sua voz me traz de volta à Terra. — Gika, você me deve uma verdade.

— Eu tenho uma verdade para você — ironizo. — Eu odeio esse apelido. Então, por favor, por minha sanidade e pela a integridade do seu rosto lindo, pare de me chamar assim!

— Meu rosto o quê? — Ele está sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

Seu sorriso está dentro de mim.

— Você ouviu. — Viro a primeira dose diante da vergonha das minhas palavras. De onde saiu isso? Por que dizer a ele o quão bonito é?

— Mas seria melhor se você repetisse. — Posso ver a perversidade em seu olhar. Ele sabe que estou desconfortável com aquilo, mesmo assim parece tentador demais me fazer repetir as palavras. — Essa verdade eu sei, mas nunca irei perder a oportunidade de ver seus olhos revirarem ou seus dentes trincarem. Cheguei até ver seu pulso cerrar.

Viro a segunda dose. Ele é bom em provocar, mas o que o trouxe tão cheio de acidez e toda essa excitação por me ver virar doses? Posso sentir sua energia e essa não foi a pessoa que deixei na porta do quarto horas atrás. Sua respiração está pesada, como se ele estivesse sentindo algo em seu peito. Como se ele precisasse do dobro de esforço para respirar.

— Você está bem? — A pergunta soa estúpida aos meus ouvidos, mas isso faz seus ombros caírem.

— Desculpa. — Sua resposta vem triste. Muito,
PERIGOSAS ACHERON

por sinal. — Eu só quero beber, pode ser? — Respiro para perguntar o motivo, mas ele emenda: — Você sabe dirigir, não é?

— Heitor... — Ele me joga um olhar rígido. — Eu dirijo... — tento ao máximo prender as palavras entre os dentes. — Você está realmente bem?

Ele suspira e coloca outra dose à minha frente. Viro sem pensar. Minha língua está pesada. Chupo o limão para dar sabor à bebida e bebo um pouco da água. Em seguida pego a cerveja da mão e bebo um gole, o que vem como grande alívio, já que parecia estar pegando fogo por dentro.

Na faculdade bebíamos muito. Tinha uma amiga que morava sozinha e lá era nosso lugar especial. Secávamos litros de vodca, vinhos e cervejas. Então, para mim, aqui não é nada. Apesar de que tem algum tempo que não bebo com essa velocidade. Era bom poder fazer em casa o que as pessoas faziam nas ruas.

— Eu estou bem. — Ele solta um suspiro e ainda sustenta aquele sorriso meio perverso, como se agora que eu bebi, irei soltar todas as verdades da minha vida. — Ignore qualquer coisa. Vamos PERIGOSAS ACHERON

beber? Quer o quê? Cerveja? Algo mais doce? Sua preferência. Iremos trabalhar em sua verdade.

— Você está me embriagando? — Ele assente em um gesto muito bravo. — Você não está bem.

— Certo. — Ele levanta as mãos no ar. — Culpado! Não estou tão bem! Passei quarenta minutos explicando para minha ex-noiva que eu não a quero mais. Isso foi cansativo. Ela acha que pode jogar fora tudo que construímos. Me fazer de otário na frente de todos e em apenas um estalo de dedo eu voltarei. Ela está enganada. Eu fui tudo que ela quis, eu mudei por ela. O que eu nunca deveria ter feito. Ela me traiu por meses e apenas me quer de volta?

O mundo gira. Minha mente gira. Não é o álcool, é a conversa. Seu peito vai desinflando aos poucos. Ele não fala aquilo com maldade, suas palavras flutuam aos meus ouvidos e atingem meu coração. Ao mesmo tempo parece que ele amou muito a Francine, mas não ao ponto de perdoá-la.

— Você ainda a ama? — Não consigo parar de cutucar a ferida.

— Eu a amei. — Ele mostra a garrafa ao

PERIGOSAS ACHERON

atendente que acaba colocando mais duas garrafas cheias no balcão de mármore. — Não vou mentir para você que foi agradável terminar com ela dessa forma, e não vou dizer que não dói. Mas a traição é tudo que consigo ver quando a olho. E não é uma visão bonita, nunca será.

— Sempre achei a Francine, por ser mais velha, — dou um gole na cerveja gelada, sentindo o alívio sobre as doses — o tipo de pessoa que sabia o que queria.

— Agora sabemos que, de todas as coisas que ela quis, — ele pausa dando um belo gole — se casar comigo não estava na lista. Agora. Por que estamos perdendo tempo com isso?

Seu semblante muda e se torna mais relaxado. Tento acompanhar seu momento de despreocupação.

— Só estou ajudando você a colocar para fora esse sentimento ruim. — Enfim, ele sorri, um sorriso grato. — Mas podemos falar sobre outra coisa.

— Claro que podemos. — Ele afirma, vendo algo sobre meu ombro. — Como o fato de minha

PERIGOSAS ACHERON

irmã estar sendo devorada pelo Marco.

— A deixe em paz. — Procuro pelos dois, que estão bem empolgados com suas mãos procurando o lugar exato para se apoiar. — Se for para cometer o erro, que seja com alguém que você não aprova.

Ele indica um lugar para eu olhar e a cena vem surpreendente aos meus olhos. Ben está sentado em uma cadeira à beira da piscina com Eli sobre seu peito e eles estão olhando para o céu. E continuam sorrindo. Por que ele tem que ser tão gentil?

Procuro Bella novamente, mas ela sumiu. Que Heitor não repare, assim eu espero. Porque, sobre a missão de não deixar ele ver, eu falhei miseravelmente. Ao menos estou entretendo-o.

— Já tem minha verdade? — A verdade dele? Como um fato sobre mim pode ser a verdade dele?

— O único fato que tenho para você é uma coisa chamada fome. — Faz tempo que comi. Não estou mentindo. O atendente vai passando e eu chamo sua atenção. — O hotel tem restaurante ou aqui tem comida?

— Infelizmente, não, mas saindo do hotel, à

esquerda, tem uma lanchonete que vende de tudo. E não é tão ruim assim.

— *Não tão ruim assim* é aceitável — respondo com humor, ele sorri realmente achando graça, e, se não fosse Heitor me vigiando como uma águia, acredito que iria conseguir olhar para ele por mais de dois segundos. — Vamos, Heitor.

— Tão cedo? — O cara volta a questionar, mas olha para Heitor no segundo que fala, que levanta a cabeça e me olha. Que merda ele está fazendo? — Espero que volte antes de ir para o quarto. Vou lhe guardar uma segunda dose.

Heitor paga a conta, e anda passos à minha frente.

— Eu voltarei para pegá-la — digo, sorrindo. A bebida definitivamente me deixou mais leve. — Me chamo Giovanna.

— Felipe. — Ele sobrepõe a voz ao som alto. — Estarei te esperando.

Apenas assinto e apresso meus passos atrás de Heitor. Poderia dizer que ele está um pouco furioso. Francine deve ter extrapolado. Mas sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

muito tentada a ficar aqui e conversar com o Felipe.

PERIGOSAS ACHERON

*“ A gente colidiu
Não pude escolher
Tão raro encontrar
Tão fácil foi me perder
A gente colidiu
E o que eu sempre quis
Já sei onde vou achar
Já sei quem me faz estranhamente feliz”
Colidiu — Sandy*



CAPÍTULO SETE

Estou lado a lado com Heitor. A brisa fresca que bate em minha pele quente do álcool alivia o enjoo que se formou dentro de mim depois de tanta bebida em pouco tempo. Passamos na recepção do hotel para ter certeza das direções da lanchonete, e o atendente me lançou um olhar cúmplice. Apenas sorri, ignorando. Só por que Heitor estava ao meu lado.

Heitor esbarra de leve contra meu corpo, me fazendo olhá-lo. Ele não reage, então coloco meu foco na calçada de pedras à minha frente. Deixo meu pensamento viajar. Mas a única coisa que vem à minha mente nesse momento é: o que eu estou fazendo aqui? Não deveria ter bebido de estômago vazio. Deveria estar em meu quarto, descansando, não pensando em Heitor e seu coração. Isso não me importa, nem um pouco.

— Chegamos. — Ele anuncia, me trazendo de volta. — Que tal dividirmos uma pizza?

Apenas assinto. Tomo um lugar ao seu lado e logo vejo como aquilo é uma má ideia. Ficamos próximos demais e, por algum motivo, isso me incomoda. O que não deveria, mas me pego o observando cada vez que seus olhos piscam, e forma na qual ele passa os lábios entre os dentes. Sua expressão muda sempre que seus olhos passam para uma linha abaixo. Estou totalmente fixada em sua presença ali.

Foco no cardápio, esquecendo qualquer observação que fiz anteriormente.

— Está pensando no cara do bar? — Ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levantar meu rosto do cardápio, atesto o motivo de ser má ideia sentar lado a lado. Ele está com seu rosto próximo ao meu e sua voz é um sussurro preguiçoso.

Engulo em seco, tentando lembrar quem é o cara do bar. Porque, encarando seus olhos tão de perto, me sinto perdida em todos os desenhos que há nele. E, estupidamente, seus olhos sorriem quando ele sorri, e isso parece algo tentador e digno de passar horas admirando.

Merda! Merda! Merda!

Como assim?

— Você perdeu a habilidade de falar? — Continuo em silêncio quando seu tom de voz grave me causa ondas de calor no segundo que tocam meus sentidos. — Ele te drogou? Quer ir ao médico?

— Só estou com dor de cabeça — digo, puxando o cardápio para frente do rosto. Ele abaixa o objeto, livrando da minha visão.

Seria demais pedir para ele não me olhar assim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gika, estou falando sério. — Ele está testando a minha bendita paciência. E eu não estou gostando.

— Você precisa... — digo pausadamente até ser interrompida.

— O quê? Não chamar você assim? — Assinto, mas seu sorriso presunçoso está exposto como obra de arte em galeria. — Por quê? Você vai machucar o quê meu?

Ele acha mesmo que ficarei alimentando seu ego. Ele está cada vez mais próximo, mais inclinado.

— Não vou repetir — assumo, sorrindo. — Você não vai me ouvir chamar você de bonito. — Bato na minha testa querendo na verdade bater na parede. Nunca mais beber álcool na vida. — Que merda!

— Obrigado, Gika. — Cerro o punho em um ato involuntário. Como ele pode saber dessas coisas? Eu não notei que cerrava o punho até agora. — Vamos falar de outra coisa. Qual banda você quer ver?

PERIGOSAS ACHERON

A mudança súbita de conversa me deixa mais tranquila. Ele estava fazendo aquilo para me irritar, como um bom irmão mais velho. Ben faz a mesma coisa e, mesmo sendo repetido, eu ainda caio na armadilha.

— Com certeza Perfeita Simetria. — Enquanto falo, ele faz anotações em seu celular. — Eu amo as músicas deles.

— Essa é a banda do cara que a noiva perdeu a memória, não é isso? — Assinto. É uma história e tanto.

— Exatamente — concordo, deixando meu corpo afundar na cadeira. Agora que ele decidiu ter uma conversa sem provocações, posso-me sentir relaxada. — Se for entrevistar ele, não mencione isso. Ele odeia falar sobre e você pode perder a entrevista com a banda. Todos respeitam bastante esse fato da vida deles. Ele gosta de ver a noiva como alguém que nunca saiu da vida dele e ela é toda a fonte de inspiração.

— Como você sabe tanto sobre eles? — Dou de ombros. Quem não sabe tanto sobre a vida de um ídolo? Há sites para isso. Fofocas que chegam mais

PERIGOSAS ACHERON

rápido que notícias sérias.

— Redes sociais. Eles gostam de falar sobre o que inspiraram as músicas, esse tipo de coisa, mas odeiam falar sobre a vida particular, então é um campo minado que você não vai querer pisar, a não ser que esteja disposto a perder o pé.

— Você tem pensamentos e referências violentas. — O garçom chega, me fazendo sorrir diante daquela constatação pública. Deixo Heitor fazer o pedido sem interferir. Ele pediu o básico de sabores, o garçom agradece, já saindo.

— Algo bem exclusivo seu. — Outra vez as palavras rompem o filtro da capacidade de pensar direito.

— Então eu já tenho algo exclusivo meu? — Ele inclina o corpo, se aproximando de onde estou. — Cuidado com suas palavras, Giovanna. Você não quer que eu interprete de uma forma errada.

Na verdade, ele interpreta tudo de forma errada, só não notou ainda.

— Como você pode entender agressão de forma errada? — Continuo parada onde estou. O

significa que estou a centímetros de sua presença.

— Porque ninguém ameaça com um sorriso nos lábios. — Ele inclina mais um pouco e estamos dividindo o ar. Ele não vai recuar, só não sei qual é seu objetivo. — Se quer que eu pare, ao menos esteja séria quando falar.

Respiro para falar, mas não tenho resposta. A única coisa que quero fazer agora é sorrir, porque lá no fundo aquilo me diverte, e eu posso afirmar que essa é de longe uma das melhores viagens que já fiz na vida.

Seu celular vibra, então ele bloqueia o aparelho, fazendo a luz apagar. Não tenho noção de quem seja, mas ele tenta sorrir em uma missão falha. Seu rosto está tenso e seus lábios em uma linha reta parecem mais preocupados do que alguns minutos atrás. E a velha pergunta surge a minha mente quando ele recua com todo seu corpo recostando na cadeira.

— Está tudo bem? — Tento sorrir. Eu não sei o que está acontecendo em sua vida. A batalha interna que ele está lidando. Não sei o que é ser machucado por alguém que eu confiei meu amor,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas parece que não é apenas isso. Parece algo mais.

— Está. — Uma simples resposta. — Quando eu poderei saber a verdade?

— Heitor. — Ele sorri novamente. Por que diabos ele fica assim? Não consigo acompanhar, ele realmente está lutando uma batalha com os próprios demônios enquanto conversamos. — Esqueça isso.

— Deve haver um fato sobre você que ninguém sabe. — Ele instiga, a preocupação em semblante já não está mais ali. E isso me faz sorrir, porque ele é uma melhor companhia quando está enchendo meu saco.

— Por que, entre todas as pessoas, eu iria contar a você? — Cruzo os braços na frente do corpo, deixando o ar sair dos meus pulmões.

— Porque existem coisas que são mais fáceis falar a um desconhecido. — E seu corpo volta a se inclinar. Nunca vi alguém tão inconstante nos próprios atos. — Eu acho que tenho uma verdade para você.

PERIGOSAS ACHERON

Ele está próximo demais, a ponto de sentir o oxigênio sendo roubado e me deixando tonta com a falta de ar fresco.

— O quê? — pergunto, atordoada.

— Vamos beber aqui. — Ele aponta para o cardápio de bebidas. — Não gostei do bar do hotel.

— Bem lembrado! Tenho um encontro com o Felipe — digo, me sentindo animada por lembrar o nome dele de primeira. Sei que estou provocando ele por causa de sua expressão desgostosa. Mas o que Heitor quer, afinal? Que eu ignore um cara que está disposto a ter um papo bacana?

— Não tem, não. — Um garçom deposita dois pratos à nossa frente juntamente com talheres, e outro vem com a pizza. — Traga duas cervejas, favor.

— Por que eu não tenho um encontro com ele? — Ele apenas nega com cabeça, me servindo de um pedaço de pizza. — Heitor, estou falando sério.

E eu estou séria.

O que ele está tentando fazer?

— Eu tenho uma verdade para você. — Ele me

entrega a cerveja que o garçom trouxe. Dou um gole, o efeito do álcool não pode passar agora. Ou eu irei ficar violenta de verdade.

— É bom que ela seja boa. — Será que minha consciência está se ouvindo? — Ou você estará me devendo mais que um *backstage*. Está me ouvindo?

— Alto e claro, srta. Sanches. — Coloco um pedaço de pizza em minha boca, a fome estava passando dos limites aceitáveis.

**

Foram cinco garrafas de cerveja. Cinco para ele e cinco para mim. É muito álcool, mas a pizza não nos deixou ficar tão bêbados. Levemente alterados, sim, bêbados, não. Estamos gargalhando, é um som alto ao ponto de ser admirável. Faz muito tempo que não sinto meu corpo estremecer com a força de uma gargalhada.

— Acho que deveríamos ir. — Heitor diz, logo depois de se recompor. Seu rosto ainda está corado das crises aleatórias de risos. — Amanhã vai ser uma longa manhã e espero que Ben não tenha bebido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prevejo ressaca — digo, ainda bebendo, então ele tira a garrafa da minha mão. — Me deixe terminar.

— Já bebemos demais. — Ele chama o garçom. — Precisamos dormir e já passou da meia-noite.

— Precisamos? — Ele assente à minha pergunta débil. Claro que precisamos, mas não me parece tentador nesse momento. — Como você pode ser chato e legal na mesma conversa?

Um fato que precisa de estudo.

— Sou? — O garçom chega e só agora me dou conta que estou sem dinheiro. Que vergonha.

— Estou sem dinheiro aqui — confesso, tentando não gargalhar. Sabe quando você está bêbada e consciente ao mesmo tempo? — Vou ficar te devendo essa.

— E eu irei cobrar. — Suas palavras parecem cheias de segundas intenções, e engulo em seco quando seus olhos demoram demais me fitando e ignorando o garçom cansado à nossa frente.

Ele estende a mão para eu ficar em pé, e descubro que estou mais sóbria do que esperava.

PERIGOSAS ACHERON

Andamos em silêncio até lá fora e por mais alguns metros na mesma quietude.

A brisa é gelada e delicada contra minha pele. O único som ali é o das nossas passadas ritmadas contra as pedras de concreto. Respiro para falar, mas o que eu iria dizer? Penso em alguma provocação, algo que ele possa revidar com um comentário cheio de duplos sentidos ou ironias, mas minha mente está sem nada e me sinto decepcionada por isso. Eu queria uma conversa nesse momento.

— Eu não amo mais a Francine. — Suas palavras me fazem parar. — O sentimento que eu tinha por ela foi destruído. Nós fingimos estar juntos por um tempo. Eu não disse isso a ninguém. Como morávamos juntos e tinha o pessoal na revista... Ela pediu para eu não sair de casa até ela ter certeza que seria promovida.

Ele respira pesadamente. Se essa for sua verdade, ela é bem dolorida. Quero me aproximar, mas não faço, continuo ali, esperando ele terminar.

— Eu era o menino novo — ele está parado, mas não olhando para mim. Encaro suas costas e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas palavras me cortam. — Ela só queria alguém que tivesse a juventude que ela não tinha mais. Eu não sou mais um rapaz.

— Você não é mais um rapaz — repito.

— A última coisa que ela me disse pessoalmente foi: provavelmente eu irei amar você para o resto da minha vida.

Ele se vira para mim como se tomasse consciência de que estou ali só agora.

— E suas últimas palavras para ela? — Sua expressão agora é diferente. Parece perversa e sarcástica. Algo que eu conheço bem.

— E eu irei me arrepender de ter te amado ao menos um dia em minha vida.

Se aquelas palavras fossem para mim, eu ficaria destruída. Lembrar de nunca magoar Heitor. Não suportaria algo assim.

— Essa é sua verdade? — Estamos andando lentamente, como se nossos corpos pesassem toneladas. E acredito que todo álcool e confissão deve mesmo pesar.

Ele não responde, mas continua caminhando

PERIGOSAS ACHERON

em direção ao hotel. A fachada ainda está acesa e posso ouvir a música vir da festa. Ótimo, todos ainda estão acordados. Espero que não notem que sumimos.

— Não — diz ele quando pisa na calçada do hotel. — nunca deixaria isso ser minha verdade. Gio, eu sei que estou me comportando feito um grande idiota. Mas eu precisava me sentir jovem e inconsequente outra vez. Às vezes, tudo que você precisa fazer é se sentir estúpido e tudo volta ao normal.

— Então, se isso vai fazer você se sentir normal, — dou de ombros, apoiando as mãos nos quadris — pode continuar. Irei responder à altura. Agora, vamos, eu estou com frio.

Dou o primeiro passo em direção à porta, mas ele não se move, me fazendo parar em sua frente. Não há humor em seu rosto nesse momento. Faço um gesto com a cabeça, mas ele não responde. Então, sorrio.

— Estou com frio de verdade — atesto enquanto ele me encara e o sinto encontrar minha alma. — Heitor?

— Minha maldita verdade... — fico estatelada sem entender nada do que ele está falando. — Apenas me diga que não vai encontrar o cara do bar?

— Quem? O Felipe? — Estou realmente preocupada com isso. Porque eu não estou entendendo nada. — Já bebi o suficiente para não ir a atrás de um atendente de bar.

— A maldita verdade — ele volta a dizer. Meu Deus! Desembucha, homem, antes que eu tenha um treco aqui. — Eu preciso beijar você, Giovanna. Essa é minha maldita verdade.

Prendo a respiração. Mas eu não consigo pensar mais em nada. Nossos lábios estão presos um ao outro. Juro que foi uma surpresa, mas confesso que eu quero. Agora que estou aqui, eu quero ainda mais. Suas mãos unem nossos corpos em um movimento rápido. Sua barba roça por minha pele delicada e sei que dali ficarei marcada. Gritando para o universo que eu beijei alguém barbado e ele será a primeira vítima por estar ao meu lado. O beijo se torna curto e me sinto presa aos seus lábios, os puxando com os dentes na missão de

fazer durar. Eu quero que esse beijo dure. Quero meu corpo pulando, quero o redemoinho dentro do estômago, e meu coração vibrar como se acabasse de perceber que estou viva. E eu realmente estou.

Ele se afasta devagar e eu deixo o ar voltar aos meus pulmões.

— Eu queria pedir desculpas. — Então ele volta aos meus lábios, beijando o canto da minha boca, me fazendo arfar diante do gesto. — Dizer que é errado. — Seus lábios roçam levemente sobre os meus quando ele arrasta o beijo até o outro canto da boca. — Mas não vou dizer isso. Não quero que isso atrapalhe seus planos, mas não me culpe se eu quiser beijar você outra vez.

Ele sai da minha frente. Eu estou imóvel. Paralisada. Apenas petrificada. Como não quer atrapalhar meus planos me beijando daquela forma? E ainda dizendo que irá querer fazer isso outra vez.

— Gio, precisamos dormir. — Giro meu corpo até o som da sua voz e ele estende a mão para eu pegar.

Apenas assinto e seguro sua mão.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda estou tentando entender como isso não arruína minha missão ou a nossa não-amizade.

PERIGOSAS ACHERON

*“Bem, se não é real, você não consegue
segurar em sua mão
Você não consegue sentir com seu coração
E eu não vou acreditar nisso
Mas se é verdade, você consegue ver com seus
olhos
Oh, até mesmo no escuro
E é aí onde eu vou estar, yeah!
Brick by boring brick — Paramore*



CAPÍTULO OITO

Ontem, quando eu entrei finalmente no quarto, não havia absolutamente ninguém aqui, nem rastros. A bagunça estava toda sobre a cama e o quarto está poluído por três tipos de perfumes. O que é comum onde tem três mulheres com gostos bem diferentes.

Não vi a hora que Bella e Eli chegaram. Apaguei assim que consegui tirar toda a bagunça da cama. Era muita coisa misturada em forma de álcool.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento me mexer sobre a cama, mas estou presa em um sanduiche de corpos humanos, o que faz eu me lembrar de Ben e sua suposição.

Forço a abertura dos olhos e sinto a ressaca até em meus cabelos. Onde eu estava com a cabeça quando bebi tanto e misturei tantas bebidas? Lembrar de não fazer isso nunca mais.

Na primeira tentativa consigo levantar minhas pálpebras e dou de cara com Eli sentada. Seu sorriso se expande e sei que ela vai falar alguma coisa.

— Como você e Ben podem ser irmãos? — Ela diz, colocando um biscoito em sua boca.

— Minha mãe é negra... — começo a dizer, mas Bella começa a gargalhar. Genética é uma coisa estranha. Nunca podemos prever nada. E elas sabem que meu pai e Ben parecem gêmeos – com o dobro da idade, mas parecem.

— Estou falando do próprio Bem. — Élida suspira, me fazendo fechar os olhos. — Você é tão fria e ele é tão quente e aconchegante. Você parece incapaz de falar coisas bonitas...

PERIGOSAS ACHERON

— Que bom que você encontrou o Ben — digo, levantando. Tudo que não preciso é ouvir isso. — Vai conversar com ele. Chama para servir de manequim quando você quiser testar suas roupas customizadas. Vai ser lindo ver Ben em um top preto cheio de brilho.

Bella está com a mão na boca, segurando a risada bravamente. Lanço um olhar mortal para ela, que enfim consegue se controlar. Me volto para Eli, que parece estar amando aquilo. Elevar tudo que eu não sou e tudo que o Benjamin é.

— Mas eu te amo, Giovanna. — Élide tenta contornar a situação fazendo um gesto de coração pulsante saindo do peito. — Eu só quero que você saiba que seu irmão foi um cavalheiro.

— Eu não preciso saber disso. — Giro nos calcanhares e vou ao banheiro.

— E como foi com Heitor? — As palavras de Bella me fazem parar, porque toda a noite volta à minha mente pulsante de dor. — Eu vi que vocês não estavam na festa, e quando eu cheguei você estava aqui e ele no quarto dele. O que aconteceu aqui? Preciso ter nojo da cama?

Depois que ela dorme é que a preocupação vem? Não faz sentido. Ignoro, saindo dali. Minha bexiga está muito cheia para eu lidar com isso agora.

Quando volto ao quarto, elas estão vestidas e se maquiando. O sol começou a nascer agora e já tem maquiagem na cara delas. Talvez seja a força do hábito de sair para trabalhar todos os dias. Como eu perdi essa rotina, estou economizando bastante com maquiagem. Não dá para sentar à frente do computador toda montada e esperar o calor derreter.

Decido que é hora de tomar banho quando Bella sorri. Sei que ela quer resposta, mas eu não quero soltar um: *ah, não, meu bem. Não transamos nessa cama, mas nos pegamos bastante no corredor!*

O que eu fiz?

Como essa viagem foi do ponto de eu me apaixonar ao ponto de Heitor e eu nos pegarmos feito dois adolescentes na escada de casa? Eu não deveria ter deixado isso acontecer, mas o verdadeiro pensando é: será que podemos continuar

PERIGOSAS ACHERON

a fazer? Não é como se eu fosse casar com Heitor um dia. Mas eu posso falar com Ben para ele não vir pagar de protetor a essa altura do campeonato e explicar para as meninas. Já que Élide não terá fortes argumentos contra mim.

— Não, Bella — digo, retomando a conversa. Elas param, sustentando suas maquiagens. — Heitor e eu fomos à lanchonete que vende de tudo aqui perto. Ele viu você e o Marco, mas a Francine ligou e ele estava puto demais para se importar.

— Mas não puto para ir comer com você? — Oh, merda!

— Não foi isso que eu quis dizer — respondo. Eli está sustentando um sorriso que eu quero morrer diante dele. Por que tudo para ela é uma história épica de amor? — Eu estava com fome. Prefere que ele me deixasse ir sozinha em uma cidade desconhecida? Era noite. Parecia cenário de filme de terror.

— Então foi apenas isso? — Eli instiga a conversa. Ela sabe que não é somente isso, sabe que tem mais. — Nos conte. A comida era boa? Ele pagou a conta? Vocês beberam muito? O que PERIGOSAS ACHERON

esperar do jantar romântico?

— Não houve jantar romântico — respiro fundo. Élide sabe me irritar. — A gente comeu, bebeu um pouco...

— Se pegou um pouco. — Eli adiciona, enquanto Bella deixa seu queijo cair. — Pelo amor de Deus, Giovanna. Você está enrolando para dizer que comeu com Heitor. Se vocês foram a lugar que serve comida, está implícito que vocês foram comer. Fale em voz alta e sem vergonha. Porque, meu amor, se eu pegasse o Heitor, vocês iam saber de tudo.

— Achei que você gostasse do Bem. — Bella atalha, fazendo Eli revirar os olhos.

— Meu amor, eu gosto do Benjamin. — Eli concorda. — Mas que seu irmão é bem, como posso encontrar uma palavra... gostoso...

— Ontem você parecia odiar a ideia de ficar com ele. — Como elas sempre viram a conversa para as duas?

— Bella, foco! Eu gosto do Ben! Gosto mesmo. Já sinto que ele gosta de mim faz um tempo. Eu

falei aquilo não como forma de ofender, só não quero estragar a oportunidade de conhece-lo melhor. Mas eu não sou cega, só acho Heitor mais perfeito para Giovanna. Não dá para ela pegar o próprio irmão! Faça as contas.

E Élide falou tudo isso gritando. E em seguida vem uma batida na porta. Como tudo que está ruim, pode piorar. Ben e Heitor estão parados me encarando e segurando um sorriso. Com certeza até o cara da recepção ouviu. Porque Eli sabe ser alta quando quer.

— O quanto vocês ouviram? — pergunto, segurando a toalha na frente do corpo. Apesar de estar vestida, me sinto nua.

— Desde que Eli disse que gosta do Benjamin.
— Heitor diz, saboreando aquilo, então Ben passa, beija minha testa e para à minha frente.

— E que Heitor é gostoso — as meninas começam a gargalhar. A voz de Ben e suas palavras foram engraçadas. Meu Deus! Eles ouviram a pior parte —, mas eu não gostei.

Ele senta na cama, apontando para as malas. Pego a roupa em cima da cama e vou direto para o

PERIGOSAS ACHERON

banheiro. Não preciso viver no mesmo mundo em que esses dois descobrem coisas que consideram boas. Como ter o amor correspondido e ser gostoso.

**

Arrasto minha mala para fora dali. Faz falta um elevador quando se está com ressaca. O recepcionista sorri. Outro cara. Não aguentava a cara de insinuações do outro. Não mesmo.

Todos estão encostados no carro, menos Bella. A cena de longe parece aqueles comerciais de amigos em uma viagem de carro, onde todos estão felizes, e seus óculos de sol protegem os olhos da iluminação agressiva. Eli segura um *tablet* na mão enquanto Ben e Heitor estão apontando para algo na tela.

Eles ainda não tomaram consciência que estou ali. Limpo a garganta e continuo sendo ignorada com sucesso. Por que parece que todos querem fazer coisas divertidas sem mim? Será que porque sou muito... *chata*?

— Bem, você pode guardar minha mala? — Ele assente prontamente, me livrando da bagagem pesada. Fico parada onde estou. Eli me olha, mas

PERIGOSAS ACHERON

não diz nada. Então Heitor pega minha mão, me colocando entre Eli e ele. Seu corpo está muito próximo ao meu. Muito mesmo, e posso sentir sua respiração em meu pescoço. Que porra ele está fazendo?

— Gio, me escute. — Eli sai de sua posição em repouso e vai para nossa frente assim que Bella se junta ao grupo, assentindo. Parece aquelas intervenções. — Nós somos todos adultos, não é isso? — Ela espera eu assentir para continuar. — Vamos esclarecer umas coisas. Somos amigos e isso é uma coisa boa. — Já estou com medo. — Eu quero ficar com o Bem. — Olho para Ben imediatamente, parece bastante satisfeito com o discurso. — E nós vamos na frente de vocês. Bella quer ficar com Marco e ela vai...

— Vocês fumaram maconha? — Todos ficam sérios. É disso que eu estou falando. Parece que sempre reajo as coisas de um modo negativo. — Prossiga — digo, passando a bola para Eli.

— Se você ainda quiser ficar com Heitor... — respiro para falar. Era legal quando tudo era segredo, tudo! — O que aconteceu em Sonora ou

no percurso fica lá até a entrada da nossa cidade. Sem corações partidos. Essa é a promessa. A diferença é que Heitor disse que você estará livre para se apaixonar lá, já que você vendeu sua missão por um *backstage* sem nos dar a chance de competir. Porque você é a única jornalista que não é mais uma jornalista.

— Deixa ver se eu entendi — organizo a ideia na mente, mas ainda parece bagunçada. — Vocês estão dizendo que quando o festival acabar será sem dramas? — Eles assentem. — Uma decisão madura. Bom saber disso de antemão.

Eli limpas mãos como se tivesse acabado de cometer um crime. Eu não tenho coragem imediata de encarar Heitor. Por isso eu encaro Bella e Marco conversando bastante animados. Ela volta saltitando como uma bailarina.

— Marco disse que conhece um lugar para tomar café que é uma delícia. É tudo natural. É uma espécie de fazenda e é da tia dele. Quem topa?

Todos respondem que sim. Eu não, ainda estou tentando digerir o fato que me deram cartão verde para ficar com Heitor. Até aí tudo bem. Eu faço o

PERIGOSAS ACHERON

que quiser da minha vida. Mas ele estar bem em eu ir procurar por outro cara em pleno festival... Esse plano não é bom. Nem de longe.

Heitor pede para Ben dirigir, enquanto Bella anuncia que irá com Marco, então é melhor seguir o carro de perto. Sento ao lado de Heitor, que sorri presunçoso.

— O que está passando nessa cabeça? — Ele me cutuca de leve na cabeça.

— Esse plano de vocês... — Élide e Ben estão super animados conversando.

— Gika — começou cedo. — Bella quer ficar com o Marco, eu deixei para lá. Ben e Eli querem um motivo para ser um casal na nossa frente. Quanto a nós dois, eu não falei nada. Elas presumiram isso. A única coisa que realmente saiu da minha boca foi que você tem livre direito de ficar com quem você quiser lá no festival. Eu entendo que você quer se apaixonar por alguém, não parece justo tirar isso de você.

E falou o cara que quase não me deixou dormir.

— Certo, então quer dizer que quando eu

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrar alguém que fizer meu coração palpitar, eu posso deixar você e ir atrás dele?

— Com certeza. — Ele diz, seguro. — Mas, como você se comprometeu a usar o ingresso de imprensa, terá que me ajudar quando as bandas famosas chegarem. Durante o dia serão bandas alternativas, desconhecidas ou que fazem cover. É nesse momento que você estará livre para encontrar o amor de sua vida.

— Paixão — corrijo. — É diferente de amor. Não se confunda.

— Certo. Paixão. — Ele concorda. — Ah, e elas concordaram que cada uma ficava com um quarto.

— Uau! — digo, me virando para encará-lo. — Como assim? E você e Ben?

— Nesse caso, você fica comigo. — O que eles estavam pensando quando decidiram isso? — Eu tenho um quarto duplo. Ben e Eli vão dividir o quarto que ela reservou de casal, que era para vocês três, e Bella e Marco ficarão juntos no que ele reservou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu pego um quarto só para mim. — Eles fizeram um plano, mas não pensaram se eu estaria de acordo, talvez seja por isso que ninguém me contou de fato.

— Giovanna, o hotel está lotado. — Não sei quem disse que isso tudo seria um plano bonito. — A Eli conseguiu porque houve um cancelamento. Os outros com vagas são longe do hotel e ninguém quer dirigir em um festival onde irá beber.

— Então é isso? — Ele assente. Vou tentar me acostumar com essa ideia até a hora que chegarmos. — Você e eu em um quarto.

— É, também soa tentador aos meus ouvidos. — Lá vem ele.

Quando me dou conta o carro está estacionando. A vista é de perder o fôlego, é linda. Tudo tão verde e florido que sinto vontade de morar lá.

Ao menos por algum tempo eu vou tirar Heitor da cabeça. Só lembro o horário exato que o deixei dominar meus pensamentos, e isso é cansativo.

— Vamos, Gika. — Ele abre a porta do carro

PERIGOSAS ACHERON

para mim. — Estou com fome.

— Essa fala é minha — digo, saindo do carro e aceitando sua mão.

— É sim. Só me esqueci de citar você. — Aquele maldito sorriso...

Eu odeio olhá-lo e vê-lo como uma pessoa altamente atraente. Eu odeio esse pensamento. Não quero arruinar minha viagem e sair de lá apenas gastando meu tempo com Heitor. Preciso focar em meu objetivo. Me apaixonar! Meu Deus, será tão difícil assim?

“ Não deixe nada para depois

Não deixe o tempo passar

Não deixe nada para semana que vem

Porque semana que vem pode nem chegar”

Semana que vem — Pitty



CAPÍTULO NOVE

O que eu quero exatamente neste momento é

PERIGOSAS NACIONAIS

meu notebook. O ar puro que invade meus pulmões parece oxigenar melhor meu cérebro e me sinto menos estúpida e mais normal. Meu normal, não o normal das pessoas.

Agora que estou sozinha em um balanço, tudo parece mais claro. Como a calmaria do campo ajuda na inspiração. Claro que eu sei o que quero botar no papel, mas eu não sei por onde começar, até agora. Incrivelmente, sinto a necessidade de escrever, porém não tenho como. Eu vou aprisionar esse sentimento, essa vontade, até que ela exploda quando eu estiver na frente do notebook.

Aqui eu posso ouvir o nada. E a melhor coisa é que ele é silencioso. Não há buzina, ou gritos, campainha. São as folhas balançando, os pássaros cantando e as risadas ao fundo. Meus amigos estão distantes daqui mas posso identificar cada risada deles. Continuo com a mesma impressão que todos estão sempre se divertindo sem mim.

Chegando aqui Marco apresentou a dona como tia dele, e pela semelhança, acredito que seja de sangue. Eu poderia passar dias a fio aqui. Sem precisar de muito.

PERIGOSAS ACHERON

— Uma ovelha perdida. — Eu literalmente pulei do balanço. De onde ele saiu? — Calma, só vim pegar um pouco de água aqui. As plantas precisam ser regadas antes do sol chegar com tudo.

— Desculpa, eu achei que estava sozinha. — Tento manter uma conversa, enquanto meu coração está enlouquecido. — Eu estou em seu caminho? Eu posso sair daqui se quiser.

— Não, fique. Nunca tenho companhia. — Sua voz grossa é algo meio contraditória ao tom gentil. Sorrio aliviada. — Parece que estava gostando do espaço.

— Só curtindo a calmaria. — Ainda estou me balançando devagar. — Sabe que esse silêncio se perde na cidade... eu precisava ouvir o nada.

— Sempre será bem-vinda quando quiser ouvir o nada. — Ele conversa sem me olhar. Mas eu continuo sorrindo. — O que você faz? Parece uma pessoa criativa.

Agora ele me olha livrando seus cabelos volumosos do rosto. São fios grossos e escuros. Tento não olhar muito para seu corpo, é falta de educação encarar uma pessoa como eu estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo. É uma coisa ruim. É tipo... ele parece forte, mas com pouco músculo. É apenas grande e sólido.

— Você não lembra o que faz? — Eu forço um movimento de cabeça e ele sorri, eu passei tempo demais absorvendo sua essência, tanto que esqueci de responder.

— Eu sou jornalista. — Omito a parte menos importante, ou a parte que vai gerar perguntas que não quero responder. — E você? Regador de plantas?

Ele nega, colocando o regador ao lado das plantas que estão dispostas embaixo da árvore. Dá dois passos largos e senta no balanço que é pequeno demais para seu corpo. Depois de um longo suspiro ele responde.

— Eu sou veterinário. — Faz sentido. Numa fazenda, veterinário.

— Então você trabalha aqui? — Ele nega em resposta à minha pergunta e me sinto estúpida. — Está bem...

— Não aqui. Não em tempo integral —

PERIGOSAS ACHERON

resposta confusa. — Eu sou primo do Marco, na verdade. Eu moro na cidade e trabalho em uma clínica para pets.

Oh, minhas suposições estavam erradas. Até demais. Estou envergonhada, por que eu acho que ele trabalha aqui? Só porque seu traje denuncia isso?

— Não chutaria isso — confesso, ainda envergonha.

— Seu namorado parece não gostar do fato de eu estar sentado ao seu lado. — Eu estou olhando em seus olhos, mas ele está olhando em outra direção. Então sigo sua visão e dou de cara com Heitor semicerrando os olhos sobre a luz fraca do sol.

— Ele não é meu namorado — digo ,me voltando para o estranho.

— Não? Pois ele está vindo para cá. — Ele fica em pé, estendendo a mão em minha direção. — Eu sou o Gabriel. Foi um prazer regar as plantas ao som dos seus pensamentos.

— O quê? — Os passos de Heitor se tornam

PERIGOSAS NACIONAIS

mais fortes contra o solo. — Me chamo Giovanna — digo, ficando em pé. Então ele sai dali com um sorriso divertido e um aceno de cabeça para Heitor. — Qual seu problema?

Cruzo o braço na frente do corpo, esperando uma resposta real. Por que ele tinha que vir até aqui?

— Eu não tenho problema nenhum. — Ele responde como se realmente não se importasse. — É que já estamos indo embora, seria bom você vir conosco, mas se prefere pode ficar com o caubói aí.

Suas palavras vêm desdenhosas e isso em irrita profundamente. De longe Eli arqueia os braços e os balança como bandeira em mastro. Como se estivesse dando a largada para uma corrida de fórmula 1.

— Olha lá — aponto para Eli. — Ela está me chamando, e de longe...

— Certo, mas eu quis chamar de perto. — Ele aponta o caminho de volta. — E outra, acho que preciso avisar que você precisa parar de sair conversando com estranhos por aí.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, é mesmo? — replico e ele assente sério. Só pode estar de brincadeira. — Como eu irei conhecer alguém novo se eu não conversar com um estranho?

— Esperando que eu aprove antes. — Eu preciso gargalhar, botar para fora.

— Você tem um detector de psicopatas? — Ele me olha de soslaio e eu sorrio satisfeita. — Ele apita quando você se olha no espelho?

Uma leve raiva está em seus olhos. E percebo que aquilo não era bem como dois adultos deveriam se comportar, muito menos no meio de mais adultos. Mas, como eu não quero voltar a gargalhar diante dele e seu olhar mortal, eu tento correr, mas ele me segura pelo pulso.

— Diga que você não vai sair por aí conversando com caras bêbados no festival? — Suas palavras são sérias, o que causa uma devastação dentro de mim com seu tom bruto. — Me prometa, Giovanna. Isso é uma coisa séria.

— Você está falando sério mesmo? — Tento soar divertida, mas minha boca está seca. Ele dá um passo à frente, nos aproximando.

— Eu estou falando sério. — Outra vez, sem resquício de brincadeira. — Ben está muito ocupado com Eli. E eu não quero que isso dê errado para você.

— Eu não preciso de proteção. — Sua mão solta meu pulso levemente até que nossas mãos estejam unidas. — Não precisa se preocupar comigo. Eu não sou sua responsabilidade.

Não nos afastamos. Estamos em uma guerra silenciosa que é conduzida por nossa troca de olhares intensos. Ele respira pesado, aquilo está incomodando de verdade. Por que ela acha que isso dará errado? É um festival, se eu fosse sozinha não teria “proteção”. Eu não preciso de proteção contra o mundo.

— Você é amiga da minha irmã. — Ele entrelaça nossos dedos, não há mais sons externos além dos pássaros e vento desgrenhando seu cabelo. — Quero que esteja em lugar seguro. Assim como quero para Eli, mas ela tem o Ben.

— Heitor... — Eu não sei de onde saiu isso. Nem sei o motivo exato ou porquê ele começou. — Eu não preciso de proteção. Eu prometo. E claro

PERIGOSAS ACHERON

que não vou sair por aí beijando caras aleatórios na esperança de me apaixonar por eles.

— Não? — Sua pergunta não soou como uma pergunta.

— Não... — Então sinto minhas pernas fraquejarem.

Ele está outra vez em meus lábios, e é bom. Aos poucos vamos ficando frente à frente, e nossos corpos começam a trocar um calor gostoso embalado pelo vento forte. O que está acontecendo com a gente? Por que nossas conversas não fazem tanto sentido? Um beijo leve, lento e preciso. Algo musical sai dali. Todo esse discurso dele era para me beijar? Por que ele apenas não diz isso? Sem enrolação. Eu não sou uma princesa frágil e estive no mundo sozinha sem a suposta proteção dele por muitos anos. Por que agora devo abaixar e esperar ser salva de bêbados?

— Você pretende continuar me beijando? — Meus olhos estão selados, me recuso a abrir, porque aqui, quando eles estão fechados, eu sinto outros sentidos sendo testados.

— Depende. — Ele está próximo ao meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvido, seu tom cheio de preguiça outra vez me faz sorrir, adoro sua voz assim. — Se não for atrapalhar você. Não quero ser um empecilho em sua missão.

— E está tudo bem para você? — Ele encosta sua testa na minha e sinto meus lábios protestarem com a aproximação.

— Em você ir atrás de outros caras? — Soou estranho, mas é isso que irei fazer. — Você está livre para perseguir o que acredita, eu não me importo. No final da noite ainda serei sua carona de volta.

— Muito altruísta da sua parte. — Seguro suas mãos. — Isso é estranho, você não acha?

— Não, Gio. — Enfim nos afastamos. — Quando você conhece alguém em uma jornada, não pode tirá-la do seu caminho. Eu querer beijar você, não pode tirar você do seu caminho. Está atrás de um sentimento e espero que possa reconhecê-lo quando estiver dentro de você. Não tem nada a ver com o beijo ou com o que quero. Já beijei dezenas de mulheres, mas não quer dizer que me apaixonei por elas.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está dizendo que não gosta de mim?
— Solto suas mãos, mantendo minha voz baixa.

— Estou dizendo que não importa o que eu sinta. — Ele abaixa os olhos e em seguida pega minha mão. — Não faz diferença em sua vida.

— Poderia... — Ele se aproxima e prende uma mexa solta que passeava por meu rosto.

— Não pode, Gika. — Ele beija novamente meus lábios. — Não importa se aqui dentro eu quero ficar mesmo com você e contar histórias. Como eu trocaria tudo só para não ir ver vários jovens beberem e cantar alto... Não importa o quanto eu quero ficar com você, importa para mim, mas não deve para você. Crie seu próprio redemoinho, sinta suas próprias borboletas no estômago, não é assim que vocês descrevem? Esse tipo de sentimento não pode ser por que a outra pessoa sente e sim por que nasceu em você.

— Heitor... — Estou confusa. Eu não sei o está acontecendo e não sei se o que ele falou é verdade.

— Vamos. — Ele entrelaça seus malditos dedos aos meus. O que está acontecendo? Por que eu preciso que alguém me explique? — Precisamos
PERIGOSAS ACHERON

chegar ao hotel antes das dez horas.

Quando chegamos ao carro, os olhares foram até nossas mãos entrelaçadas. Devagar eu puxo minha mão de volta e ainda assim sinto meu coração bater na garganta. Ele sorri com simpatia, enquanto eu... eu quero voltar aos seus braços ali mesmo, mas não sei o que isso significa, e o pior de tudo: não posso perguntar. Porque é uma resposta que está dentro de mim, só não sei decifrar esse código de guerra interno. Vou continuar a voltar para nossas batalhas de olhares e esperar que alguém desista e recue. Ou não.

Enfim em Sonora.

No caminho de volta, Ben e Heitor decidiram que vir conversando, o que para mim foi maravilhoso. Ainda estou muito bagunçada, perdida, e olhar para a cara dele não ia ajudar tanto. Eli e Bella mantiveram uma conversa super animada sobre as roupas que trouxeram para vestir no festival. Eu sinceramente não consigo lembrar o que trouxe. Minha mente não consegue ir até a

PERIGOSAS ACHERON

mala. Estou gastando muita energia para observar Heitor tranquilamente, como se não tivesse me dito nada de importante.

Por meias palavras, eu entendi alguma coisa. Preciso de clareza. Gosto de tudo na cara, sem vergonha. Mas a ideia é que seja algo casual. Não é esse o trato? Casual para mim parece algo descartável, mas deveria ser exatamente o que eu deveria estar procurando. Eu não tenho o tempo, a energia e muito menos a paciência para relacionamento. E acredito que não nasceu nas últimas horas.

— Você está mais quieta que o normal. — Eli chama minha atenção. — O que aconteceu? Heitor disse ou fez algo que você não gostou?

Eu suspiro. O que eu deveria dizer naquele momento?

— Me explique esse “pacto” não de sangue que vocês planejaram sem minha presença — digo, intercalando o olhar entre as duas.

— Somos jovens curtindo sem previsão de relacionamento. — Bella descreve em suas palavras e sua voz calma. — Você acha que consegue se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soltar um pouco? Esquecer que tem uma vida em casa?

— Você só precisa ser a Giovanna de vinte e quatro anos aqui. — Eli continua. — Precisamos de um dia para sermos inconsequentes. Sem perguntas ou drama. Se entregue sem medo, é isso que queremos. Sem julgamentos.

— Você consegue? — Bella insiste.

— Sim — digo, sem certeza alguma. — Tudo bem. Sem perguntas e sem julgamentos. É isso?

— É isso. — As duas respondem juntas, assentindo.

Quando o carro enfim para, Heitor e Ben nos olham, sorrindo. Então eu providencio o meu melhor sorriso. Sem drama é tudo que preciso e, se para ele está tudo bem caso eu encontrar outra pessoa, para mim também tem que bastar. Não é isso?

É isso.

Eu quero isso.

Eu meio que preciso.

Então é o que vai acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Irei ficar com ele, sem perguntas e sem drama.

PERIGOSAS ACHERON

*“ Temos esta cama para nós mesmos
Não temos que dividir com ninguém
Não guarde seus segredos
É kama sutra, só mostra e faz
Tem amor nos seus olhos
Isso me atrai
É tão sutil, estou em apuros
Mas, eu adoraria estar em apuros com você”
Marvin Gaye — Charlie Puth*



CAPÍTULO DEZ

— Você está pronta para dividir um quarto com Heitor? — Eli pergunta ansiosa. Meu rosto com certeza está imparcial, mas por dentro estou tremendo. Sim, isso agora parece uma péssima ideia.

— Eu vou ter que dividir um quarto com Heitor, porque você não pode manter sua calcinha no lugar — falo entredentes. Ela tenta não sorrir, mas não consegue disfarçar. — Não é por que você está pronta para pular na cama com um cara que eu também estou.

— Você nunca está pronta para nada. — Ela assopra o cacho que está solto na frente dos seus olhos. — Se solte, Giovanna. Vá ser feliz, *babe*.

— Como você está tão tranquila depois de terminar um relacionamento de anos? — Ela deu de ombros. De ombros! É por isso que sempre estive melhor sozinha. — Você sabe que sou amiga do Lucas. Então não faça essa cara desdenhosa quando eu mencionar ele.

— Então não mencione, muito menos na frente do seu irmão. — Ben e Bella estão lendo uns panfletos no balcão da recepção que eu não tenho noção do que seja. — Eu entendo, também achei que estaria destruída, arrasada, mas eu estou bem. Ben e eu, nós só estamos curtindo. Se rolar uma química forte, uma grande reação — ela pisca, fazendo piada — Nós podemos ver quando

voltarmos para casa. Lógico que sinto um pequeno formigamento quando eu olho para ele, e eu quero isso. Nem todo mundo que termina um relacionamento precisa morrer.

— Eu não falei isso — corrijo. Mas seria bom ela pensar nisso antes, porque acredito que Ben realmente gosta dela. — É que Bem... ele meio que gosta de você. E não é justo ele confundir as coisas.

— Seu irmão é adulto. — Assinto. É um fato, mas não importa, eu sempre irei querer protegê-lo. — Você precisa se soltar, Gio. Ele sabe os riscos. Às vezes é melhor ter uma noite inesquecível do que uma vida de arrependimento. Ben não prometeu me amar, nem eu a ele. Estamos só curtindo. O que ele sente pode ser só atração física. Nada mais profundo que isso.

Ela me deu o que pensar. Isso, é exatamente isso que sinto por Heitor. Atração física! Está explicado. Mais casual que atração física impossível, então se eu não vê-lo, minhas pernas não tremem, nem meu coração dispara. Se ele não me beijar, eu não irei precisar de outro beijo. E se ele não me irritar, eu não precisarei ficar calma. É

isso. Porque sinto que cada vez que ele se aproxima eu deixo a atração física me dominar. Mas eu disse para ele que iria seguir o fluxo.

Como eu não sei o que está acontecendo?

Será que é assim que todo mundo se sente, ou isso é uma coisa exclusiva minha?

Por que não posso controlar meus instintos?

— Gio, — Eli estala os dedos na minha frente — você acha que é capaz de se apaixonar por Heitor?

— O quê? — desafiei. — De onde você tirou?

— Você não é um mistério. — Seu tom é baixo. — Só lembre que o que acontece aqui, fica aqui. Está bem para você? Eu sei que você quer se apaixonar, mas...

— Eu não vou me apaixonar por Heitor — sibilo as palavras, mas elas parecem erradas ao ouvir a alegoria que meu coração faz quando ele aparece em minha mente, apenas a ideia dele. — Está me ouvindo? Ele não é exatamente o tipo de cara que...

— Está bem. — Eli diz tocando meu braço. —

Não precisa se defender. Não estou te acusando. Só quero saber o que está acontecendo.

— Como você sabe, eu prometi ajudá-lo no festival — ela assente com uma velocidade extraordinária — mas é só isso. Eu preciso de um cara que eu não vá vê-lo novamente. Preciso de alguém...

— Eles bagunçaram tudo. — A voz de Heitor ecoa dentro da minha cabeça. Ele está irritado. Me viro lentamente, sentindo tudo meu indo em direção a ele. — Preciso responder meus e-mails. Você precisa de ajuda com sua bagagem?

Eli assente por mim. Eu não preciso, minha mala tem rodinha. Ele estende a mão e segura no puxador. Não consigo me mover, é difícil. Ele meneia a cabeça para o lado como se esperasse que eu me movesse, mas eu estou em conflito.

Eu sempre estou em conflito. E eu odeio isso!

— Não precisa subir agora. — Ele volta a dizer, e com suas palavras o ar sai dos meus pulmões aliviando a pressão. — Eu tenho umas coisas para entregar, então estarei ocupado. Tenho um prazo e ele está morto.

— Falando em prazo... — Eli bate na testa. — Francine me recrutou de último minuto para tirar umas fotos para a seção de moda. Já que ela agora é minha chefe suprema. Desculpa, Heitor. Mas eu quase odeio aquela mulher.

— Faça disso um clube e me envie um convite VIP. — Quero saber por que ele é tão malvado com ela? Como uma pessoa pode amar e depois odiar a outra? — Façam o que tem que fazer, eu vou indo.

Ele carrega minha mala com destreza. Mas o que eu posso esperar? Tem rodinhas e tal. Por que eu estou vendo ele se afastando? Eu não consigo trazer meu olhar de volta, eu estou tentando adivinhar o que está na mente dele, eu estou querendo saber demais, eu queria que...

— Eli? — Me viro para minha amiga que se mantém neutra ali. A melhor cara de paisagem que você verá é a dela. — É possível... — As palavras travam na minha garganta. — Meu celular está sem bateria. Você poderia fazer uma pesquisa para mim?

Ela assente, tranquila. Me viro para ver se Heitor ainda está no recinto, é como se eu pudesse

PERIGOSAS ACHERON

senti-lo daqui. Oh, meu Deus. E eu posso. Ele fica parado por alguns segundos e logo toma o elevador.

— Diga o que quer. — Ela segura o aparelho entre as mãos.

— Como saberei que estou apaixonada? — Ela começa a digitar, logo depois para, me encarando. — Por favor, Eli.

— Idiota. — Sua resposta me pega de surpresa. — Giovanna. Oh, meu Deus! Como você pode ser assim? Como você e Ben podem ser irmãos!?

— Você conhece nossa família. — Ben diz, se aproximando, a fazendo sorrir. — O quê? O que falei de errado, Eli?

O nome dela parece derreter na boca dele.

— Sua irmã é uma grande idiota. — Ben semicerra os olhos não achando aquilo ofensivo. — Ben, você que é um ser humano com um coração funcional, explique a esse robô como é se sentir apaixonado.

Uau. Aquilo é exagero. Eu não usaria a palavra *apaixonada*, mas atração física. ATRAÇÃO FÍSICA foi o que concordamos, agora já estou

apaixonada? Estou? É possível me sentir assim em tão pouco tempo?

— Você está a fim de Heitor, todo mundo sabe.
— Ben diz enquanto Eli coloca a mão na boca. Bella bate palmas, feliz. — Pode ser físico, é isso?

— Ela veio se apaixonar. — Bella atalha, interrompendo Ben. — E só agora notou que algo a mais está acontecendo...

— Como assim? Vocês são malvados. — Me defendo. Não quero fazer do meu sentimento um tópico para se discutir em uma mesa redonda ou em um semicírculo, que é o que está acontecendo aqui.

— E você é bem lerda. — Bella suspira. Quero saber de onde ela tirou essa maldade.

— Somos seus amigos, podemos ser malvados.
— Eli entrelaça o braço em Bella. — Nós não aguentamos mais isso. Gio, nós amamos você, mas queremos isso para você mais do que pode imaginar.

— Vocês querem o quê? — Elas se entreolham e me sinto desafiada. — Acham que não sou capaz de reagir quando eu me sentir próxima

sentimentalmente a uma pessoa? É isso?

— Paixões são coisas aleatórias. — Bella recita, como se estivesse uma citação de um livro. — Um sentimento um tanto transitório que pode acabar em pouco tempo. Não é a coisa mais complexa que precisa de um psicoterapeuta para fazer uma análise clínica do seu estado mental.

Não respondo. Ao invés disso, eu viro as costas, confirmo o quarto com o recepcionista e pego o elevador. Como um sentimento pode ser tão complicado? Eu não acredito que seja assim. Não vejo como isso possa ser normal. Não deveria ser simples e não conflituoso?

Será que Bella tem razão? Não é tão complexo quanto eu queira que seja? Será que estou apenas complicando o que seria fácil?

Era para ser algo leve? Romântico? Feliz?

Por que sinto que tem dois guerreiros aqui? Por que eu me sinto assim? Tão rápido, tão breve... tão... eu só precisei de dois segundos. Isso é uma grande merda.

Bato na porta em uma sequência de três batidas

e logo seco minhas mãos na roupa. Ele pede para eu entrar, está sentado na mesa com um notebook ligado. Está também ao telefone. Caminho até minha mala, ainda temos algumas horas até descer para o festival. Preciso descansar, a noite mal dormida unida a acordar tão cedo me deixou lenta. Mais do que sou.

— Gika — Heitor chama minha atenção — Você pode pegar aquela agenda dentro da minha mochila?

Ele indica onde está a tal agenda e me direciono até o sofá. Caminho até ele, que pega o objeto da minha mão. Tento não encarar a tela do computador e logo me viro para sair, mas ele segura meu pulso como se sua mão pertencesse àquele lugar, como hoje mais cedo.

— Preciso de sua ajuda. — Ele aponta para a uma segunda cadeira no canto do quarto e eu caminho até lá, trazendo o objeto comigo. Ele indica para eu colocar ao seu lado.

Na tela do computador vejo fotos de paisagens. São fotos maravilhosas. Vou olhando cada detalhe, cada enquadramento. Eu sou apaixonada por PERIGOSAS ACHERON

fotografia, mas nem de perto sou tão boa assim. Ali estão pássaros, flores, árvores. Apenas a natureza.

— Aponte três fotos. — Ele se volta para mim assim que ele encerra a ligação.

Aponto exatamente três, as que me fizeram transcender dali. Ele sorri e toca minha perna. Sinto meu peito inflar.

— Obrigado. Estava em dúvida. — Não pergunto para o que é. Não me interessa. — Vai descansar antes de descer?

Estamos próximos, muito próximos. Assinto. Estou embriagada de sensações. É isso? Achei que era menos conflituoso, mais harmônico.

— Vou, sim — digo com dificuldade. — Preciso mesmo. Acordamos muito cedo.

— Também estou cansado. — Olhamos para a cama no mesmo momento. — Então, era um quarto duplo, mas eles confundiram tudo.

— Certo, você não está mentindo? — pergunto, desconfiada. Ele não muda de expressão, continua me encarando sem acreditar que perguntei aquilo.

— Claro que estou mentindo. — Ele abaixa a

tampa do aparelho eletrônico. — Meu plano era dormir juntinho do Ben. Por isso eu pedi para dividirmos um quarto, mas a Eli roubou ele de mim e não estou sabendo lidar com isso. Será que você pode cuidar do meu coração partido?

— Você é tão... — ele fica em pé e estende a mão. Encaro sua mão por longos segundos.

— Gostoso? — Me recuso a pegar em sua mão e me viro de costas.

O que veio como um grande arrependimento. Nunca vire as costas para o inimigo. Ele é o inimigo? Meu inimigo? Inimigo da sanidade? Do que eu estou falando?

— Eu não falei isso. — Consigo dizer, mas seus braços me apertam ainda mais próximo ao seu corpo. — Eu não concordei com isso. Eli gritou isso aos céus. Não eu.

Sinto minha voz falhar como se estivesse realmente em combate.

— Está bem. — Ele se aproxima, falando em meu ouvido. — Você não falou isso. Na verdade, você nunca falou nada bacana para mim além que

sentia muito.

O quê?

Deixo meu corpo ceder um pouco ao dele, não tenho mais tanta força para lutar contra essa droga de atração. É cansativo, e eu estou exausta.

— O que eu deveria falar? — Ao som das minhas palavras ele encosta lentamente seus lábios no comprimento do pescoço.

— Você deve ter alguma coisa boa para falar sobre todos. — Devo? Deveria? Que regras são essas? Me sinto realmente um robô. Por que eu não posso ser menos, menos... gelada. — Estou brincando.

Ficamos frente à frente. Tento decifrar sua expressão, mas não consigo. Porque a verdade dentro de mim não pode ser dita, eu não vou dizer a ele o que acabei de perceber, não posso. Isso é algo privado.

— Eu gosto do seu beijo. — Então ele sorriu. Oh, mas foi aquele sorriso. Como o tempo não funciona aqui. Isso ... meio estranho. — Eu não sou a pessoa mais gentil do mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem eu. — Ele fala aquilo de uma forma natural. — Só que há momentos em que nós podemos dizer alguma coisa bacana aos amigos.

— Nós somos amigos? — Sinto meu coração crescer, seu corpo está mais perto e desta vez é diferente.

— Não somos inimigos, isso é um fato. — Eu toco seu cabelo, deixo meus dedos deslizarem pelo comprimento até chegar a sua nuca. — Eu gosto quando você me toca.

— Posso trocar as palavras por toques? — Do que eu estou falando?

Estou embriagada sem álcool. Essa é nova.

— Guarde suas palavras para seu romance. — *É, eu deveria fazer isso, mas estou aqui gastando com você.* — Giovanna, antes de você descer, eu quero pedir uma coisa.

As palavras causam um surto de ansiedade nos milésimos de segundos que ele respirou para continuar a frase.

— Você poderia não ficar com mais ninguém? — O quê? Acho que essa virou minha pergunta

PERIGOSAS ACHERON

favorita.

— Mas você disse... — Tento dizer, mas ele nega com a cabeça.

— Eu digo muitas coisas. — Ele se defende. — Sou jornalista. Treinado para aumentar tudo. Eu sei que não deveria pedir isso a você, mas realmente preciso.

Eu me aproximo e toco seus lábios com os meus. Depois, dou um passo para trás e encaro seus olhos, meu vício.

— Heitor... — começo, mas o que eu irei dizer? — Eu... isso...

Ele não espera explicação, na verdade nem sei o que iria responder. Se eu ao menos pudesse controlar meus impulsos, mas nem isso. E foi algo realmente significativo, ele pedir para eu não ficar com ninguém, mesmo eu sabendo que não era capaz. Mas isso não pode afetar o pacto. Ou pode?

— E o pacto? — Quebro o momento. — Isso vai contra ao que vim fazer aqui.

— Você não precisa de um festival para se apaixonar. — Suas mãos rendem minha cintura. —

Você pode se apaixonar na fila do banco, no balcão da padaria, no momento que levar seu cachorro para passear... mas nós temos esse final de semana para não pensar sobre isso. Eu sei que não deveria pedir isso. Mas eu não consigo imaginar...

— Imaginar o quê? — Ele nega com a cabeça, sério. — Eu vou acreditar em sua teoria.

— Não precisa acreditar em mim. — Ele se aproxima, me beijando. — A única coisa que você precisa lembrar é que só temos o agora.

E eu acredito nele.

Suas mãos sobem lentamente pelo comprimento das minhas costas, sabiamente por debaixo da minha camiseta. Ele é rápido. Jornalista maldito e suas palavras. Eu já fui ele, e só agora percebo que ele está na profissão certa.

Seu beijo vai me rendendo aos poucos. Estou cansada, mas isso supera o cansaço, é um despertador de sensações maravilhosas. Ainda não estou tímida do seu corpo, mas ele parece mais confortável ao meu. Ele vai me marcando com seus beijos precisos ao longo da minha pele. Essa cama pode não ter sido culpa dele, mas está facilitando

PERIGOSAS ACHERON

tudo, porque o empurro contra ela. Eu preciso de um lugar plano. Não temos tanta diferença de altura, mas está me incomodando.

— Então — suas palavras surgem entre os beijos — quais palavras vamos trocar por gestos?

— O silêncio por um beijo — digo, me livrando da minha própria camiseta. Ele não quer isso? — Quanto mais tempo mudo, mais tempo você será recompensado.

— Você é inovadora. — Meneio a cabeça para o lado, o olhando com precisão.

— Acabou de perder um beijo — digo, me sentando sobre seu quadril. — Você com certeza não consegue ficar calado, então será um grande perdedor desse jogo.

Me curvo sobre seu corpo e me aproximo de seus lábios, mas ao invés de beijá-lo eu digo:

— Tire sua camisa. Estou me sentindo sozinha sem a minha. — Então ele levanta, me tirando de cima dele.

Em dois segundos que baixe a guarda me vejo presa embaixo do seu corpo em um golpe sujo. Eu

deveria controlar isso, não ele. Porque ele está basicamente controlando tudo e isso não deixa nada para mim, apenas me sentir fraca diante dele. E é por isso que esse sentimento é confuso, porque eu não posso controlá-lo. Isso não é uma cena do meu livro. Não é ficcional.

Eu posso sentir em minha superfície, eu posso sentir em minha pele e eu não estou lendo sobre isso. Eu estou vivendo isso, e me sinto livre de bloqueio, poderia voltar para casa agora e saberia escrever a melhor cena de amor. Não porque eu o amo, mas...

— No que você está pensando? — Seus olhos penetram os meus e sua voz baixa me desperta. — Eu só quero isso se você quiser. No segundo que você não quiser, eu saio daqui.

— Não, por favor — digo, abrindo minhas pernas para acomodar seu peso. — Eu quero isso, é só que...

Ele nega com a cabeça e eu assinto. Realmente não importa. Eu penso demais. Não deveria estar pensando nele quando na verdade ele está diante de mim. Eu não preciso pensar como seria nossos

PERIGOSAS ACHERON

corpos unidos, porque isso está realmente acontecendo, eu não consigo parar de pensar. E isso é um problema. Meu cérebro nunca desliga e agora ele está beijando minha barriga e eu continuo pensando...

Deixo a sensação me dominar, ele realmente sabe o que está fazendo, mas eu não sei. Não sou virgem, não entenda errado. Mas eu nunca me preocupei como seria, porque eu ainda encontrarei Heitor na vida.

Eu preciso desligar a droga do meu cérebro. Ainda estou pensando...

— Se isso fosse uma cena — ele para outra vez diante de mim — O que o cara faria depois?

Será que eu estava falando alto? Foco!

— Eu não sei — digo, ofegante. Meu corpo protesta da distância dele, protesta de verdade. Eu o puxo de volta, mas desta vez para meus lábios. — Se fosse você escrevendo... O que ele faria?

Digo em seus lábios.

— Eu não escrevo histórias de amor. — Ele apoia o corpo ao lado. — Eu escrevo verdade.

Eventos. Tragédias. Mas eu posso imaginar que agora provavelmente ele iria se livrar de qualquer tecido que ainda permanecesse no corpo dela — e assim ele se livra do meu short de tecido superleve. Meu coração bombeia rápido demais e minha respiração está entrecortada, mas ele parece estar normal. — Eu não sei o que há de errado comigo, Giovanna — ele analisa o comprimento do meu corpo e depois faz o mesmo caminho com a mãos. — Tenho outra certeza para você — enfim nossos olhos se encontram — Você me quebrou. Você despertou o pior em mim. Como isso aconteceu?

Respiro para falar “eu não fiz isso”. Eu não saberia como fazer isso. Eu não pretendia fazer...

Mas ao invés de falar, eu levo sua mão ao feixe do meu sutiã e enfim me sinto nua. Aos poucos ele volta para meu corpo, sem falar mais nada. Apenas contempla cada pedaço exposto. Eu estou perdida. Não sei também o que aconteceu.

Ele enfim tira a própria bermuda e aos poucos se livra da minha calcinha. Nossos corpos estão unidos em uma contradição de cor. Toco o comprimento do seu corpo. Eu nunca apreciei

alguém ou um momento íntimo assim. Nunca precisei. Tudo sempre foi rápido e com as luzes apagadas. Não por ter vergonha de mim, mas por não querer ver a cara da outra pessoa. Mas Heitor, eu preciso vê-lo, da mesma forma que eu preciso senti-lo.

— Ainda dá tempo desistir. — Levo sua mão até o meio das minhas pernas.

Não há voltas. Nunca haverá volta disso.

Ele sempre será o primeiro cara que desejei de verdade transar. Isso é uma verdade, mas não sei se quero compartilhar com ele.

Seus lábios estão entreabertos, deixando o ar entrar e sair pesadamente. Sinto meu corpo se erguer em direção a sua mão. Seu toque não é delicado, mas é excitante. Me aproximo, tocando seu corpo, mesmo sendo difícil, eu tento. Eu quero tocá-lo.

— Se tinha algo que eu precisava em minha memória, era isso. — Ele sorri, se inclinando em meus lábios. Idiota. Como ele pode sorrir enquanto eu tento manter o equilíbrio? Isso não parece justo.

— Não posso me divertir sozinha — digo, invadindo seu espaço e tocando em seu membro. Desta vez, não tem diversão em seu olhar, nem de perto. Ele arqueou ao meu toque. — Espero me arrepender disso um dia.

— Ao menos servirá para alguma coisa. — Idiota.

Ele volta a me beijar, pressionando meu corpo contra a cama. Sinto sua rigidez entre minhas pernas, e me sinto derreter entre elas. Indico para ele que está na hora de acabar a tortura e depois de colocar em prática o que aprendeu sobre sexo seguro. Ele entra em mim lentamente. Confesso que dói um pouco, eu estou nervosa e ao mesmo tempo ansiosa, mas ele continua a me beijar e isso ajuda muito.

Livro minha mente de pensamentos. O deixo dominar meu corpo lentamente, tento controlar os sons involuntários que vão saindo do fundo da minha garganta. Ele me prende mais ao seu corpo e eu grudo meus lábios aos seus ouvidos.

— Uma melodia maravilhosa. — Ele sussurra assim que um gemido descontrolado rompe de

PERIGOSAS ACHERON

mim. — Não se controle por mim, Giovanna. Você é maravilhosa. Eu adoro sua voz e vê-la gemer dobra o que estou sentindo aqui.

— Mas... — falo com dificuldade.

— Eu estou dentro de você. — Ele dança embalado por um ritmo único. — Isso com certeza é música para meus ouvidos.

Seu ritmo diminui, então ele desce até meus seios livres, ali os tocando com os lábios úmidos. Outra vez eu arqueio contra seu corpo. Eu estou levemente arruinada. Isso é outra certeza.

— Queria ser mais forte. — Ele volta a se movimentar dentro de mim.

Outro gemido escapa e ele fecha os olhos, trincando a mandíbula. É difícil para eu controlar, é complicado quando eu apenas quero aumentar o volume.

— O que isso significa? — A pergunta sai num sussurro quase inaudível. Se ele não estivesse tão perto, não ouviria.

— Oh, Giovanna. — Sua voz é trêmula e rouca. — Pense um pouco. Eu queria que isso durasse

para sempre.

Sempre? Tenho a mesma sensação, mas... mas... ele enfim aumentou o ritmo. Isso está causando um atrito maior, me pressionando a querer gritar mais alto. Cravo minhas unhas em sua pele. Eu realmente senti algo dentro mim explodir e agora posso ver estrelas.

Estrelas? Eu estou passando mal?

Por que eu não sei de nada?

Ele cai ao meu lado, a respiração desequilibrada.

— Vem cá. — Ele segura meu braço, me puxando para seu corpo. — Eu preciso de você aqui.

Ele puxa a manta que estava quase no chão e cobre nossos corpos nus, porém unidos. Sinto meu coração bater com toda força contra minha caixa torácica. Nossas peles estão suadas e, com certeza, temos o mesmo cheiro.

É, objetivo da viagem alcançada com sucesso.

— Desculpa se às vezes sou meio robótica. — As palavras pulam da minha boca. — Mas eu

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre evitei coisas assim. Humanos, multidões e por aí vai.

— Humanos? — Ele beija o topo da minha cabeça enquanto passeio meus dedos sobre sua pele do abdômen. — Você é um achado, Giovanna.

— Sem Gika? — Puxo a manta, sentando e o encarando

— Sem Gika. Você não odeia esse apelido? — Então eu tinha que transar com ele e tudo se resolveria?

— É, eu odeio, mas não vindo de você — confesso.

Ele me coloca de volta contra seu peito, com certeza comemorando essa vitória mínima.

— Duas coisas legais falada a um simples humano? — Volto a me sentar e o fuzilo com os olhos. — Qual é, Gika. É divertido. Mas acho que devemos ir. Precisamos comer, tomar banho, e ir trabalhar.

Aquilo faz eu ficar séria. Por que, o que será agora? Eu apenas vou ajudá-lo? E o que mais? A merda do pacto isenta todas essas perguntas! Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

odeio isso, porque eu sou uma questionadora por natureza, é contra meus instintos não perguntar. Não é natural. Eu posso sentir minha língua adormecer. Eu quero fazer perguntas!

— Está bem — concordo, mas antes que ele responda seu telefone toca. — Te espero no banho.

— Não demoro. — Sua última resposta.

Então eu me enrolo com a manta e vou em direção ao banheiro. Ainda consigo olhar para trás enquanto ele está deitado totalmente nu sobre a cama, falando ao telefone. Beira o cômico, aquela cena.

PERIGOSAS ACHERON

*“Como uma mariposa atraída pela chama
Você me atraiu, não conseguia perceber a dor
Seu coração amargo, frio ao toque
Agora, vou colher o que plantei
Estou sozinho revivendo meus problemas”
Stitches — Shawn Mendes*



CAPÍTULO ONZE

Para minha decepção, eu tomei banho sozinha. Heitor parecia bem estressado ao telefone. Não fiz pergunta, isso não tem nada a ver com nós dois. Ele pediu que eu esperasse por ele enquanto ficava pronto para sair.

Esperei, um pouco sem paciência. As mensagens das meninas não paravam de chegar, uma mensagem atrás da outra perguntando se eu estou descendo ou que irei comer, mas a última foi dizendo que me encontraria no festival. Elas realmente estão sem paciência.

Ele sai devidamente vestido em uma bermuda,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas sua expressão se mantém séria e pesada. Não que ele seja a pessoa mais feliz do mundo, mas agora ele parece estar aqui a contragosto.

— Ainda precisamos comer. — Assinto a sua constatação. — Só que já estou atrasado, o que faz de você atrasada também.

— Ah, é? — Não lembro dessa parte do trato. — Eu lembro que você pediu minha ajuda para as bandas conhecidas, não para as alternativas.

— Sim, mas agora que você não vai sair por aí atrás do que veio buscar... — ele limpa a garganta, me fazendo revirar os olhos. Heitor é meio folgado. — Você não vai me deixar sozinho, vai? — Ele coloca uma camisa branca sem estampa nenhuma e mesmo assim ele parece mais bem vestido do que eu. — Será muito solitário sem você. Não faça isso comigo, não serei capaz de suportar todas essas horas sem você.

— Você daria um ótimo ator. — Ele me puxa até seu corpo, me beijando sem muita cerimônia. — Está bem, mas só porque as meninas já foram. Elas me enviaram mensagens quando estávamos ocupados e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Outra vez me pegando de surpresa, ele imprensa meu corpo contra a cama que acabei de arrumar.

— Podemos ficar aqui se você preferir. — Passo meus braços por seus ombros, sentindo a tentação em ceder àquilo. O silêncio, o conforto. Tudo que realmente amo.

— Não, eu vim aqui me divertir, e por mais que seja divertido estar aqui com você... — ele beija meu rosto levemente, descendo para lateral do meu pescoço desprotegido. — Não torne isso difícil, é muita maldade. Eu realmente preciso ver esses shows.

— Gio — ele sussurra meu nome enquanto mantém seus olhos cravados aos meus. — Você tornou tudo isso mais fácil. Não pelo sexo ou pelo beijo. Mas por apenas aguentar tudo isso. Eu sei que não temos e que faço questão de enfatizar que não somos amigos, mas quero que saiba que cada momento que passamos juntos foi bem apreciado. Eu quero terminar este final de semana com uma memória. Eu não ando mais em festivais, vamos ficando velhos e os sons causam agonia na minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mente. — Eu assinto. Sou mais nova do que ele, e às vezes os sons ficam impossíveis, talvez sejam as vozes de todos os personagens ao mesmo tempo, pedindo, suplicando por serem escritos, mas minha mente é barulhenta. *Time Square* barulhenta. É uma avenida em uma metrópole, com certeza. — Então, obrigado por facilitar.

— Eu me sinto assim, às vezes — confesso. — Não se preocupe, você não está sozinho. Vamos fazer assim: você e eu aqui neste festival. Sem ninguém atrapalhar.

— Gosto disso. — Ele arruma meu cabelo, que está solto e em todo seu poder de volume. — Nós dois em um fim de semana, sem perguntas e arrependimentos. Só não me faça socar caras por aí, está bem?

— Você é um pouco... como posso explicar... — Ele se levanta, tirando seu peso de cima de mim. — Está bem. Não importa. Nós dois. Apenas isso. Vê se não me troca por alguém, também. Vai haver um leque aí. Se você me trocar, definitivamente irá ter que procurar outro lugar para dormir, porque eu irei trazer outro cara para cá.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não faria isso. — Ele me ajuda a ficar em pé. — Faria?

— Definitivamente — E eu faria. Com certeza. — Não é como se você pudesse fazer alguma coisa, não é mesmo? Você quem pediu para eu ficar com você.

— É, eu pedi e não vou estragar isso. — Ele estende a mão em minha direção. — Vamos, eu estou atrasado para uma entrevista que vai ter lá.

Ele me mostra todas perguntas que enviaram para ele. Heitor trabalha em outra divisão da revista, não entendi bem o que ele está fazendo aqui. Acho que é tarde demais para me importar com isso.

Vamos em silêncio. Ele, parece memorizar o que está escrito, como se já pensasse também no texto que vai acompanhar aquelas respostas. Heitor é o tipo de jornalista que os seus textos, mesmo informativos, sempre têm uma profundidade, algo que você sabe que ele levou horas escrevendo e editando, escolhendo palavras e procurando a melhor forma de levar a notícia. Não que entrevistas com bandas não sejam o suficiente para

PERIGOSAS ACHERON

ele, mas não é algo que eu esperei vê-lo fazer.

— Se você não se importar, podemos — ele entrelaça seus dedos aos meus enquanto o elevador chega ao térreo — podemos comer assim que os organizadores do festival derem as entrevistas. Não vai demorar, está calor. Eles não querem ficar conversando com jornalistas.

— Verdade. — Está realmente quente. — Pode ser, vamos logo acabar com isso.

A porta se abre, mas a imagem que vejo à nossa frente é como um leve soco na boca do estômago dado por um profissional de boxer. Francine está em nossa frente em salto e osso, e sinto minhas pernas travadas. Ela suspira e sorri para Heitor até se dar conta das nossas mãos dadas.

— Nós precisamos conversar. — Suas palavras são frias. Francine é uma mulher linda, em toda sua elegância e superioridade. — Será que você pode nos dar licença... hã... não lembro bem seu nome.

— Giovanna. O nome dela é Giovanna. Não finja que não sabe. — Ele delicadamente me tira do elevador — Eu falei com você dez minutos atrás e disse que estava com a Giovanna. Não menti. Não

PERIGOSAS ACHERON

compartilho dos seus hábitos.

Eu sinto que preciso de colete à prova do olhar congelante desta mulher. Ela respira fundo, mantendo a elegância fingida.

— Heitor, eu realmente preciso conversar com você. — Ela volta a dizer. — Me dê cinco minutos. Só quero esclarecer algumas coisas.

— Francine... — Ele trinca os dentes para falar. Ele realmente a odeia.

— Não me chame assim. — Sua voz é melosa. Eu não preciso ver isso.

— É seu nome. — Tento tirar minha mão da dele, não gosto disso. Eu preciso fugir, mas ele me mantém refém. — Você me designou a vir aqui. Eu estou aqui. Não falando de economia, não escrevendo matérias sobre refugiados, eu estou em um maldito festival cheio de adolescentes bêbados. Você não quer me irritar, Francine.

Eu juro que há lágrimas nos olhos dela. Eu quero confortá-la e isso faz de mim uma pessoa insana. Considerando tudo que rolou lá em cima. Meu celular vibra, mas eu não quero me

movimentar, estou com medo que ela dê uma de Elsa e ele vire o Tocha Humana aqui. É um jogo de elementos. Eu quero gritar, o pior mesmo é sentir que ele não a quer de verdade.

— Por favor, não se demita. — As palavras fazem minha mente girar. Como assim? — Não deixe sua última matéria ser essa. Eu prometo que não vou me intrometer em sua vida. Você não precisa ir embora. Não por mim.

— Eu estou indo embora por mim. — Sua voz sai menos odiosa. — Francine, faz muito tempo que eu deixei de tomar decisões baseadas no que seria bom para você. Então ir embora não tem nada a ver com você.

— Está bem. — Ela parece desistir. — Passe esse serviço para Élida e Isabella. Não precisa fazer isso.

— Você é inacreditável. Eu não vou passar um trabalho meu para minha irmã e sua amiga. Eu vim à Sonora cobrir esse festival, e é o que irei fazer.

— Vá ficar com sua... — Ela me olha, querendo me intimidar. Nem acredito que tive pena deste ser humano. — Você não trabalha para mim?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã, não — respondo. Ela me escaneia dos pés à cabeça. Que ódio! — Se você não se importa, precisamos ir.

— Só mais uma coisa. — Esperamos ela terminar. — Não tem mais quarto disponível. Preciso ficar com você.

— Eu aconselho você pegar o primeiro. — Ele pausa, me olhando, e um sorriso perverso está em lábios. — O que quer que você veio, e volte. Meu quarto não tem espaço. A não ser que você queira ver nós dois transando, o que deve ser um show e tanto.

— Oh, meu Deus. Você está furioso! — Francine praticamente grita. — Heitor, você não pode me deixar aqui. Só tem um voo para nossa cidade, sendo que tenho que pegar na cidade vizinha. Não é possível que você vá me deixar aqui por causa de uma menina. Heitor, ela é só uma menina.

Uau! Aquilo me ofendeu. Eu não sou uma menina, sou uma mulher, e se ela não calar a porra da boca, descerei a mão nela com muito prazer, até que todo seu *mega hair* esteja no chão.

PERIGOSAS ACHERON

— Ao menos ela não me traiu. — Ouço o som ensurdecedor de uma bomba nuclear. — Não, Francine. Você só pode me fazer de trouxa uma vez. Não vou atrapalhar meu fim de semana com Giovanna porque você não tem onde ficar. Você não é minha chefe, não é minha noiva, e não somos amigos. Você está sozinha, e eu preciso ir.

Fora do hotel ele respira fundo e demora um tempo para se localizar. Parece ofendido. O que ela pretendia vindo aqui? Tudo isso por que ele se demitiu? Acredito que ele deveria, sim, conversar com ela. Conversas pessoalmente são mais dignas do que por telefone.

— Converse com ela — digo, soltando sua mão. — Eu faço a entrevista por você.

— Não, Gio. — Começamos a caminhar em direção – que eu espero que seja – do evento ao final da rua. — Francine acha que pode me comandar, eu estou no meio da última coisa que ela impôs em minha vida. Eu vou fazer a droga da matéria, as fotos, e depois disso eu não quero vê-la. Ela não só me magoou, ela me humilhou e usou do seu poder para fazer eu vir aqui. Existem umas cem

peessoas que ficaram felizes em vir. Mas esse não é meu tipo de jornalismo, nunca foi, nunca será. E ela está usando isso para me machucar, só para provar que pode mandar em mim.

Eu o faço parar, então envolvo seu rosto com as duas mãos. Ele leva uns segundos até me fitar. Sua expressão se suaviza aos poucos até que um quase — não meio, *quase* — sorriso se estampa em sua cara.

— Não adianta vir com raiva — digo, sabendo exatamente o que é fazer as coisas contra a vontade. A maioria das coisas que fiz na vida foi assim. — Não entenda errado. Mas não vai adiantar você cultivar esse tipo de sentimento dentro de você. Olhe, somos jovens com um pacto idiota. Não é meu dever falar isso para você, mas, no fundo eu sei que nos conhecemos em uma mesa, sentamos juntos e escrevemos. Você já leu e avaliou tudo que fui capaz de escrever quando me ajudou com o estágio, só porque a Bella pediu. Heitor, você não é um cara que odeia, e acredito que isso só vai atrapalhar. Tudo isso. O fim de semana, a matéria, as fotos. Eu posso não ser a

pessoa mais bem resolvida do universo, mas Francine parece machucada. Não acha que deveria conversar com ela?

— Não acho. — Fecho os olhos, porque isso dói em mim. Por algum motivo bem escroto, sinto que não deveria estar jogando ele para cima dela, mas para estar com uma pessoa que está respirando como se estivessem preste a um infarto fulminante, não dá. Apenas tira a magia do momento. — Gio, por que você está fazendo isso?

— Porque eu preciso de você bem. — Tento explicar, não sei se vai fazer muito sentido. — É para ser um momento bacana, eu demorei a ceder, mas agora me parece uma boa ideia. Posso parecer meio *duo*, mas eu quero isso. Mas não com você parecendo um cão raivoso. Vai tirar toda a graça. Me entregue a câmera, o *tablet* e converse com ela. Vou ver se arrasto a Bella comigo.

— Você não precisa fazer isso. — Eu assinto. Não preciso mesmo. — Eu não tenho nada para falar com ela.

— Tem, você tem. Se liberte. A xingue, se é isso que você quer. — Pego sua mochila, lhe

PERIGOSAS ACHERON

entregando o celular. — Quando você voltar, nós poderemos encontrar mais três doses de tequila.

Dou um passo para trás. Ele passa a mão na barba e depois assente.

— Só não aceite deixar ela dormir em nosso quarto. Uma cama definitivamente não cabe nós três.

Ele assente.

— Você está fazendo piada da minha miséria.
— Solto um beijo no ar.

— É para isso que as amigas da sua irmã servem. — Dou de ombros, rezando que eu encontre o bendito festival, mas, pela música alta, é virando a esquina.

Dou dois passos em direção à música, mas paro. Meus instintos gritam para eu olhar para trás. Então, quando me viro, ele está lá, me encarando. Como se precisasse me observar sair de cena. Acho que tivemos a mesma ideia. Eu não fiz isso para ser boa, eu fiz isso porque era preciso. Nós temos planos, e sua fúria retida pode atrapalhar tudo. Aceno com a mão, me despedindo. Não me

PERIGOSAS NACIONAIS

importo em ele ter visto que eu voltei para verificar se ele estava bem. Eu quero que ele saiba que farei desse fim de semana algo bom, mesmo que tenha algo ruim no meio.

PERIGOSAS ACHERON

*“ Vive tão disperso
Olha para os lados demais
Não vê que o futuro é você quem faz
Porque o fracasso lhe subiu à cabeça
Atribuí ao outro a culpa por não ter mais
Declara as uvas verdes, mas não fica em paz
Porque o fracasso lhe subiu à cabeça”
Fracasso — Pitty*



CAPÍTULO DOZE

Bella não me atende, Eli não me atende. É, com esse barulho todo, mal posso ouvir meus pensamentos, e isso é a pior coisa do universo. Minha última tentativa é Ben. Ele não atende, mas me envia uma mensagem dizendo exatamente onde está.

— Ei! — digo, ao me virar. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vi a Francine chegando, então decidi esperar por você enquanto Eli tira fotos. — Ele caminha em minha direção e passa o braço em volta do meu ombro. — Cadê Heitor? Preciso quebrar a cara dele?

— Não, eu pedi que ele conversasse com ela. — Ele me olha como se eu fosse uma lunática. — Ele estava estressado demais. Eu não aguento isso.

Entrego a credencial de Heitor a ele. Não tem nome, apenas o nome da revista e função. Mostro a câmera a ele, que concorda. Ben não sabe metade das coisas, mas deixarei tudo no ponto para ele. É preciso. Depois de entrar, sentamos em umas cadeiras vazias, não há ninguém na bancada ainda. Isso é bom.

— Preciso te falar uma coisa — balbucio um *prossiga* e ele umedece os lábios como se aquilo fosse doer. — Eu vou embora.

O quê?

Quando ele decidiu isso?

— Da casa dos nossos pais? — Ele nega. Certo, agora estou preocupada. — Me explique o termo ir

embora.

— Eu fui aceito no mestrado — Uau. Agora sim. — Eu acabei de descobrir que a matéria que me mantinha na faculdade foi eliminada. Eu não falei antes porque achei que não daria certo.

— Você falou isso para Eli? — Outra vez ele nega. — Eu sei que vocês não têm nada, mas seria bom mencionar, caso ela esteja escrevendo uma história de amor na mente dela.

— A ideia foi dela. — Sua voz é neutra, não consigo lê-lo. — A Eli é maravilhosa, mas a Eli precisa se entender primeiro. Eu sempre serei o cara que tem uma queda pela garota, mas ela acabou de sair de um relacionamento de anos e, por mais que ela não queira conversar comigo sobre isso, só mostra o quanto ela não superou. Você deve me ver como um grande otário nesse momento. Mas eu não sou a cura para ela, é o tipo de coisa que ela precisa fazer sozinha, só não se deu conta.

— Eu queria alguém como você — digo, o abraçando. Posso ver a tristeza em seus olhos. — Eu queria ser como você. Que não se importa em

PERIGOSAS ACHERON

gostar de alguém de verdade mesmo que não vá ficar com ela.

— Eu vou ficar com ela. — Eu me afasto para olhar seus olhos. — Eu só não irei ficar com ela agora. Eli está em um ponto onde ela ficaria com qualquer cara, e eu não quero ser qualquer cara. Imagine que você está numa dieta rígida, está comendo pouquíssimo, mas hoje você come. O que você comeria?

— Qualquer coisa. — Faz um *puta* sentido. — Você não quer ser a quebra de dieta.

— Porque é exatamente onde você se arrepende. — A sala está barulhenta, mas pela primeira vez minha mente está silenciosa. Eu estou fora do ar. Será que é isso que Heitor pensa de mim?

Como eu não pude enxergar isso? Eu sou a quebra de dieta?

Além de tudo, eu ainda vim aqui fazer isso por ele? Como eu posso ser tão idiota ao ponto de... certo, eu posso fazer isso. Se meu irmão pode fazer isso, eu também posso. Não passa de hoje. Será normal, finge que não irá vê-lo novamente depois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daqui. Finge que será abduzida. Finge que tem um romance para escrever. Mas eu tenho um romance para escrever, e estou aqui para isso. Não é?

Se apaixonar é estúpido, você não deveria fazer isso.

— Tire foto. — Entrego a câmera a Ben. — Vamos acabar logo com isso.

Ajudo ele a encontrar a melhor posição e as perguntas começam a ser feitas. Oh, como me odeio neste instante.

**

Uma hora depois encontramos Bella, Eli e Heitor conversando divertidamente como se fossem jovens. Mas eles são jovens, eu sou apenas uma velha em um corpo de jovem. Entrego a mochila com tudo a Heitor, que pega me fitando. Parece tentar ler minha áurea, o que ele não deveria fazer. Eu estou chateada demais comigo mesmo. Imaginar que Ben está bem com isso e eu não só mostra o quanto isso tudo é uma merda. Mas ainda não posso fazer nada e eu não vou abandonar o barco agora, eu acho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como foi? — Ele pergunta, se aproximando um pouco por causa do barulho.

— Foi bom. — Me sinto sem graça. — Espero ter feito um bom trabalho.

— É? Eu tenho certeza. — Ele brinca com um cacho que está voando com o vento. — Eu treinei você.

É, treinou.

Não vou perguntar da Francine. Não vou. Não irei.

— Como sempre, você sabe elogiar uma pessoa. — Tento sorrir, mas é um pouco demais.

— É... vamos ali. — Eli diz, puxando Ben pela mão, enquanto Bella dá um aceno sem justificativa. O que aconteceu?

Heitor estica a mão para eu pegar. Resisto até que cedo a contragosto. Ben me fez enxergar isso de um modo ruim, o que eu estava bem segundos atrás, agora parece uma merda completa.

Nos sentamos na grama onde há outras pessoas descansando. Esse cenário realmente não combina com ele. Estamos lado a lado, mas ele me encara

PERIGOSAS ACHERON

bravamente. Eu resisto a olhá-lo, eu tenho uma queda por seus olhos que sempre parece me render.

— Não sei como agradecer. — Ele começa, mas eu ainda resisto a olhá-lo. — Estar aqui é um erro. Francine ter vindo foi um erro, ela se recusa a me ouvir. Mesmo eu tentando. Você não é uma menina.

— Não, eu não sou — digo, sentindo uma pressão na garganta. — Eu sou uma mulher. Heitor, você sabe que meu irmão gosta da Eli? — Ele nega com a cabeça. — De verdade, eu amo a Eli. Às vezes ela é exagerada, mas ele gosta dela de verdade. Talvez não fosse a primeira opção de namorada que eu escolheria para ele. Ben tem um jeito bem humano. Ele é sincero. Cuidadoso, mas cada passo dele é planejado. Nos planos dele também está conquistar a Eli, mas não agora.

Me viro para ele. Sua expressão é confusa.

— Eli não esqueceu Lucas. — Sua boca se abre levemente como se fosse falar, mas se fecha. — Francine não esqueceu de você. Nem você a ela. Vocês passaram anos com essas pessoas, e se falar com elas ainda dói é por que vocês não

esqueceram.

— Onde você quer chegar? — Pego sua mão unindo a minha.

— Eu só quero que você saiba que eu sei. — Toco seu rosto tenso. Só estranhamente dói um pouco, mas tudo bem. — Temos que lembrar por que estamos aqui.

— Estamos aqui? — Ele repete — Giovanna, você veio aqui

— Sim, eu vim. — Tiro minha mão da dele. — E é isso. Você me falou isso. Eu não devo deixar você me tirar do meu caminho. Será errado. Será muito errado se eu decidir ficar aqui com você. Porque você teve o mundo, e eu não. Eu não sou Ben. Nunca serei tão boa quanto ele.

Ele não me olha. Isso ia dar errado, eu sabia, ele sabia. Porque eu estou apaixonada por um cara que tem uma águia sobre sua cabeça.

— Gio... — Fico em pé antes de ele terminar. Ele segura minha mão e sua testa tem várias linhas de expressão. — Por favor.

— Eu não posso, Heitor. — Sinto uma lágrima

embaçar meus olhos. — A Francine está te esperando. Eu preciso de alguém que eu não verei mais. Imagina só eu ser a garota que você pegou no festival. Eu sou amiga da sua irmã, nós ainda iremos nos cruzar muito nesta vida. E se você voltar com a Francine?

Ela está caminhando em direção a ele. Um passo para frente dela, são dois para trás meus.

— Gio, vamos conversar. — Eu apenas nego. Não há o que conversar. Nós não temos nada, e é isso.

De longe vejo Ben e Eli conversando. Não me aproximo, ao invés disso eu me aproximo mais do palco e foco na música que está sendo tocada. Algumas pessoas sorriem para mim, eu retribuo, fingindo gentileza. Resisto ao máximo não procurar por Heitor, mas meus olhos o procuram como uma presa. Eles estão conversando outra vez. Pacificamente, aparentemente. Tento não deixar aquilo me consumir.

Ainda faltam algumas horas até as bandas principais se apresentarem. Então eu decido sair dali. Porque meu coração dói, e ele dói muito. É

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre isso que estou falando. Por que dói? Como gostar de alguém te transforma ao ponto de bagunçar suas certezas? Por que dói fisicamente? Por que meu coração está tão acelerado que me tira a vontade de comer?

Eu odeio me sentir assim. Eu não posso controlar. A paixão enfraquece você e todos os filmes do mundo fazem sentindo.

Como transforma heróis poderosos em estúpido.

Como separar uma banda.

Como esquecer sua família.

Esse sentimento tem que ser entendido.

Nos deixa irracional.

Eu odeio ter me apaixonado.

**

Eu dormi. Quando deitei era apenas para descansar os olhos, mas eu dormi. Por duas horas, e agora que vejo meu celular percebo o nível de desespero de todos. Quando me sento na cama para responder o quarto é invadido por um Heitor ofegante.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que você sumiu? — Ele liga a luz, fazendo meus olhos protestarem. — Merda, Giovanna! Você tem noção do que fez com a gente? Não poderia ter avisado para alguém que estaria aqui?

Tento pensar com clareza, mas não vai. Está tudo embaçado. Está tudo embaçado em mim.

— Você não pode apenas sair e me deixar assim! — Alguém abre a porta, mas antes que eu veja quem é, ele fecha a porta novamente — Foram duas horas procurando você em meio a uma multidão bêbada. Você sabe o que é isso? Pensei que algo ruim tinha acontecido com você. Eu escrevo sobre isso todos os dias. Eu vejo vítimas, conheço parentes de pessoas que apenas sumiram em festas. É isso? Você queria me enlouquecer?

— Como eu sair de uma festa tem a ver com enlouquecer você? — pergunto, não tão brava como ele, mas tão alto quanto. Não entendo por que estamos gritando, mas eu revido. — Eu precisava pensar. Precisava de um tempo.

Ele está nervoso. Sua postura é rígida e seu corpo está empertigado como um pai furioso.

PERIGOSAS ACHERON

Respiro para tranquilizar meu coração que está batendo rápido, até demais.

— Mas você não pode apenas sair! — Sua posição, sua voz, sua autoridade ali, fazem eu me sentir irresponsável. — Todos os cenários passaram em minha cabeça. Sabe o quanto isso foi assustador? Sabe o quanto isso me fez gritar com todos lá fora? Sabe que não existe deixar a droga do celular no silencioso?

— Você está exagerando. — Tento culpá-lo. Porque é isso que faço. Sempre que alguém tenta se aproximar, cuidar e proteger. Eu quero gritar que sou o suficiente sempre. — Já falei para você que não sou sua responsabilidade.

— Caramba, Giovanna. — Ele levanta as mãos no ar como se estivesse se rendendo. — Você não é minha responsabilidade. Está bem. É isso que você quer? Que eu não me preocupe com você entre milhares de pessoas? Que eu ignore tudo que passamos juntos, todos os bons momentos que eu tive em meses? Porque quando você experimenta o inferno é saber que ainda há alguma coisa boa no mundo.

— Não foi isso que eu disse. — Tento me localizar em tempo. Não sei o quanto perdi do festival. — Só não me trate como...

— Ser humano? É isso? Eu vou repetir, eu faria a mesma coisa se fosse pela Élida. — Agora doeu. Que merda é essa? — Está bem, quer saber? Fique com o quarto, fique com o ingresso, fique com qualquer coisa que quiser. Saia do quarto, não sai do quarto. Você está certa. Foram boas horas que tivemos juntos. Não vou agradecer, porque você não entenderia.

Fico em pé, sentindo meu coração murchar. Ele está paralisado, seus olhos brilham de fúria e não divertimento nesse momento. É uma briga dura, nunca passei por nada parecido, ver que machuquei alguém de verdade.

— Não é isso. — Minha voz falha. Ele ainda está respirando pesadamente, como se aquilo doesse. — Eu queria descansar. Não queria ficar sozinha.

— Eu estava com você. — Sua voz enfim suaviza e eu me ponho a sua frente, preparada para me desculpar, mas eu não sei se consigo fazer. —

Você me deixou lá com uma desculpa que inventou. Estávamos juntos e você me deixou sozinho. Nunca estive sozinha, apenas optou por isso.

Deixo meus ombros caírem, foi uma opção porque ver Francine ao seu lado me incomoda demais e eu não sou ninguém na vida dele para impor isso.

— Achei que você precisava de um tempo com a Francine. — A justificativa mais idiota.

— Se eu quisesse ficar com aquela mulher — ele avança em minha direção — eu não estava aqui. Eu não estaria aqui esperando você mudar de ideia. Você é a pior pessoa do mundo para me fazer mudar de ideia ou entender ela.

— Você tem modos muito questionáveis de elogiar uma pessoa. — É isso, a briga acabou? — Heitor, eu preciso escolher por conta própria.

Ele assente.

— Preciso saber que eu escolhi por todos os motivos certos. — Em um ato para lá de dramático eu coloco a mão sobre o peito e isso o faz sorrir,

enfim. Maldito sorriso. — Se eu não tentar, sempre serei a garota que você conheceu em um festival. E você o cara que ficou no meio do meu objetivo.

Nunca que irei dizer para ele que há uma verificação de tarefa feita com sucesso ao lado da ideia de se apaixonar.

— Não queremos isso, queremos? — Nego com a cabeça. — Desculpa, Gio. Foi egoísta pedir a você que ficasse comigo.

Foi, mais eu não me importo. Valeu muito a pena ao menos ser pedida assim.

— Talvez eu, no seu lugar, pediria a mesma coisa. — Ele aponta para a porta depois de indicar a hora no relógio.

— Acho que inflei seu ego. — Dou de ombros, passando em direção a porta. Eu queria ficar aqui, isso sim.

— Claro, porque tudo que acontece em minha vida é sobre você. — Ele toca meu ombro, me fazendo parar antes de alcançar a maçaneta.

Estamos frente a frente um do outro. E sinto meu corpo querer ceder ao seu, minha respiração se

embaralhar na sua. E se eu inclinar 1 centímetro, nossas mãos irão se tocar, mas eu estou inerte.

— A Francine acha que estou apaixonado por você. — Enfim nossas mãos se tocam, porque meus joelhos cederam um pouco e sinto que ele está sugando totalmente o ar com aquelas palavras. — Eu não confirmei ou neguei, mas talvez ela queira afrontar você, e como não sou seu salva-vidas, boa sorte.

O quê?

Ele sai pela porta, me deixando ali. Quando viro para protestar encontro um Ben puto da vida, uma Elida pronta para me arrancar os cabelos e uma Bella nada agradável. Será que irei ter tempo de processar o fato que Heitor me jogou aos leões ou irei apanhar antes?

— Se não fosse errado — Ben diz ao se aproximar — eu iria te bater. Meu Deus, Gika. Você tem noção do que eu passei? Sabe o que é ter o terror dentro da sua mente quando você acha que vai ter que ligar para seus pais?

— Gente, não foi nada. — Tento justificar. Peço ajuda a Heitor, que levanta os braços no ar. —
PERIGOSAS ACHERON

Por favor, eu só...

— Você nunca pensa em ninguém, é isso. — Ben vira as costas, saindo por onde Heitor está em pé. Não se olham.

Eli não fala, me deixando lá, então Bella passa o braço no meu.

— Ben e Heitor brigaram. — Oh, lógico. — Ficamos preocupados. Muito, por sinal. Ben o culpou de ter deixado você sozinha no segundo que a Francine chegou. O que você estava pensando, Gio?

Meus olhos percorrem o corredor, indo até onde Heitor está apoiado. Foi algo sem pensar, foi egoísta, mas não era o plano. Eu só queria descansar.

— Me dê dois minutos com ele — peço, ela tira o braço do meu, passando pelo irmão. Me aproximo com um pouco de medo. Talvez nada parecido com o que ele passou, mas é o que estou sentindo agora. — Ei, — chamo sua atenção. — Eu vou falar com Ben.

— Não precisa — ele atesta — Eu faria o

mesmo. Mesmo você não querendo, eu deveria ter observado você. Seu espírito é livre, mas o mundo é perigoso. Eu não quero ser seu salvador.

Busco sua mão e entrelaço meus dedos aos dele. Com a mão livre eu toco seu rosto, eu quero tocar seus lábios com os meus, mas antes da ideia se concretizar em ação ele solta minha mão.

— Não — sua resposta é um sussurro — Eu não vou beijar você para entregá-la a outro cara. Não vou deixar criar expectativa em mim. Infelizmente, independente se é uma coisa de uma noite ou não, eu vou querer você a noite inteira, e isso não vai acontecer. Então prefiro não tê-la mais.

O chão é duro e uma vez que você está lá fica difícil de levantar. Eu mereci, ele está cuidando si, e eu não deveria ficar o querendo para depois apenas tentar olhar para outro cara, eu não posso pedir isso. Que espere para ver se vai me dividir com a festa toda.

— Você está certo — sorrindo, me forço a fazer isso, mesmo que um nó se forme na garganta e uma lágrima no olho. — Vamos, foi muito tempo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdido.

PERIGOSAS ACHERON

*“ Este amor está contaminado, eu preciso
de você e eu odeio isso
Você está preso entre um sonho e uma
cena de filme
De alguma forma, você sabe o que eu
quero dizer
Quando os dardos se perdem, eu
simplesmente não consigo resistir”
Fool for you — Zayan Malik*



CAPÍTULO TREZE

Eu me sinto furiosa. Por quê? Provavelmente por que eu perdi a droga da banda que vim aqui para ver! Eu quero me socar, quero bater minha própria cabeça contra a parede. Eu quero definitivamente morrer. Porque nada do que eu vim fazer, eu fiz! Eu me apaixonei pela pessoa errada. Eu perdi a banda. Eu criei uma briga e isso não é o que vim fazer aqui. Todos estão tensos e furiosos, e

eu não sei consertar!

Eu. Não. Sei. Harmonizar.

Ben está ao meu lado com as mãos dentro do bolso, como se tentasse explodir o espaço com o poder da mente. Estou procurando por uma forma de conversar com ele enquanto estamos sozinhos, melhor oportunidade que terei a esse ponto. Enquanto Bella ajuda Eli com as últimas fotos e Heitor, bem... sobre ele não faço ideia.

— Ben, não culpe o Heitor. — Me viro para ele, que me ignora com todo o poder do seu tamanho. Tento tocar seu braço, mas ele se esquivava. — Não é culpa dele. É minha.

— Eu sei. Você é egoísta. — Suas palavras me fazem fraquejar. — Com certeza não imaginou que apenas sumir seria algo que nos preocupasse, porque talvez você não se preocupasse se um de nós passasse duas horas desaparecido.

— Não foi isso que eu disse. — Tento consertar outra vez. Ele está mais do que furioso, está desapontado. — Precisava de um tempo, apenas isso.

— Giovanna, meu Deus — ele se vira, me fuzilando com os olhos, me machucando com aquele olhar. — Quer saber? Eu não me importo. Você tenta provar que é adulta, mas eu só vejo você sendo irresponsável. Você se acha o suficiente para tudo. Você não é! Você tem tudo. Dois pais que amam você e a quer dentro de casa só para impedir você de fazer coisas idiotas, como lembrar de comer, porque você esquece! Duas amigas que a única coisa que fazem é se adaptar a seus gostos, porque elas querem seu bem-estar, mas você não foi capaz de ligar para elas ou mandar a droga de uma mensagem. Você não me quer com Eli, sabe por quê? Aí você perderia duas pessoas. Para você tudo é perda. Eu briguei com Heitor, porque eu precisava brigar com alguém. E sabe de uma coisa? Você também vai perder ele por ser uma grande estúpida. Não é isso? Você quer a droga de uma paixão, mas não está disposta a aceitar. A gente não escolhe, Giovanna! A gente não escolhe quem irá consumir a droga dos seus pensamentos. Você não vai controlar o universo. A única coisa que vai acontecer é que você vai afastar tudo de bom, porque você se acha boa demais para dividir você

PERIGOSAS ACHERON

mesma. Mas é isso que nós fazemos, nos doamos às pessoas, o tempo todo. Você jogar Heitor para Francine não faz de você uma santa e sim uma estúpida, porque ele está atrás de você, não dela.

Ao som da sua última palavra eu sinto minha audição ir baixando aos poucos. Foram tantas verdades que não estava pronta para ouvir, não estou pronta para processar e agora não tenho noção de como fazer isso.

Ouvir isso da boca do meu irmão, sem ele ao menos respirar, dá a entender que aquilo estava entalado, e como uma reação esperada ele colocou tudo para fora.

Tento equilibrar minha respiração diante dele. Eu quero seu abraço, eu preciso que ele me segure como nunca precisei. Então dou um passo à frente e me jogo em seus braços. Aquilo dói, mas passa quando seu abraço me tira do chão. Ele me afasta alguns centímetros e segura meu rosto com as duas mãos.

— Eu sou seu irmão mais velho. —
Assinto, sentindo meu rosto úmido de lágrimas. —
E eu vou embora. Não estarei aqui por um tempo.

Você precisa lembrar de comer, sair de casa, ajudar nossa mãe. Nada de ruim pode acontecer com você, Giovanna. Não vou sobreviver sem minha irmã.

— Prometa que vai voltar. — Ele sorri, assentindo. — Certeza que metade da minha autoconfiança foi você quem me deu quando disse que eu podia fazer tudo.

— E você pode. Só basta escolher o que irá fazer sozinha ou não. — Ele me apoia em seu peito e o abraço com força.

Ele me afasta com cuidado e quando me viro dou de cara com Francine sorrindo majestosamente, como uma cobra pronta para dar o bote.

— Veio decidida a pegar a festa toda? — Por que essa mulher está aqui? — Heitor sabe escolher mesmo.

— Ele é meu irmão — respondo, com uma gentileza tão falsa quanto a cor dos seus cabelos.

— Está bem. — Ela desdenha, nos fitando. — Tipo, qual é o adotado?

— Nenhum. Você, para uma mulher

evoluída e estudada, é muito sem educação e percepção. Nós somos irmãos, sim. Não somos adotados. — Ben tenta argumentar, mas se cala quando Heitor se aproxima.

Sua cara é de derrota, como se tivesse acabado de perder a eleição para presidente. Não digo nada, me mantenho séria, enquanto Francine sorri. Ben se posiciona na direção e solta um pesado suspiro.

— Heitor, desculpa por mais cedo. — As palavras me pagam também de surpresa, eu sou bem difícil de me desculpar, mas Ben não, e já ressaltei isso. — Eu deveria ter estado aqui.

— Eu entendo. — Heitor faz um gesto simpático com a cabeça. — Se fosse com a Bella, faria a mesma coisa. Gio, posso falar com você?

Todos os olhos estão voltados para mim. Ben esbarra de leve contra meu ombro, como se precisasse me acordar do coma que acabei de entrar. Assinto e o acompanho até uma certa distância. Não vou muito mais do que isso.

— Diga. — Me sinto ligeiramente constrangida por mais cedo, quando eu daria um

PERIGOSAS ACHERON

braço para beijá-lo.

— Perfeita Simetria não está mais aqui. — Espero ele dizer que está brincando. Gargalhar, mas sua expressão é rígida. — Desculpa, Gio. Mas eles foram a primeira banda. Eu também não consegui fazer a entrevista com eles. Estava ocupado demais procurando por você.

E mais uma vez a culpa é minha. Realmente é. Se eu tivesse deixado tudo como estava, se eu não pensasse demais. Se eu não fosse tão idiota. Por quê? Parece que sempre que algo bom está para acontecer em minha vida, eu dou um jeito de jogar pelo penhasco. Assim foi quando eu arrumei meu primeiro emprego, coloquei culpa no salário e no livro que eu queria escrever. Quando eu tentei morar sozinha por que eu podia. Ben está certo. De todas as formas que eu acho certo, tudo que defendo é uma merda. E agora eu me sinto estúpida, mais do que realmente sou. Estou calada, como se a culpa fosse dele. Não é sobre merecer, mas eu não deveria ter ficado com Heitor. Isso não o teria desviado da entrevista, isso não teria causado essa confusão.

Isso não estaria acontecendo.

Eu não estaria desejando resetar este final de semana.

Porque sinto que dói outra vez. E eu não aguento lidar com isso.

— Gika? — Sua voz é um tom gostoso de brincadeira. — Você me ouviu?

— Desculpa ter feito perder a entrevista — digo com remorso. — Quer saber? Ben está certo. Eu vou ligar para Bella, vou deixar vocês sozinhos por um momento. Obrigada pelo ingresso. Você deve tentar curtir um pouco, eu estou apenas atrapalhando sua vida.

— Qual é, Gika. — Ele insiste. — Do que você está falando?

— Você não precisa entender — digo, pronta para fugir de sua frente, como fujo de tudo. — Apenas acreditar em mim.

Sinto uma parte de mim cair em escombros. Eu queria ser capaz de entender tudo isso. De aceitar. Eu preciso aceitar que me apaixonei por ele.

— Como a preciosa Giovanna está lidando com

a partida? — A voz de Francine é como um rachão no lago congelado. E Heitor e eu estamos em lados opostos. — Sério, Heitor? Você não acha que ela merecia ao menos um convite para seguir você?

Dou um passo para trás, abandonando o barco.

Ele está indo embora de verdade? Não apenas se demitiu?

Ele está indo embora.

— Giovanna... — ele dá um passo à frente, mas eu sorrio. É a única coisa que sei fazer nesse momento.

— Nós não temos nada, Francine — consigo dizer o nome dela sem engasgar. — Preciso encontrar a Bella — digo em um resfôlego. Não dá para disfarçar. — Vejo você mais tarde.

Procuro meu celular e vejo se Bella respondeu a minha mensagem de minutos atrás. Ela diz exatamente onde está e eu tento achar meu caminho pela multidão. Ao me ver de longe ela ergue a mão com o celular aceso e, com a outra mão, segura um copo de bebida. Élida passa por mim no mesmo instante e eu seguro seu braço, a

impedindo de passar pela multidão.

— Eli, o que está acontecendo? — Sua expressão é natural. Sem raiva ou felicidade. Apenas Eli.

— Gio, nada está acontecendo. — Ela tenta soar simpática. — Só que seu sumiço aborreceu a todos, e Ben está mesmo muito triste. Tínhamos acabado de ter uma conversa bem tensa, e não deixamos de misturar tudo quando aconteceu.

— Ele falou sobre ir embora? — Ela assente. — O quanto você gosta dele?

Ela tem uma lágrima escorrendo por seu rosto. A alcanço e enxugo antes de chegar ao destino final.

— O suficiente para ver no que vai dar, mesmo à distância. — Aquilo me pega de surpresa. Eli adora festas, namoros à distância requer não curtir muitas baladas. Eu acho, não tenho tanta experiência com essas coisas. — Quando eu terminei com Lucas, era por que não sentia mais a necessidade de tentar. E Ben foi super sincero comigo. Nós iremos testar, vamos continuar a conversar por mensagens, e quando for o momento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certo, nós iremos nos encontrar. Apenas assim.

— Eu vou ficar feliz se isso der certo. — Ela assente e me envolve em seus braços em plena multidão. Sinto minha garganta seca de falar alto por cima da música e aponto em direção a Bella. — Você está indo encontrar ele?

— É, ainda temos Sonora. — Ela diz, com um sorriso malicioso me abandonando ali.

Suspiro ao ver que todos os amigos de Marco estão ali. Sério, eles são tão lindos que dói na alma e fere o ego. Bella parece levemente alterada. Quando eu chego lá, ela me envolve em um abraço apertado, colocando um gole de cerveja em minha boca. Para não tomar um banho, abro a boca e recebo a bebida que vem em boa hora devido a minha garganta seca.

— Ei, galera. — Bella fala *galera*? — Essa é minha amiga, Giovanna.

Todos me cumprimentam com sorriso e acenos de cabeça. Tento conversar com Bella, mas, invés disso, ela me entrega um copo de cerveja. Definitivamente, eu não vou recusar.

PERIGOSAS ACHERON

Uma banda surge no palco e eu não reconheço. A perda de não ver Perfeita Simetria foi bem decepcionante. Bella fica ao meu lado, sorrindo. Nunca a vi tão livre, eu deveria estar como ela. Tirar toda a pressão dos meus ombros, relaxar a mente, desligar meus pensamentos em relação a Heitor. Eu deveria tentar me apaixonar novamente. Eu deveria tentar apagar Heitor de mim. Eu não preciso dele dentro dos meus pensamentos, sentado em uma posição confortável, como se fosse dono do pedaço.

— Está tudo bem? — O cara à minha frente grita. Um dos amigos de Marco. Sugo o ar, tentando inundar os pulmões. Oh, ele é realmente lindo. Não lindo como Heitor. Espera, *o quê?* Desde quando Heitor é mais bonito do que esse cara? Como assim? Ontem à noite eu achava esse cara lindo, hoje Heitor é mais? Eu estou bêbada? — Ei, garota... — Ele sorri diante da minha falta de reação. — Você quer sair daqui? Está se sentindo bem?

Ele toca meu braço e eu vejo sua mão sobre minha pele. Eu não sinto o formigar, a eletricidade

nem a sensação que a Terra colidiu. Eu não sinto nada, além de uma mão gelada sobre minha pele aquecida pela multidão.

— Estou, sim — tento sorrir. — Desculpa, eu só estava pensando.

— Parece que você faz muito isso. — Ele está mais próximo de mim. — O que tanto passa em sua mente, Giovanna?

— Que eu sou estúpida. — Minha voz falha.

— Não deveria se sentir estúpida. — Sua mão toca meu cacho, como Heitor faria se estivesse aqui. — Você parece tão brilhante quando bonita. Alguns caras aqui fariam filas somente para cruzar seus pensamentos.

Tento absorver o elogio, mas não vai. Não é o tom certo. Não tem aquela prepotência que me acostumei, não são os lábios dele, é outro cara, e isso parece errado. Mesmo quando é o certo.

Bebo um gole de cerveja e insisto em um sorriso. Quero provar que eu posso fazer isso. Eu posso ser uma mulher que encontra um cara na

balada. Eu quero ser esta mulher, não a idiota o suficiente que se apaixonou pelo cara que pediu que ela não fizesse. E eu odeio isso.

— Eu cruzei seus pensamentos? — Ele toca meu rosto, elevando meu queixo.

— Sim — consigo dizer em um sussurro.

Ele sorri, um sorriso que cruza a perfeição. Sinto que a falta de palavras virou um convite para ele me beijar. O que é super estranho, já que tem dois minutos que estamos nos encarando entre toda a bagunça ao nosso redor.

Lentamente recebo seus lábios gentis, mas não consigo tirar Heitor da minha mente. E eu quero chorar. Muito. Eu quero gritar com ele. Eu quero dizer para ele que meu coração dói e que ele é o maior idiota da face da Terra por ter feito eu me apaixonar assim.

Quer saber? Eu irei gritar tudo isso na sua cara. Eu irei gritar com ele até que toda a fúria que se formou dentro de mim saia. Odeio saber que perdi tudo que vim fazer aqui. Eu perdi um pedaço de mim para ele. Sei que não é sua culpa, mas a culpa é minha e eu coloco em quem eu quiser.

Me afasto do cara, encerrando o beijo. Foi um beijo bom, mas não foi depois de um grito. Quando enfim posso ter visão ampla do local, vejo Bella com os olhos ameaçando pular da órbita.

Sigo em direção aos seus olhos, que parecem encarar a morte em sua versão física, mas quando meus olhos chegam ao destino final, dou de cara com Heitor. Ele segura alguma coisa nas mãos, mas eu não consigo prestar atenção, porque estou tentando digerir a decepção em seu olhar.

O cara sem nome – não perguntei e nem irei perguntar – dá um passo para meu lado e sorri para Heitor, que não retribuí. Continua ali, desejando ser o Ciclope, com toda certeza.

— Heitor... — digo, dando um passo curto em sua direção. — Não é o que está pensando...

— Não estou pensando. — Ele estica a mão e me entrega algo. Acho que batata frita, pelo cheiro, mas eu não sou capaz de encarar a comida, estou presa a seus olhos. — Só lembrei que você ficou o dia todo sem comer. Então lembrei que você gosta de batata frita.

E, para um efeito bem dramático, ele abaixa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um balão azul que está em sua mão, e, com um pouco de desprezo, solta o pequeno objeto inflado ao ar. Ele não pode fazer isso. Era um balão azul, minha cor favorita.

— Como você sabia? — digo, respirando fundo — Que amo balões?

— Porque eu vim pedir perdão por ter causado tudo isso. — Tem uma boa plateia gostando daquele show. — Perguntei a Ben o que eu traria como uma oferta de paz. Ele viu os balões e sugeriu. Me contou a história de como você gostava de soltar balões para o céu com um pedido em seu aniversário.

— E por que você soltou esse sem me entregar? — Ele olha para cima, como se procurasse.

— Estava desejando apagar essa cena da minha memória. — Minha visão está embaçada do rio de lágrima que se formou. —Achei que não fosse tarde demais.

Ele vira as costas, saindo dali.

Por que somente ele falou? Por que eu não

PERIGOSAS ACHERON

disse o quanto eu odeio estar apaixonada por ele? Porque eu odeio, e muito. Eu odeio ao ponto de querer esmagá-lo.

Entrego as batatas a Bella. A vejo protestar, mas não me importo. Marcho atrás dele e ainda procuro pela porra do balão no ar. Era o meu balão! Meu balão, droga! Toco seu ombro quando saímos da multidão. Ele não para. Continua seguindo em frente. Não parece furioso, parece apenas que não vale mais a energia.

Ben nos fita. Está abraçado a Eli como uma merda de um casal apaixonado.

Inflo meu peito, separo minhas forças e grito com ele.

— Eu tenho sua verdade! — Ele se vira para mim, assim como Eli e Bem. — Quer saber sua preciosa verdade? — Ben dá um passo à frente, mas Eli coloca a mão em seu braço, o impedindo. — Eu odeio o que você me causou.

— O que eu fiz a você, Giovanna? — Ele cruza os braços na frente do corpo, pronto para a briga. — Vamos, diga o que está pensando. Eu sei que você quer. É incapaz de segurar as palavras dentro

PERIGOSAS ACHERON

de você, então diga.

— Eu odeio o que essa viagem fez comigo! — As lágrimas descem, porque eu estou partida e quero culpá-lo. — Eu estava normal. Mas você e seu maldito sorriso, seu maldito beijo e seu maldito toque, me arruinaram. Eu odeio você, Heitor. Eu odeio na mesma intensidade que eu me apaixonei você, e estava certo! Você estava certo. Eu não reconheci de primeira, e não estava pronta para ter meu coração partido. Eu não estava pronta para ser partida ao meio em tão pouco tempo. Me diga que isso é normal.

O mundo parece silencioso. Eu sinto meu corpo rígido se empertigar ainda mais com seu olhar misto sobre mim. Aquela força dominante que ele irradia quando quer me tocar.

— Você não deveria ter se apaixonado por mim, Giovanna. — Sua voz tem traços de arrependimento e felicidade. — Eu avisei a você.

— Seu egoísta filho de uma mãe! — Empurro-o com as duas mãos com toda força que eu possuo, mas ele mal sai do lugar. — Você sabia que isso ia acontecer. Do segundo que sentei ao seu lado, eu

PERIGOSAS ACHERON

estava arruinada por seu suporte. É isso? Tudo que você tem para me dizer é que eu não deveria me apaixonar por você? E quando você pediu que eu não ficasse com mais alguém, você mentiu?

— Eu não menti. — Minha respiração ainda está forte e sonora. Eu quero bater nele, é minha única defesa. — Você acha que era isso que eu queria? — Francine chega nos olhando, mas ele não para. — Giovanna, você sabe o quanto eu sofri quando eu descobri que a mulher que eu amava me traiu? Sabe o quanto isso me machucou? Não, você não sabe. Eu falei que se quisesse se apaixonar, também teria que sofrer, mas você acha que eu queria causar sofrimento a você?

Suas palavras mexem comigo, pois ele parece sincero. Mas não importa. Não a esta altura do campeonato.

— Mas causou. — Olho para Élide, que parece a mais assustada de todas as pessoas ali. — Você me causou sofrimento, sim. Porque eu tinha certeza que era impossível me apaixonar por uma pessoa tão rápido. Sabia que se fizesse eu não iria encontrá-la, mas você — minha voz vai perdendo

força — você vai embora. E eu? Eu vou ficar aqui com um sentimento inútil.

Deixo o ar exalar dos meus pulmões. Meu tórax sobe e desce em um movimento frenético, e embora eu tenha colocado todo o ódio para fora, despejado tudo nele, ele me contempla com um sorriso. Algo que aprendi a apreciar em pouco tempo, algo que eu sinto necessário, como ouvir o timbre de sua voz ressoar dentro dos meus pensamentos. E, incrivelmente, sinto seu nome derreter em minha boca que ainda lembra exatamente da sensação de beijá-lo.

— Você queria uma paixão, srta. Sanches. — Ele se aproxima, buscando minhas mãos. Estou mais calma. Seu maldito sorriso tranquilo e pretensioso me acalmou, porque sei que ele não fez por mal. — E eu te dei isso. Falei que, se estava disposta a se apaixonar, também teria que estar disposta a ter seu coração partido. Não é o que eu estou fazendo. Eu só preciso do mundo, e você é bem-vinda para me acompanhar.

— Qualquer amor vale a pena. — Francine fala, como se aquilo tivesse a tocado. — Eu vim

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui pedir a você que não fosse embora. Eu queria você de volta, mas eu nunca serei merecedora de seu coração. — Ela se vira para mim e eu me recolho de medo. — Não faça isso, Giovanna. Eu parti o coração dele, mas você foi capaz de mostrar que ainda há algo no mundo para se lutar.

Olho para Ben e Eli juntos. Depois olho outra vez para Francine, e por último olho para Heitor.

— Eu beijei outro cara — confesso. Eu sei que ele sabe. E uma parte de mim queria aqueles três segundos de volta.

— Eu vi. — Agora me sinto desconfortável com isso. — Lembra que usei seu método de pedido para esquecer?

— É, você me deve um balão azul. — Ele assente e dá outro passo em minha direção. — Ainda temos Sonora?

— Ainda temos Sonora. — Eu não o beijo. Ao invés disso, estendo minha mão em sua direção.

— Oi, me chamo Giovanna e eu estou apaixonada por você. — Ele pega minha mão, me puxando até seu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

— É, eu sei. — Estamos a centímetros um do outro. — Você cometeu um grande erro.

— É, eu sei. — Então, me aproximo de seus lábios o suficiente para não beijá-lo. — Pode haver conserto? — Ele nega. — Há como voltar atrás? — Outra vez um sinal de negação. — Eu sou uma tola por me sentir assim?

— Então somos dois tolos esperando que um ceda. — Sorrio ao ouvir suas palavras. — Vamos acabar com essa guerra? Ainda temos Sonora.

— E amanhã? — Ele assente. — Eu não posso ser sua cura.

— E não será. — Ele beija meus lábios levemente, fazendo Ben limpar a garganta em um ato desesperado. — Passarei seis meses fora. Você escreverá seu romance e eu farei meu documentário. Prometo que não será nada parecido com o que está passando em seus pensamentos. — Não evito olhar para baixo. — E sempre que precisar, eu estarei a uma mensagem de texto de distância.

— Certo — Ben chama nossa atenção. — A gente veio até aqui para ver bandas. Não porra
PERIGOSAS ACHERON

nenhuma. Vocês têm um quarto de hotel só para vocês, evitem me fazer vomitar aqui. Heitor é gostoso e *blá blá blá*. Isso nunca apagará da minha mente, nem que eu solte os cinquenta balões que vem dentro do pacote. Então eu já vi coisa demais, eu quero ver o show das bandas, não de vocês.

Quero gargalhar, Ben parece realmente enjoado. Procuro por Francine, mas ela está indo embora. Heitor me encara e eu assinto, então ele vai atrás dela. Seja lá o que for, não quero saber. O que os ouvidos não ouvem, a gente não discute.

Eli me afasta um pouco de Ben e me fita cansada.

— Então é isso? — Ela quer sorrir, mas eu não permito. Eu estou chateada por algum motivo. — Heitor? Assim? Para milhares de pessoas ouvirem?

— Se for para se apaixonar, — sinto meu coração mais tranquilo — que seja um ato de bravura e exagero. Bravura para admitir e exagero para gritar ao mundo que está viva. Era isso que vocês queriam, não era?

Ela me abraça e ainda sinto as lágrimas mornas lavarem meu rosto. Mas a paz em meu coração é

PERIGOSAS ACHERON

impagável. Apenas isso.

Minutos depois, sinto ele se aproximar e me abraçar por trás. Seu abraço parece mais confortável do que das outras vezes. Talvez seja o mar tranquilo dentro de mim. É, estou pronta para meu arco-íris.

*“ Estive encarando o teto do hotel
Bebendo tudo o que achei esta noite
Tento me apegar ao sentimento mais doce
Para nunca te deixar sozinho
Comece a ver isso
Todos que conheço não conseguem acreditar
Tento me apegar ao sentimento mais doce
Para nunca te deixar
Não me deixe sozinho agora”
Hotel Ceiling — Rixton*



CAPÍTULO CARTORZE

Bella está bêbada. Eli, levemente alterada. Heitor tenta me convencer a tomar a última dose de tequila, e eu bebo. Ben repreende, como o irmão mais velho e abusado que ele é. Explica coisas como ressaca, e que supostamente serviria, mas o que a gente diz para ele é que ninguém se importa,

mas meu irmão é isso. Sabe demais e precisa ensinar ao resto da trupe.

— Bella, lembra aquele namorado que você tinha? — Eli tenta fazer sentido — Aquele que era chato. Que narrava o sexo! — Ela basicamente grita, fazendo Heitor fechar os olhos. — Não sei porque ele me veio à cabeça agora.

— Foi estranho. — Bella diz, mordendo o lábio superior. — Estou bem bêbada, minha boca está dormente.

— É. — Marco se aproxima, entregando uma garrafa d'água. — Beba um pouco de água. Vai fazer bem.

Heitor assente ao gesto do amigo. Bella começa a rir sem motivo aparente. Eu gosto de Bella bêbada, deveria embebedá-la mais vezes.

É madrugada, mas há um barzinho no auge da noite, perto do hotel. Estamos sentados entre muitos jovens que se recusam a encerrar a noite, talvez na intenção de esticar o fim de semana ao máximo.

Ben está com o braço apoiado nos ombros de

Eli, que parece satisfeita. Foram muitos eventos loucos. Muita confusão. Só tequila no sistema para conseguir digerir isso. É demais.

— A Gio também teve um namorado que era um porre — Bella emenda, depois de beber a água. — Não lembro o nome dele. Tudo que ele fazia era explicar sobre o que ele estava conversando. Quando eu o via se aproximar já sentia um frio estranho na espinha.

— Vocês dão opiniões nas vidas amorosas uma da outra? — Heitor pergunta, está sentado ao meu lado, colado ao meu corpo.

Trocamos olhares cúmplices. Às vezes a gente deixa uma quebrar a cara, mas também entendemos que certas coisas devem ser feitas. Mas, sim, sempre serão as pessoas as quais eu falarei mal do mundo e mal de mim mesmo. E eu devo um pedido de desculpas a elas. Ben me fez perceber que sou uma péssima amiga, mesmo sem perceber.

— Opinião de tudo — digo, olhando para elas alteradas pelo álcool. — Tudo.

— Irão falar de mim? — Heitor continua, Bella assente pesado, Eli sorri perversa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, provavelmente eu vou dizer assim: — respiro fundo encarando-as — Eu fiquei com Heitor no festival. O que vocês acham dele? Eu sei, Bella, que ele é seu irmão, mas eu preciso saber.

— Então eu responderia: — Eli limpa as mãos — Ele é muito gato, vai partir seu coração, mas aproveite o máximo possível do seu corpo.

Heitor está constrangido. Bem constrangido, por sinal, mas eu estou amando isso. Eli sorri mais perversa e pisca para ele. Ben está se divertindo, porque ele sabe que aquela é Eli, seus limites são diferentes, ele nunca vai negar que um cara é gostoso só por que está na frente dela. Ah, mas ela fala isso sobre mulheres também.

— Bem, eu com certeza irei mostrar as fotos dele quando era criança. — Bella coloca a mão na boca como se pedisse perdão ao irmão pela perversidade. — Tem umas que nossa mãe adora esconder. É uma que ele é um bebê e está pelado.

— Uau! Essa quero ver! — Eli grita, me fazendo gargalhar. — Vamos marcar aquela torta que só sua mãe sabe fazer. Iremos dirigir por uma hora e então nossa recompensa será esta foto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ben está ao seu lado. — Heitor tenta soar sensato.

— Querido, eu já vi as dele — Ela se aproxima e deposita um beijo no rosto do meu irmão. — Gio estava com raiva e se vingou assim. Nosso primeiro ano da faculdade. Eu poderia dizer, sem sobra de dúvida, que foi o melhor ano da minha vida. Eu só queria passar de semestre, hoje eu preciso sobreviver, e isso me assusta um pouco. Na verdade, até demais.

— Todos nós. — Marco diz, nos puxando para a mesa de volta. Eu estava envolvida na nuvem de nostalgia. — A vida adulta é isso. Sobrevivência. É como ser a presa da do leão naqueles programas de vida selvagens. Parece que nunca iremos parar de correr, nunca chegaremos a tempo e nunca estaremos a salvo. E não estamos. Um dia é faculdade, outra é um trabalho, depois casamento e filhos. Parece que apenas seremos isso. Todos os meus irmãos têm filhos, mas eu ainda estou tentando encontrar meu lugar no mundo. Só um dia como hoje para esquecer que em casa temos prazo, temos contas e temos que comer saudável.

PERIGOSAS ACHERON

— Caro amigo, — digo, pegando a garrafa de cerveja à minha frente — eu bebo a isso! — Todos viramos em um gole a maior parte de bebida. — Eu não quero ser julgada por ser a pessoa que jogou tudo para cima por um sonho. Passei minha vida toda sendo julgada, por minha cor de pele, por meus cabelos, por não ser igual ao meu irmão. Eu só queria poder fazer qualquer coisa da minha vida. Eu poderia ter me apaixonado antes, se eu tivesse menos coisas na cabeça, como me preocupar em ter que provar que, independente de qualquer coisa, eu era boa. Em tudo. Eu precisava ser boa, nesse mundo eu preciso me provar por ser mulher, por ser negra e escritora. A louca de sonho impossível.

— Então é isso? — Heitor pergunta, encarando cada um ali. — Somos tudo que não queremos ser e sim o que nos obrigaram a ser?

De certa forma, sim. Somos tudo isso. E agora me volta ao pensamento: somos uma sombra. O mundo tirou várias coisas importantes, como nosso tempo, energia e paixão. E eu sinto muito em pensar assim.

— Essa viagem tem que acontecer uma vez por

PERIGOSAS ACHERON

ano. — Bella diz, ao respirar fundo. — Pode não ser juntos. Mas precisamos sair do lugar que nos mantém reféns, mesmo que faça o que ama, quando se é pago perde-se um pouco da magia. Eu amo ler, mas é meu trabalho. Há muito tempo eu não leio nada que eu quis ler e sim o que me pediram. Não estou reclamando, apenas não tenho a opção de escolher.

— Você pode ler meu livro. — As palavras pulam da minha boca.

— Achei que você nunca ia pedir. — Ela estica a mão e segura a minha.

— Achei que não quisesse. — Sinto uma leve vergonha se apossar de mim. — Mas, primeiro, Heitor vai ler. Eu prometi que ele seria o primeiro.

— Sério, Gika? — Ben atalha, cruzando os braços. — De todo mundo você escolheu Heitor para ser o primeiro? Eu sou seu irmão, que te leva biscoitos e barras de chocolate.

Desvio meu olhar até Heitor, que tem um sorriso abusado no rosto. Eu vou sentir saudade de seu rosto cheio de pretensão, de seu humor e do timbre de sua voz. Mas, por causa dele, eu saberei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escrever a mais verdadeira, a mais piegas, a realidade sobre a paixão. Não importa o termo que você use. Não importa o quanto você ache irreal se apaixonar à primeira vista. Os cientistas estavam certos, não precisamos de mais. Quando for, será.

— Eu devo isso a ele — digo, indo até seus lábios e me apossando de algo que demorarei um pouco para ter novamente.

— Ah, mas você deve mesmo. — Ele confirma, me fazendo revirar os olhos. — Gika, você sabe disso. Vou deixar você me usar como laboratório de escrita.

— Isso existe? — Ben interrompe o momento. — Não lembro de isso ser algo real.

— Você está com ciúmes. — Heitor dispara contra Ben. — Cara, é normal. Não precisa ficar com ciúmes porque elas me acham lindo. Porque sua irmã quer que eu leia. Eu a ajudei a ser a jornalista de hoje, consequentemente, eu a ajudei na escrita, e agora eu ajudei em outras coisas.

— Cuidado. — Ben adverte. — Seu primeiro confronto não será na Síria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai para a Síria? — Pergunto, chocada. Como não perguntei antes? Na minha cabeça era Paris. Mas, na minha cabeça, tudo é melhor em Paris. — São seis meses. Isso não me faz bem.

— Não faz a ninguém. — Bella suspira, encostando a cabeça no ombro de Marco. — Então, é isso? Ben vai embora se tornar um doutor. Heitor vai tentar mostrar o que o mundo não vê, e Giovanna Sanches será a próxima escritora de romance que baterá todos os recordes de vendas.

— Eu não tenho um manuscrito, mas eu já estou batendo recordes de venda? — Ela dá de ombros no fazendo rir. — Uma longa jornada, isso sim.

— Nicholas Sparks. — Eli atalha, apontando o título do livro. — Tente ser Surpreendente.

— Maurício Gomyde — Bella rebate. Os meninos estão definitivamente perdidos ali, acho, menos Heitor. — Sempre poderá ficar em Silêncio...

— Becca Fitzpatrick — interrompo —, mas não ficarei Sem Esperança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Colleen Hoover, *bitch*. — Eli diz, soltando um beijo no ar. — Mas se lembre de nunca perder A Esperança.

— Suzanne Collins — Heitor interrompe, como se fosse seu grande momento; — Eu curto distopias.

Nossa gargalhada exagerada ressoa no recinto e o pessoal ao redor nos olha.

Poderíamos passar a noite fazendo referencias a títulos de livros. E isso apenas bastava. É isso que eu amo. A simplicidade, o apoio. Então, o que eu acho.

O mundo sempre precisará de O Jogo da verdade, e tudo pode acabar em um Arranjo Perfeito. Sempre poderá existir Mais Uma Chances para o Amor e, infelizmente O Amor Nem Sempre Mora ao Lado. Tudo pode ser Apenas Por Uma Noite ou todos sermos Amantes por Acaso. Podemos passar 365 Noites em Paris, mas só importará se houver amor ao nosso lado. E sempre que sentir aquele Calafrio, lembre que seu coração também irá se aquecer. Há sentimentos que não interpretamos. Eu irei me entregar a Escrita

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maldita, porque ela é o que me move e ao mesmo tempo que pode ser minha salvação. Pode ser minha maldição. Mas ,Eu Prometo Tentar dar O Melhor de Mim. E, antes que tudo acabe, lembre-se: nem toda a Chuva Ácida pode destruir você.

PERIGOSAS ACHERON

*“Acalme-se, tudo vai ficar claro
Não dê atenção aos demônios
Eles enchem você de medo
A dificuldade pode trazer você para baixo
Se você se perder, sempre poderá ser encontrada”
Home — Phillip Phillips*



CAPÍTULO QUINZE

— Heitor? — chamo, ainda do banheiro —
Heitor? — O chamo outra vez. Onde diabos este
homem se meteu? — Heitor!

Grito alto o suficiente para o pessoal no saguão
do hotel ouvir. Abro a porta e encontro um quarto
vazio, sem rastro dele ali, a não ser a mala pronta
ao lado da cama. Bufo para o teto. Me deixou
falando sozinha. Quer dizer que ele não ouviu
sequer o que falei por dez minutos – o tempo médio
que levo para conseguir domar meus cabelos e
fazer uma maquiagem do tipo *está natural, mas*
usei tudo que está na minha bolsa – sinto o tornado

PERIGOSAS NACIONAIS

do abandono me atingir, querendo arrastar pelos seus cabelos escada abaixo. Sempre me sinto violenta em relação a ele.

A porta se abre e ele exhibe um sorriso exagerado. Apoio minhas mãos no quadris, pronta para atirar toda minha fúria de ter ficado dez minutos conversando sozinha, mas sinto minhas pernas fraquejarem quando mais alguém entra no quarto. Não, minhas pernas não fraquejam, meu corpo inteiro entra em colapso. Eu não processo aquilo — óbvio que eu não processo muita coisa — mas ali não é minha imaginação. É real e eu não sei o que fazer.

— Conhece esse cara? — Heitor aponta, como se não fosse fácil notar a pessoa atrás dele. — Ei, Gio!

— Meu Deus! Como assim você está no meu quarto? — Dou um passo à frente, mas estou tremendo. É bom demais para ser verdade. — Eu quero tocar você, mas não sei se posso.

Então, um dos meus ídolos sorri para mim. Oh, isso não pode ser real. Ele é tão lindo, e está em minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que pode. — Ele dá um passo em minha direção, mas eu quero vomitar. Eu quero morrer também. — Heitor me contou toda história.

Ele diz ao me afastar. Ele está me tocando. Não importo o que Heitor falou, não quero saber. A mão de Rafael está em meu ombro e eu não quero tomar banho. Quero roubar sua inspiração e criatividade.

— Não acredite em nada — digo, com a voz trêmula. — Ele é um mentiroso.

Ele ri alto. E é tão lindo. Heitor, filho de uma mãe.

— Sinto muito que perdeu o show ontem. — Ele fala diretamente comigo. O mundo pode acabar depois daqui. — Com a vida que levemos, evitamos ficar por último em festivais. Então, você é escritora?

— Quase. Quer dizer, eu quero muito. — Estou atrapalhada. — Comecei, até que percebi que faltava muito para me tornar verdadeira sobre cada palavra escrita, e quando soube que vocês iriam vir para cá, não pensei duas vezes e me tranquei em um carro com mais quatro pessoas. O melhor erro da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Todos precisamos cometer esses erros — ele suspira, ainda sorrindo. Será que eu posso leva-lo para casa? — Espero que possamos nos encontrar em outro show. Agora que estou mais recuperado de tudo, iremos fazer mais shows.

— Obrigada por ter vindo aqui — digo, já mais tranquila, e enfim olho para Heitor. — Significa muito para mim. Quero que saiba que suas músicas me inspiram, de verdade.

— Sempre se lembre de usar o coração. — Assinto às suas palavras.

— Ei, Rafa — uma voz feminina rompe o quarto, me tirando o chão. — O carro chegou. Arthur está chorando, Brenna está chorando e Derek vai implodir. Precisamos ir.

— Por isso nossos shows são os primeiros. — Ele aponta para a noiva. — Irei esperar por esse livro.

Mesmo que ele esteja mentindo, eu não me importo, porque, voluntariamente, ele me abraça, e depois cumprimenta Heitor com um aperto de mão. Callie sorri em despedida e eu solto o ar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você conseguiu um feito — digo, ainda pasma com a surpresa.

— Eu preciso que você lembre de mim quando eu estiver fora. — Não sei se é necessário ele pedir isso, mas tudo bem. — Eu não poderia deixar você vir até aqui e não conhecer ao menos um cara da banda.

— Ele não é um cara da banda — o corrijo. — Ele é O cara da banda. O que você disse para fazê-lo vir até aqui?

— Que eu precisava conquistar uma garota, mas estava indo embora. — Ele me envolve em seus braços. — Precisava fazer algo memorável. Como trazer seu ídolo até o quarto do hotel. Ele topou. Srta. Sanches, eu não sei o que é isso aqui. Nós dois. Eu não sei se existe um *nós dois*, mas eu vou ser aquele filho da mãe egoísta e pretensioso que você conhece e outra vez, no mesmo quarto de hotel, irei lhe fazer um pedido. Por favor, não fique com mais ninguém. Eu tenho um contrato assinado e preciso cumpri-lo, porque tenho contas para pagar.

— E como você pretende fazer isso? — Dou de
PERIGOSAS ACHERON

ombros.

— Fazendo o que sabemos fazer de melhor — arrogante — Escrevendo um para o outro. Eu irei esperar capítulo por capítulo, e provavelmente será uma das melhores coisas que irão acontecer. Não quero pensar sobre a dor das pessoas que irei encontrar lá, mas eu preciso mostrá-la para o mundo.

— Eu escrevo ficção e você, realidade — atesto. Ele assente.

— Mas ainda somos guiados por nossos corações. — Ele beija meus lábios e logo depois me fita. — Precisamos ir. Bella está de ressaca e com amnésia. Acha que terá que ler o livro que estava lendo novamente.

— Sério? — Vou em direção a minha mala e arrasto. — Eu gosto de Bella bêbada. — Meu celular apita uma mensagem e saco o aparelho para ver de quem. Não evito sorrir quando vejo o remetente.

“ Só quero ter certeza que ainda teremos isso”

Eu não olho para ele, ao invés disso, digito uma

PERIGOSAS NACIONAIS

mensagem e ouço seu celular receber.

“ Por enquanto é tudo que teremos”

PERIGOSAS ACHERON



EPÍLOGO

Sete – malditos – meses depois...

O ponto final. A palavra FIM cria outra tonalidade, acaba se tornando algo prazeroso, como comer quando está com fome ou dormir quando está com sono. Nem todo fim precisa ser previsível, não precisa ser chato, não precisa ser o fim.

Todos os personagens que criei continuam vivendo. Continuam vivendo dentro de mim. Se hoje você me perguntar o que tal personagem está fazendo, eu saberei lhe dizer com precisão, porque, de alguma forma, eles estão vivos e eu posso ouvir suas vozes em algum canto da minha mente.

Hoje eu terminei a segunda revisão do meu livro. Talvez para mim não está perfeito, mas eu tenho a aprovação de Bella, Ben e Eli. Que, por incrível que pareça, chorou no final. É, chorou. Talvez fossem todas as lágrimas que estavam

dentro dela desde que terminou com Lucas, apesar de ela e Ben estarem se falando todo dia, mas sem compromisso, nunca entenderei o relacionamento dos jovens de hoje.

O sentimento libertador é de que posso voltar a viver. É, viver. Decidi que encontraria um trabalho, e achei. De certa forma ficar trancada dentro de casa é ruim, mas agora eu faço fotografias, é coisa louca. Eli é chefe do próprio departamento, a Francine a promoveu e isso foi bom para mim. Agora não preciso me preocupar tanto, e tenho inspiração em dobro. Nossas sessões sempre são ao ar livre, e me sinto bem fazendo isso. Eu descobri que gosto mesmo de moda. Incrível.

Ouçõ a buzina gritar lá fora e isso me dá a ideia de que é Bella. Ela ficou de me pegar para irmos ao shopping. Saio do quarto antes que minha mãe tenha um surto e me direciono escada abaixo.

— *Cris sabia. Ela sempre soube que seu amor iria sobreviver. Ela sabia no minuto que olhou para Ricardo. Seu coração palpitou. Foi forte, mais forte do que ela previu, e sabia que, mesmo depois de todos esses anos, seu coração ainda era*

dele. Eu poderia dizer que eles viveram felizes para sempre, mas pode ter havido brigas entre o percurso. Não estou aqui para contar mentiras. Fim.

— Heitor... — digo, surpresa ao encontrá-lo sozinho encostado contra o carro de sua madrasta.

— Olá, srta. Sanches. — Ele diz, cortês. Sabe ser ridículo como ninguém. — Estou até com vergonha. No final de seu livro você disse que não mente, mas eu fiz minha irmã omitir a verdade.

— Não venha fazer jogos de palavras. — Estou a centímetros dele. — Achei que não chegaria até amanhã.

— Como disse... — ele dá um passo em minha direção. — Omissão de fatos. Quero saber se, assim como Cris, eu ainda tenho alguma chance.

— Você leu a primeira página do livro? — Ele está com o livro impresso nas mãos. — Dedicado a...

— Heitor, por destruir minha vida. — Está escrito exatamente isso. — É, desculpa, mas o que eu posso fazer se me tornei irresistível?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai começar tudo de novo... — protesto.

— Eu sei que sentiu falta. — Espero ele se aproximar mais um pouco, então me inclino, alcançando seus lábios.

Nem tudo que acontece em Sonora, fica em Sonora. E eu devo ser grata sobre isso.

AGRADECIMENTO

Eu dedico este livro a minhas queridas parceiras que foram de uma grande ajuda, me incentivando quando o bloqueio me abraçou!

Obrigada por estarem comigo em mais um universo. Sem vocês nada disso seria possível!

PERIGOSAS ACHERON